

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E
LITERÁRIOS EM INGLÊS

MARIA CAROLINA CASATI DIGIAMPIETRI

**Narrativas de mães ouvintes de crianças surdas: oralidade, metáfora
e poesia**

São Paulo
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E
LITERÁRIOS EM INGLÊS

**Narrativas de mães ouvintes de crianças surdas: oralidade, metáfora
e poesia**

Maria Carolina Casati Digiampietri

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Leland Emerson McCleary

São Paulo
2009

*Aos meus pais, Brogio e Figênia, por
tudo o que foram e, assim, terem feito
de mim tudo o que sou...*

Agradecimentos

A Deus, por derramar sobre mim tantas bênçãos!

A Leland, por acreditar em mim e me dar, com este projeto, a oportunidade de adentrar em um “maravilhoso mundo novo”. Obrigada por todo conselho, carinho e, principalmente, por me ensinar a perseverar, sempre!

A Benvenuto Gabriele, por tudo o que tem feito.

A todos os membros da minha família, em especial a Vó Zélia, Vó Tereza, Tia Lenir e Tio Dirceu, Tia Adelaide, Tia Dja e Tio Aristóteles e Ledir por todo amor.

A Luciano, por fazer a mágica acontecer, sempre!

A madrinha Lúcia, padrinho Fô e irmão Lúcio. pelas conversas encorajadoras de todas as horas e pela dedicação e afeto que só o amor que sentimos uns pelos outros pode explicar!

A Véra e Edson, por todo incentivo.

Às meninas do G7: Beta, Dani, Fer, Má, Renata e Néia, por serem quem são: minhas amigas! Obrigada por fazerem parte da minha vida há tanto tempo e permitirem que eu faça parte da vida de todas vocês!

A todas as mães (pais, avós e irmã) que participaram do projeto. Obrigada D. Ângela, D. Ana Júlia, D. Luiza, D. Madalena, D. Raquel, Sr. Gustavo, Sr. André Luiz e Renata! Obrigada por compartilhar momentos tão marcantes e, assim, permitir que eu entrasse (um pouquinho) na vida de cada um de vocês! Suas experiências me tocaram profundamente e transformaram a minha vida! Sem vocês, este projeto não teria o menor sentido de existir.

À Dra. Regina pela escuta paciente e amorosa, obrigada!

À mãe Yarabasham e a todos os filhos e orixás que assistem o Templo Espiritualista Caminho da Luz Divina, pela fé que sempre depositaram em mim. Obrigada por abrirem meus caminhos!

A todos os membros do grupo Estudos da Comunidade Surda: Língua, Cultura, História (ECS) por todo apoio acadêmico, sugestões e críticas construtivas. Particularmente, agradeço a Tarcísio Leite por todo apoio desde meus primeiros passos na vida acadêmica.

Agradeço especialmente também a Renata Moreira, Juliana Nasser, Thais Barbosa, Fernanda Canever, Neiva de Aquino e André Xavier pelo carinho, ajuda, risadas e conversas que me fortaleceram ao longo deste projeto.

Às professoras Ida Lichtig e Maria Silvia Cárnio, por me abrirem as portas do Centro de Docência e Pesquisa do Departamento de Fisioterapia Fonoaudiologia e Terapia da Clínica de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da USP e viabilizarem, dessa forma, a realização das entrevistas.

Às professoras Evani Viotti e Elizabeth Harkot de La Taille pelas considerações preciosas feitas na qualificação.

À CNPq, pela bolsa que permitiu minha dedicação exclusiva à pesquisa.

À Escola do Futuro, pelo apoio infra-estrutural oferecido ao grupo ECS.

Resumo

CASATI DIGIAMPIETRI, Maria Carolina. **Narrativas de mães ouvintes de crianças surdas: oralidade, metáfora e poesia.** 2009. 226 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

O objetivo deste trabalho é realizar uma análise lingüística de narrativas de mães ouvintes acerca da experiência de nascimento e criação de um filho surdo. No Brasil, calcula-se que 95% das pessoas que nascem surdas ou que se tornam surdas nos primeiros anos de vida são provenientes de famílias ouvintes que, normalmente, demoram alguns anos para perceber a falta de audição de seus filhos. Muitos pais ouvintes não têm um histórico de surdez na família e, por vezes, nunca tiveram contato com uma pessoa surda. Desconhecem, portanto, as particularidades da surdez e, na maioria das vezes, a enxergam como uma deficiência. Para agravar a situação, grande parte da comunidade médica, talvez inadvertidamente, enfatiza para os pais uma visão patológica da surdez ao centrar-se na questão da perda da audição. Sem informações e acreditando que seus filhos são deficientes, muitos pais ouvintes deixam de interagir com as crianças; ou restringem sua interação à satisfação de algumas necessidades básicas da criança, usando “sinais caseiros” para expressar que está na hora de comer, dormir ou brincar, por exemplo. Ainda que muitos estudos (Crocker, 2004; Gregory & Knight, 1998; Lane, Hoffmeister & Bahan, 1996) descrevam o chamado período de luto – período no qual as mães ouvintes descobrem a surdez dos filhos e se comportam como se o filho que esperavam tivesse, de fato, morrido – o presente trabalho se concentra nas estratégias que as mães ouvintes desenvolvem para sair desse período e se relacionar com seus filhos. As principais referências metodológicas utilizadas nesta pesquisa foram os estudos sobre narrativas desenvolvidos por Bruner (1990, 1995, 2004), Gee (1985, 1989, 2005), Labov (1967, 1997, 2001) e Ong (2006). Além disso, também embasaram este trabalho estudos desenvolvidos na Lingüística Cognitiva que se referem ao uso de metáforas no discurso cotidiano (Lakoff & Johnson, 1980; Oakley, 2005; Talmy, 2000). Para a formação do corpus desta pesquisa, foram realizadas entrevistas com mães ouvintes de crianças surdas, seguindo os procedimentos de história oral propostos por Meihy (1991, 2005, 2007). Considerando as

particularidades da língua oral, as narrativas que compõem o corpus desta pesquisa foram transcritas de modo a ressaltar os ritmos, intermitências e estruturas, característicos do discurso oral e divididas em unidades entoacionais (Chafe, 1994), estrofes (Gee, 1989) e ‘grandes histórias’ (Bell, 1988). Essa transcrição originou um modelo de apresentação de narrativas orais que buscou privilegiar os contornos da língua oral e enfatizar a interação entre pesquisador e entrevistado presente na situação particular da entrevista. A análise das narrativas mostrou que as mães ouvintes se valem de metáforas a fim de atribuir significados à sua experiência. A análise também mostrou a eficácia do modelo desenvolvido no que tange à evidenciação da estrutura dada pelas entrevistadas às suas narrativas, bem como no que diz respeito à interação e aos processos de negociação de tomada de turnos de fala entre os participantes da entrevista.

Palavras-chave: análise de narrativas orais, estudos surdos, lingüística cognitiva, história de vida, história oral.

Abstract

CASATI DIGIAMPIETRI, Maria Carolina. **Hearing mothers of deaf children narratives: orality, metaphor and poetry**. 2009. 226 pp. Thesis (Master's Degree) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

This research proposes a linguistic analysis of narratives by hearing mothers about their experience of giving birth to and raising a deaf child. In Brazil around 95% of people being born deaf or who become deaf at early ages come from hearing families, who often do not notice the deafness of their children for some time. Most hearing parents have no deafness in their families and have never had contact with deaf people. Therefore, they do not know the specificities of deafness and tend to see it as disability. One thing that can make this situation even worse is that most doctors give parents a pathological view of deafness by focusing only on the hearing handicap. Because of the lack of information and the belief that their children are disabled, many hearing parents stop interacting with them or constrain their interaction to the use of home signs expressing things like time to eat, time to go to bed or time to play. Even though much research (Crocker, 2004; Gregory & Knight, 1998; Lane, Hoffmeister & Bahan, 1996) describes the so-called mourning period – when hearing mothers find out their children's deafness and behave as if their child whom they had been expecting, indeed, died – this research focus on the strategies developed by hearing mothers to overcome this period and start relating to their child. The main references for this research were studies on narratives developed by Bruner (1990, 1995, 2004), Gee (1985, 1989, 2005), Labov (1967, 1997, 2001) e Ong (2006) and studies on metaphors of everyday language developed within the Cognitive Linguistics framework. In order to constitute the corpus of the present study, interviews with hearing mothers of a deaf child were conducted following the procedures of oral history proposed by Meihy (1991, 2005, 2007). Taking into account the peculiarities of oral language, the narratives which make up the corpus of this research were transcribed to reflect the rhythms and structures typical of oral speech, and divided into intonational units (Chafe, 1994), strophes (Gee, 1989) and stories (Bell, 1988). This transcription gave origin to a model of oral narrative presentation that highlights the peculiarities of oral speech and emphasizes the

interaction between the researcher/interviewer and the person interviewed. The analysis of the narratives showed that hearing mothers use metaphors in order to give meaning to their experience. This analysis also showed the effectiveness of the model developed for this study in relation to both the observation of structure built into the narration by the interviewee and the interaction and processes of negotiation of turn-takings between the participants of the interview.

Keywords: oral narratives analysis, deaf studies, cognitive linguistics, life story, oral history.

Sumário

1.	Introdução.....	12
1.1.	Histórico da pesquisa.....	12
1.2.	O contexto no qual o trabalho se insere.....	14
1.3.	Objetivos do trabalho	17
1.4.	Plano da dissertação.....	18
2.	Fundamentação Teórica : O estudo de narrativas.....	20
2.1.	Introdução.....	20
2.2.	O que são as narrativas	20
2.2.1.	A narrativa como organização da experiência.....	22
2.2.2.	A iconicidade narrativa.....	22
2.2.3.	A reportabilidade e a credibilidade narrativa	23
2.2.4.	Estrutura narrativa além da seqüencialidade	25
2.3.	As narrativas orais	26
2.3.1.	As características da língua oral	27
2.3.2.	As diferenças entre língua oral e texto escrito.....	29
2.3.3.	Narrativas provenientes de entrevistas	30
2.4.	A apresentação e análise de narrativas orais	33
2.4.1.	A organização das narrativas em unidades entoacionais.....	34
2.4.2.	A organização das narrativas em forma poética.....	35
2.4.3.	A narrativa como um simulacro da dinâmica de forças	36
2.5.	Considerações finais	39
3.	Metodologia.....	41
3.1.	Introdução.....	41
3.2.	A escolha da história oral	41
3.3.	A realização das entrevistas.....	43
3.3.1.	A transcrição das entrevistas	45
3.4.	As possibilidades de modelo proposto	47
3.4.1.	Interação pesquisador-entrevistado	48
3.5.	Considerações Finais	49
4.	Análise dos dados	50
4.1.	Introdução.....	50
4.2.	Aspectos Formais	51
4.2.1.	Repetições.....	51
4.2.2.	Refrões.....	54
4.3.	Temas recorrentes.....	57
4.3.1.	A importância da informação no momento do diagnóstico.....	58
4.3.2.	O papel das fonoaudiólogas.....	59
4.3.3.	A descoberta da libras.....	60
4.3.4.	As dúvidas em relação ao implante coclear.....	62
4.3.5.	O encontro com um surdo adulto	63
4.3.6.	Mercado de trabalho e relacionamento amorosos	64
4.4.	D. Luiza: metáforas e dinâmica de forças	65
4.5.	D. Ana Júlia: categorização	71
4.6.	Considerações finais	76

5. Considerações Finais	78
Referências Bibliográficas.....	81
6. Anexos.....	87
6.1. Carta de Cessão	87
6.2. Entrevistas	88
6.2.1. D. Ana Júlia	88
6.2.2. D. Ângela.....	110
6.2.3. D. Luiza	140
6.2.4. D. Madalena.....	171
6.2.5. D. Raquel	205

1. Introdução

Uma das atividades mais comuns da vida social é a de compartilhar histórias. Em nossas interações e conversas, diálogos e encontros freqüentemente relatamos situações acontecidas e também ouvimos os outros compartilharem suas experiências conosco. Estamos, portanto, o tempo todo produzindo, ouvindo e participando de narrativas. Meu interesse pelas histórias de vida das pessoas começou quando eu ainda era pequena. Posso afirmar que, de uma maneira ou de outra, sempre estive rodeada de narrativas de experiências pessoais. Meu pai, por exemplo, passava tardes inteiras me contando sobre sua infância pobre na Itália, o terror vivido durante a 2ª Guerra e as aventuras amorosas e as estranhezas culturais que viveu quando, depois do fim da Guerra, desembarcou no Brasil para trabalhar com metalurgia. Minha mãe, por sua vez, sempre compartilhou comigo as histórias de sua infância livre e feliz no pantanal sul-matogrossense, das descobertas que fez ao chegar em São Paulo ainda moça e do “amor para toda a vida” que viveu com meu pai. Minha casa era tão repleta de narrativas que eu tinha permissão de escrever em um pedaço da parede as histórias que inventava sobre as pessoas na Praça da República que eu observava atentamente da janela do meu quarto.

1.1. Histórico da pesquisa

O ingresso na faculdade de Letras me pareceu, portanto, um caminho natural. Em meados de 2002, meu então professor de Língua e Cultura, Leland McCleary, enviou um e-mail convidando toda a turma para um ciclo de palestras na UNICAMP sobre línguas de sinais. Eu participei do ciclo de palestras e, ao ver meu interesse no assunto, o prof. Leland me convidou para começar um projeto de iniciação científica. Ele me disse que estava iniciando um grupo de pesquisa chamado Estudos da Comunidade Surda: Língua, Cultura, História (ECS) que contava com professores e alunos dos departamentos de Letras Modernas, Lingüística, Antropologia e História da USP, interessados nas questões ligadas à comunidade surda brasileira e à língua de sinais brasileira (libras). O professor me explicou também que um de seus alunos, Tarcísio Leite, estava desenvolvendo uma pesquisa com professores surdos de libras.

Como Tarcísio estava freqüentando as reuniões do NEHO (Núcleo de Estudos em História Oral) e utilizando o método de pesquisa desenvolvido pelo Prof. Meihy e seus alunos, ficou decidido que eu também usaria a metodologia de História Oral proposta pelo NEHO na minha pesquisa. O objetivo dessa pesquisa era analisar quais eram as principais dificuldades que pais ouvintes de crianças surdas encontravam para aprender libras. Passei a freqüentar aulas de libras na FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos) e lá conheci as mães e pais que viria a entrevistar para o meu projeto. Foram realizadas entrevistas de história oral de vida com duas famílias ouvintes (2 pais e 2 mães).

A análise das narrativas mostrou que muito antes de começar o processo de aprendizado de libras, os pais ouvintes passam por uma fase de adaptação, na qual precisam entender o que é surdez, quais as diferenças entre crianças surdas e ouvintes, o que são línguas sinalizadas e quais as opções escolares e profissionais que estão disponíveis para seus filhos. Os resultados da pesquisa de iniciação científica mostraram que as maiores preocupações apresentadas por esses pais em relação a seus filhos dizem respeito à vida escolar, o relacionamento com a família, a possibilidade de oralização, o futuro profissional, a superproteção dos pais, a ignorância social em relação à surdez, o preconceito em relação ao surdo, a dificuldade de transmissão de conceitos abstratos e a falta de uma metodologia específica de ensino para esse público alvo (Casati, 2005).

Ao final do projeto de iniciação científica, percebi que ainda havia muito que ser estudado. Por isso, optei por continuar a estudar as relações entre pais ouvintes e filhos surdos no projeto de mestrado. A idéia era limitar ainda mais o horizonte da pesquisa a fim de obter resultados que me possibilitassem entender mais profundamente quais eram as relações que se constituíam entre pais ouvintes e crianças surdas. A fim de desenvolver este novo projeto, voltei mais uma vez aos resultados da pesquisa de iniciação científica. Esse trabalho mostrou que, assim como ocorre em famílias ouvintes, as mães são os membros da família que mais vivenciam a experiência de criar um filho surdo. Elas passam mais tempo ao lado da criança e, se trabalham fora de casa, geralmente abandonam seus empregos para cuidar de seus filhos. Além disso, nos casos de pais separados, na maioria das vezes, são as mães que permanecem com os filhos. De acordo com Bell (2004), as mães passam mais tempo com seus filhos porque, em grande parte das sociedades, a criação dos filhos é vista como uma tarefa (quase) exclusiva da mulher (p.47). Segundo a autora, nessas culturas, a

maternidade é entendida como algo sacrificante e que demanda tempo, esforço e sofrimento por parte das mulheres (p.68). Por isso, ainda que no presente projeto tenham sido realizadas entrevistas com dois pais e uma irmã de uma criança surda, a análise será realizada nas entrevistas de mães de crianças surdas ou avós que ocupam esse papel na família.

1.2. O contexto no qual o trabalho se insere

Entender como são construídas as relações entre pais ouvintes e crianças surdas é importante porque são as escolhas (opções, decisões) dos pais quando os filhos são pequenos (e.g. em qual escola vão estudar, se vão ou não ser oralizados, se irão usar aparelhos ou fazer um implante coclear) que vão determinar o futuro a curto e médio prazos dessas crianças. Frequentemente, cobra-se que os pais ouvintes tenham uma postura quase super-humana e, com limitada ou quase nenhuma informação, enfrentem os sentimentos confusos e estranhos que têm em relação a si mesmos e ao filho depois do momento do diagnóstico da surdez (Bergmann, 2001). É importante, portanto, saber quais são os fatores que entram em jogo quando os pais ouvintes passam a tomar decisões acerca da vida de seus filhos surdos.

Já nos primeiros anos de vida, a surdez exerce uma grande influência no tipo de interação que irá ocorrer entre pais ouvintes e crianças surdas. Como são surdas, essas crianças não adquirem a língua de seus pais, pois não a escutam. Essa particularidade de aquisição lingüística tem duas importantes conseqüências: a primeira é a grande diversidade lingüística dos surdos e, a segunda, é a natureza específica da língua natural desse grupo: a língua de sinais. Por causa dos diferentes níveis de surdez e das circunstâncias pelas quais um surdo pode desenvolver língua, muitos cenários lingüísticos são possíveis, desde o uso exclusivo da língua falada pela comunidade majoritária ouvinte, até o uso exclusivo da língua de sinais da comunidade surda.¹ Além disso, observa-se que, em muitos casos, devido a fatores tais como grau de surdez e conhecimento da língua de sinais, muitos surdos se comunicam minimamente e não desenvolvem por completo nenhuma das duas línguas, nem a oral, nem a sinalizada. Observa-se que um número muito

¹ Por se tratar de um conceito complexo e variável, o termo *comunidade* está sendo usado de maneira coloquial nesta dissertação.

restrito de pessoas que nasceram surdas em famílias ouvintes ou que ficaram surdas nos primeiros anos de vida se torna fluente na língua oral da comunidade à qual pertencem.² E, essa fluência, quando ocorre, só se dá depois de muito treino e esforço.

Observa-se que a fluência na língua oral é muito apreciada pela comunidade ouvinte. Em famílias ouvintes com filhos ouvintes, por exemplo, o momento das primeiras palavras é celebrado com euforia e entusiasmo pelos pais que, muitas vezes, competem para ver se o filho vai falar primeiro ‘papai’ ou ‘mamãe’.³

Para os indivíduos surdos, a melhor possibilidade de domínio total de uma língua se dá por meio da língua de sinais. Infelizmente, o acesso às línguas sinalizadas nem sempre é garantido a esses indivíduos em seus primeiros anos de vida. Como mencionado anteriormente, a grande maioria dos surdos nasce em famílias ouvintes que desconhecem as características da surdez e a língua de sinais (McCleary, 2003). É comum, por exemplo, os pais ouvintes compartilharem da opinião da sociedade majoritária ouvinte e não entenderem por que seus filhos não conseguem aprender a língua oral que dominam por meio da leitura de textos escritos, já que eles não são cegos e teriam, em tese, total acesso a esses textos. Esse pensamento reflete a falta de informação das pessoas em relação às línguas sinalizadas e ao letramento. Crianças ouvintes, por exemplo, só aprendem a ler quando entram na escola e depois de já terem desenvolvido a língua oral quase que completamente. A grafia que aprendem corresponde, em certa medida, à língua oral que essas crianças falam, o que torna esse aprendizado mais fácil. Ainda assim, nada garante que essas crianças serão, futuramente, proficientes em leitura e escrita. Com as crianças surdas a situação é ainda mais complicada. Quando o indivíduo nasce surdo, – e não teve, portanto, a oportunidade de adquirir uma língua oral – muitos fatores entram em jogo para que ele possa aprender e ser fluente em uma língua oral. Entre esses fatores podemos citar: o nível de surdez que esse indivíduo possui, a potência e a efetividade dos aparelhos auditivos que ele venha a usar, a intensidade do treinamento ao qual ele se submete e o

² “Fluência” está sendo entendido nesta dissertação como autonomia lingüística, ou seja, a como a capacidade de cumprir todas as etapas da vida social por meio do uso da língua oral, desde um bate-papo informal até a possibilidade de prestar um depoimento oficial, por exemplo.

³ O desejo dessas serem as primeiras palavras a ser ditas pelas crianças é tão forte para as mães que quando perguntadas sobre um momento marcante que tiveram com seus filhos surdos, as mães ouvintes entrevistadas para o projeto de iniciação científica relataram o episódio no qual (depois de muito treino fonológico) seus filhos falaram pela primeira vez ‘mamãe’ (Casati, 2005).

ambiente no qual esse treinamento acontece. Mesmo quando todas essas variáveis estão a favor do indivíduo surdo, é extremamente raro que um surdo se torne fluente em uma língua oral. Além disso, é preciso considerar o fato que essas duas línguas se desenvolvem em modalidades diferentes: as línguas faladas são auditivo-orais e as sinalizadas, gesto-visuais. Por isso, também é complicado para os surdos aprender a grafia das palavras presentes na língua oral da comunidade ouvinte em que vivem porque, como já foi dito, esta está muito presa às características orais da língua que representa.

O cenário ideal para que uma criança surda aprenda língua de sinais e não sofra posteriores danos lingüísticos é crescer em um ambiente em que essa língua esteja presente o tempo todo (Padden 1989; Wilcox 1994). No melhor dos mundos, assim que descobrissem a surdez de seus filhos, os pais ouvintes iniciariam o aprendizado de língua de sinais, interagiriam com seus filhos nessa língua e possibilitariam que eles tivessem contatos com outros falantes dessa língua, como surdos adultos, por exemplo. Infelizmente, na grande maioria dos casos, os pais não conhecem a língua de sinais e, quando sabem da existência dessa língua, a rejeitam ou carregam preconceitos acerca da língua (e.g. têm medo que seus filhos se tornem “diferentes” e sejam excluídos se usarem línguas sinalizadas para se comunicar) (McCleary, 2003: 105-108).

Para agravar a situação, é comum que membros da comunidade médica reforcem para os pais uma visão patológica da surdez (Skliar, 2006; Wilcox & Wilcox, 1997).⁴Esses profissionais, talvez inadvertidamente e também devido às características de sua profissão, se concentram na questão da perda auditiva e acabam fazendo com que a criança se transforme em paciente. Esta criança-paciente-surda deve consultar um otorrinolaringologista que irá determinar a causa da surdez, um fono que quantificará e classificará a perda e um terapeuta da fala que a ajudará a desenvolver a comunicação oral da melhor maneira possível. Dessa forma, a identidade de filho da criança passa a competir com uma identidade de paciente e, seus pais passam a ser também seus professores,

⁴ Pode-se dizer que há duas visões sobre a surdez: a patológica e a sociológica. Na visão patológica, a surdez é encarada como uma doença que deve ser curada e o surdo é visto como um deficiente, alguém que não possui certas características que a sociedade majoritária possui. Em um ponto de vista sociológico, a surdez é vista como uma diferença, nesse caso, uma diferença lingüística. O surdo é considerado como alguém que faz parte de um grupo lingüístico diferente (Skliar, 2006; Wilcox & Wilcox, 1997). Alguns autores marcam essa diferença de visões grafando surdos (com “s” minúsculo) quando fazem referência ao caráter patológico da surdez, e Surdos (com “S” maiúsculo), para se referir à surdez enquanto identidade de diferença cultural (LeMaster & Monaghan, 2008; Sacks, 1998).

reabilitadores e técnicos (Luz, 2005). Sem informações que possam se contrapor a essas que remetam à patologia e à doença e acreditando que seus filhos são e sempre serão deficientes, muitos pais ouvintes deixam de interagir com as crianças, ou quando interagem, o fazem apenas para satisfazer algumas necessidades básicas da criança e criam alguns ‘sinais caseiros’ para expressar que está na hora de comer, dormir ou brincar, por exemplo (Lane, Hoffmeister & Bahan 1996). Trata-se de gestos que acabam se tornando a única língua dessas crianças. Assim, muitas crianças surdas chegam à idade escolar sem língua nenhuma.⁵ O resultado dessa situação: os surdos são vistos como ouvintes deficientes, portadores de uma patologia que deve ser tratada, curada (Leite, 2004).

1.3. Objetivos do trabalho

Para suprir uma demanda por informações acerca das relações que se constituem entre pais ouvintes e crianças surdas foram realizadas as entrevistas que compõem o *corpus* desta dissertação.

O principal objetivo deste trabalho é realizar uma análise lingüística das narrativas de mães ouvintes sobre a experiência da criação de filhos surdos. Procuo com esta dissertação, por meio da análise de entrevistas de história de vida, apreender o que as mães ouvintes têm a dizer sobre a experiência do nascimento e criação de um filho como um todo, sem me ater ao chamado período de luto (Crocker, 2004; Gregory & Knight, 1998; Lane, Hoffmeister & Bahan, 1996). Mais especificamente, o presente trabalho procura responder às seguintes questões:

- Como as mães ouvintes conceitualizam a experiência de ter um filho surdo?
- As mães ouvintes passam, de fato, por um período de luto quando descobrem a surdez de seus filhos?

Este trabalho também tem como objetivo constituir uma coleção de narrativas de mães ouvintes de crianças surdas não só para a realização da referida análise, mas também para a divulgação para o público de famílias ouvintes de crianças surdas.

⁵ Muitas vezes, crianças surdas começam a adquirir sua primeira língua na escola ou, até mesmo, quando começam a ter contato com outros surdos. Alguns surdos adultos descrevem como um “renascimento” a experiência de descoberta do mundo surdo e de uma língua totalmente acessível e expressiva, a língua de sinais (McCleary, 2003: 107).

Para a realização da análise realizada nesta pesquisa foi desenvolvido um modelo de transcrição de narrativas que privilegia a forma da oralidade originalmente apresentada a fim de ressaltar as estruturas e a organização do discurso que formam a base das análises.

1.4. Plano da dissertação

A dissertação está dividida da seguinte maneira. O capítulo 2 apresenta síntese das principais características da narrativa oral. As histórias de vida presentes neste trabalho são narrativas orais e, por isso, faz-se necessária uma explanação acerca desse gênero tão estudado e tão importante para a atribuição de significados à experiência por parte dos seres humanos.

O capítulo 3 desta dissertação apresenta as escolhas metodológicas adotadas nesta pesquisa. É também nesse capítulo que descrevo e apresento meu modelo de apresentação de narrativas orais – um modelo não-prosaico. Trata-se de um modelo icônico que procura manter e enfatizar as características discursivas presentes no momento da entrevista.

O capítulo 4 traz a análise das entrevistas. Primeiro, apresento uma análise baseada dois aspectos formais das narrativas: as repetições e os refrões. A segunda parte do capítulo traz uma análise temática, apresentando os temas comuns a todas as entrevistas deste *corpus*. A terceira parte do capítulo consiste da análise de duas entrevistas presentes no *corpus* da pesquisa. Pode-se dizer que essas narrativas são tentativas de organização da experiência de criar um filho surdo. A fim de compreender e atribuir significados à experiência vivida (que, parece, num primeiro momento, caótica e incoerente), o narrador a organiza na forma de uma narrativa coerente, com começo, meio e fim. Acredito que nessas entrevistas, a estruturação e o significado que as narradoras atribuem às suas experiências são tentativas de normalizar, organizar e compreender essa experiência “fora do comum”.

O capítulo 5 traz a finalização da dissertação apresentando os resultados da pesquisa, o que aprendi com este projeto e quais são os próximos passos que pretendo seguir. Depois de quase três anos retomei o contato com todas as entrevistadas e pude perceber que muita coisa mudou em suas vidas desde nossas entrevistas. Constatando que a mudança se deu na vida de todas as colaboradoras, pedi para uma entrevistada redigir uma carta na qual responderia às dúvidas que narrara em sua entrevista. Apresento, neste último

capítulo, essa carta que pode ser considerada um balanço geral da experiência feito pela própria narradora.

Na seção Anexos desta dissertação estão as entrevistas das cinco mães que colaboraram com este trabalho transcritas de acordo com a proposta desenvolvida e o modelo da carta de cessão que todos os entrevistados assinaram para a autorização de uso de suas entrevistas.

2. Fundamentação Teórica : O estudo de narrativas

2.1. Introdução

O objetivo deste capítulo é apresentar uma discussão sobre o que são as narrativas e sua importância no processo de atribuição de significados por parte dos seres humanos. Em seguida, apresento a definição de narrativa que está sendo adotada nesta pesquisa. Também neste capítulo discuto as razões pelas quais, quando o objetivo do pesquisador é manter os traços da oralidade presentes nas entrevistas, apresentar o relato na forma poética (como é feito neste trabalho) é uma opção viável e poderosa, uma vez que permite que o pesquisador identifique os elementos que o narrador usou para estruturar seu discurso.⁶ Além disso, neste capítulo também faço uma síntese de alguns aspectos teóricos da lingüística cognitiva que servem de base para a análise de duas das entrevistas (teoria da dinâmica de forças, metáfora e categorização).

2.2. O que são as narrativas

“Narrativas são interativas, trans-históricas, transculturais: elas são como a própria vida: simplesmente existem”

(Barthes, 1977)

Contar histórias sobre eventos passados e planos futuros parece ser uma atividade humana universal. Trata-se de uma das primeiras formas de discurso que aprendemos quando crianças e é usada ao longo da vida por pessoas de todas as classes sociais (Riessman, 1993:3). É por meio das narrativas pessoais que os indivíduos exigem o pertencimento a certos grupos sociais, justificam suas atitudes e afirmam suas identidades (Linde, 1993:219).

De acordo com Clandinin & Connelly (2000), é possível dizer que os seres humanos entendem o mundo de forma narrativa e, por isso, faz sentido que nós, pesquisadores, estudemos o mundo também narrativamente. Segundo os autores, a vida é repleta de fragmentos narrativos e apresenta histórias que se desenvolvem ao longo do tempo e em um

⁶ É importante ressaltar que “oralidade” neste contexto se opõe à “escrita” e remete à modalidade lingüística que é efêmera, ritmada e marcada pelas exigências da fala interativa face-a-face em tempo real. Esse assunto vai ser tratado na seção 2.3.

espaço definido. Por isso, a narrativa é o melhor método de representação e entendimento da experiência. (p.17-18). A narrativa sempre despertou o interesse das mais diversas áreas do conhecimento, tais como medicina, antropologia, análise do discurso, psicologia, estudos de gênero, literatura, entre outros. É uma forma básica e constante de expressão humana que pode ser encontrada em todos os grupo sociais, independente de sua etnia, cultura ou língua materna (Hazel, 2007).

Para Riessman (1987), narrativas são representações, formas de reconstruir e interpretar o passado que conectam nossas experiências com o mundo com nossos esforços para descrever essas experiências e significá-las (p.172). Segundo Neugarten (1999), ao narrarmos um evento, estamos reinterpretando o passado com olhos do presente, selecionando nossas memórias e reafirmando a importância dos acontecimentos de outrora a fim de encontrarmos coerência em nossas atitudes atuais (p. 98). De acordo com Bruner (1990, 2004), narrativas mostram como construímos e organizamos o mundo; é por meio delas que atribuímos significados às nossas experiências.

Um tema comum parece ser: é por meio da estrutura narrativa que organizamos e significamos nossas experiências (Mishler, 1986). Um dos motivos que explica a força da estruturação narrativa para a construção de significados é a maneira que conceitualizamos o mundo: como uma série de experiências. Embora suponhamos que essas experiências são continuamente variáveis e sem ligação entre si, nós as analisamos como “eventos”, alguns baseados nos ciclos da natureza (noite e dia, estações do ano), outros em construtos culturais (feriados, semestres, casamentos) (Hazel, 2007). O tempo vivido é dividido, dessa forma, em “marcos” pessoais, tais como: quantos anos permanecemos em um emprego, por quanto tempo tivemos um relacionamento, em quantos meses completamos tal projeto (Oliveira, Rego & Aquino, 2006).

De acordo com esses teóricos, a narrativa é uma estrutura discursiva que serve para organizar algo que é potencialmente caótico: as experiências da vida. Nas próximas seções, vamos explorar como a narrativa organiza a experiência, e especificamente como a narrativa oral se organiza como gênero.

2.2.1. A narrativa como organização da experiência

Segundo Bruner (1990), as narrativas estão fortemente ligadas à cultura dos falantes. Cada grupo social possui um repertório de grandes narrativas que fundamentam as crenças, histórias e valores de suas culturas. Como compartilham com os demais membros da sociedade essas grandes narrativas, os indivíduos as assimilam e as transformam, acrescentando novas narrativas a este repertório e usando-o como base de suas próprias narrativas.

De acordo com o autor, as narrativas que contam experiências pessoais (a autobiografia) são como um gênero literário. Para ele, “as vidas são textos: textos sujeitos à revisão, exegese, re-interpretação”. Para aqueles que narram, as “vidas narradas são textos passíveis de interpretação alternativa” (Bruner, 1995: 142). Essa possibilidade de avaliação do passado – podemos contar ou escrever nossas experiências e depois lê-las ou relembra-las – faz com que nos comprometamos com uma versão dos fatos e, dessa forma, o passado se torna essa versão particular dos eventos ou se adapta a ela (Bruner: 1995: 144).

Bruner (1990), portanto, define a narrativa como o modo pelo qual entendemos e conceitualizamos nossas experiências com o mundo e com outros indivíduos (p. 44). Por um lado, possuímos uma pré-disposição inata e primitiva para organizar e entender o mundo e nossas experiências por meio de narrativas. Por outro, a cultura desde cedo nos equipa (e habilita) com novas interpretações e formas narrativas (p. 80).

A definição de narrativa proposta por Bruner é particularmente importante para este trabalho porque, nesta pesquisa, preocupei-me em encontrar uma forma de apresentação dos dados que privilegiasse a organização da experiência dada pelo narrador, e verificar como essa forma de contar contribui com a atribuição dos significados presentes em cada relato.

2.2.2. A iconicidade narrativa

Labov foi um dos primeiros autores a estudar a forma lingüística das narrativas orais espontâneas. Suas considerações sobre o tema são importantes para todos aqueles que, assim como eu, se dedicam ao estudo de narrativas dessa modalidade oriundas de entrevistas. O autor se baseou num corpus de pequenas narrativas de cunho pessoal

gravadas como respostas a perguntas durante entrevistas com informantes de várias classes sociais em Nova Iorque. Ele demonstrou que as narrativas que apareciam nas entrevistas possuem características bem definidas e seguem algumas regras de elaboração. Em primeiro lugar, narrativas são *seqüenciais*. O falante procura dar seqüência lógica – cronológica e causal – à sua história.

Na sua essência, então, uma narrativa é icônica: ela é uma seqüência de sentenças que descreve uma série de eventos na ordem cronológica em que os eventos aconteceram (Labov e Waletzky, 1967). Observa-se, no entanto, que não é qualquer seqüência de acontecimentos que é narrada. São seqüências de eventos que entraram para a biografia do falante, isto é, que têm um significado especial para o narrador. Esse significado aparece porque a seqüencialidade está fortemente ligada a uma outra característica narrativa: a *causalidade*. Ao selecionar uma série de eventos e colocá-los numa determinada seqüência, o narrador explica como suas experiências aconteceram, detalhando a maneira pela qual um evento o levou a outro, apresentando as causas e as conseqüências de seus atos e escolhas.⁷

2.2.3. A reportabilidade e a credibilidade narrativa

Além da seqüencialidade e da causalidade, a narrativa, para Labov, possui outras duas características que, à primeira vista, parecem contraditórias. Podemos considerar essas características regras para a elaboração de narrativas orais. São as seguintes: a regra da reportabilidade e a da credibilidade. A primeira regra – a da reportabilidade – diz que a narrativa deve versar sobre algo “narrável”, algum evento que seja fora do comum.⁸ A narrativa deve ter como base alguma experiência que apresente um fato extraordinário e que quebre a expectativa do interlocutor. No caso das entrevistas desta pesquisa, o fato extraordinário pode ser visto como o nascimento de uma criança surda dentro de uma

⁷ A possibilidade de estabelecimento de relações de causa e efeito se dá na narrativa porque, ao narrar sua história, o falante já viveu aquelas experiências. Como elas estão no passado, ele já teve tempo de analisar, rever, interpretar e ponderar acerca daquelas vivências, uma vez que está olhando para o passado a partir de um ponto de vista presente.

⁸ É importante mencionar que o fato de ter que versar sobre algo “fora do comum” é uma característica da narrativa proposta por Labov. Em outras áreas do conhecimento, há estudos que não consideram esta uma característica imprescindível para a existência de uma narrativa. Há trabalhos de História Oral, por exemplo, que se dedicam à história do cotidiano e analisam fatos da vida sociais aparentemente “banais” como, por exemplo, a rotina diária de certos grupos sociais.

família ouvinte. A segunda regra – a da credibilidade – parece contradizer a da reportabilidade, uma vez que afirma que, por mais extraordinário que seja o evento, ele deve ser narrado de modo crível. Mas, ainda que pareça contradizer a regra da reportabilidade, a regra da credibilidade afirma que a narrativa deve ser construída de tal modo que o interlocutor acredite que aquilo que está sendo narrado, de fato, aconteceu (Labov, 1997: 405-408).⁹ Nas narrativas analisadas neste trabalho, é possível perceber que a estruturação que as mães dão a seus textos, ao contar sua experiência extraordinária, faz com que o interlocutor se convença de que tudo que é narrado aconteceu de fato.

Assim como Labov, Bruner também fala sobre a credibilidade (ou validação) da narrativa e o caráter extraordinário dos eventos narrados.¹⁰ No que tange à verdade narrativa, o autor afirma que uma narrativa pode ser verdadeira ou ficcional e, ainda assim, ser válida. O que torna a narrativa tão poderosa é o fato de ser tão útil para a organização e compreensão de nossas experiências. A sua força reside, portanto, na sua estrutura e não na sua veracidade. Sobre os eventos que podem/devem ser narrados, Bruner nos lembra Labov, ao dizer que a narrativa deve transformar um fato comum em algo extraordinário. Segundo Bruner (1990), é essa transformação que justifica a existência da narrativa. As principais características da narrativa apontadas pelo autor são:

- falar de algo da ação humana,
- apresentar uma ordem seqüencial e causal de eventos,
- transitar entre o canônico (eventos ordinários) e o não-canônico (eventos ou situações apresentados como algo fora do comum),
- indicar o ponto de vista do narrador (ou os pontos de vista que o narrador pode apresentar durante o relato, e.g. narrador, personagens, pai, amigo) (p. 77).

Vimos, assim, como esses dois autores enfatizam uma das principais funções desse gênero: a possibilidade da narrativa contribuir para que os seres humanos organizem e atribuam significado às suas experiências. Espero, nesta pesquisa, poder mostrar como as mães e avós entrevistadas conceitualizam e organizam a sua experiência de ter um filho surdo, usando o conhecimento lingüístico sobre a forma das narrativas orais como ferramenta de análise.

⁹ Na verdade, de acordo com Labov, o importante é a maneira pela qual o narrador constrói sua narrativa. Ainda que ele deseje tratar de um evento aparentemente comum, deve fazê-lo de tal modo a torná-lo extraordinário, “narrável”.

¹⁰ Em História Oral, o termo “validação” se refere à conferência que o entrevistado faz da entrevista antes de autorizar seu uso e publicação.

2.2.4. Estrutura narrativa além da seqüencialidade

Embora uma seqüenciação icônica de eventos forme a essência da narrativa, Labov mostrou que a narrativa normalmente é equipada — pelo menos nas narrativas orais estudadas — de um conjunto de outras estruturas que ajudam a inserir, demarcar e ressaltar a importância da narrativa dentro da entrevista. Assim ele identifica os seguintes elementos como sendo típicos das narrativas orais:

- **Resumo:** com frequência, narradores iniciam a narrativa com uma ou duas sentenças que sumarizam toda história. Essas sentenças podem ser consideradas um sumário da narrativa;
- **Orientação:** nas sentenças chamadas de “orientação”, o narrador apresenta, de alguma maneira, o tempo, o lugar, as personagens e o que faziam durante a ação. Essas informações podem estar no começo da narrativa, mas, em geral, aparecem em pontos estratégicos do relato;
- **Complicação:** série de sentenças que mostram o desenvolvimento da ação,
- **Avaliação:** sentenças que revelam a atitude do narrador acerca da narrativa por meio da ênfase que é dada a alguns pontos em detrimento de outros. Pode-se dizer que os avaliadores indicam o “porquê” da narrativa;
- **Resolução:** sentenças que indicam que a narrativa está se aproximando do seu final. Essas sentenças “resolvem” as complicações apresentadas;
- **Coda:** dispositivo funcional que retoma a perspectiva verbal para o momento presente (Labov, 2001: 3).

A parte central da narrativa, a que relata a seqüência de eventos, é a complicação; mas ela pode ser recortada de várias formas pelas outras estruturas de apoio.¹¹ No caso das histórias de vida aqui apresentadas, essas estruturas também podem aparecer em relação a estruturas narrativas menores ou maiores, algumas encaixadas em outras. O que parece sempre estar presente é a avaliação. Essa estrutura é a que garante a reportabilidade e a credibilidade da narrativa. Vejamos como a estrutura avaliativa pode ser efetivada por vários meios diferentes.

¹¹ É importante ressaltar que, segundo alguns autores, essas categorias são mais facilmente encontradas em narrativas provenientes de entrevistas, como as que são a base de análise de Labov. De acordo com Georgakopoulou (2006), o entrevistador prototípico tende a abolir interrupções e inibir-se de comunicar suas próprias experiências e opiniões. O entrevistado, por sua vez, procura criar uma história interessante de se ouvir, preenchendo as lacunas e oferecendo o *background* necessário para que o entrevistador o compreenda. Por isso, narrativas provenientes de entrevistas tendem a se desenvolver como atividades bem-estruturadas e preencher todas as categorias clássicas de Labov. Entretanto, argumenta a autora, narrativas que emergem em contextos sociais comuns e conversas ordinárias, tendem a ser menos polidas e menos estruturadas (p. 237-239). Em conversas nas quais os interlocutores têm um alto grau de familiaridade e compartilham muitas informações, por exemplo, dificilmente encontramos seções de *orientação*. Além disso, categorias como *resumo* e *coda* nem sempre estão presentes em narrativas cotidianas (Georgakopoulou & Goustous, 2004: 63).

2.3. As narrativas orais

“To tell a story is to take arms against the threat of time, to resist time, or to harness time. Telling a story preserves the teller from oblivion; the story builds the identity of the teller and the legacy which she or he leaves for the future”

(Portelli, 1991)

A capacidade de narrar remonta à pré-história. Ela faz parte das habilidades que fizeram emergir o homem 'cognitivamente moderno' (Turner 2003). Muito antes da invenção da escrita, as histórias já existiam e eram contadas e recontadas para não caírem no esquecimento e desaparecerem das suas comunidades de origem. Para que esse armazenamento fosse possível, a retenção e a “recuperação” do conhecimento e das histórias de culturas orais demandava que esses conteúdos fossem estruturados de maneira poética. Alguns dos procedimentos usados à época podem nos parecer estranhos, mas são usados até hoje. Entre esses procedimentos podemos destacar o uso de fórmulas, repetições e enredos (Ong, 2006: 141).

Como não possuíam o recurso da escrita, os indivíduos de culturas orais precisavam pensar por meio de padrões mnemônicos que os ajudavam a recuperar idéias e histórias. Para que essa recuperação fosse efetiva, o pensamento deveria ter formulações altamente rítmicas e apresentar muitas repetições, aliterações, assonâncias, expressões formulaicas e blocos temáticos. As narrativas eram, portanto, construídas como se fossem poesias. Observa-se que esse tipo de recurso até pode ser encontrado em textos escritos, mas em culturas orais eles são abundantes.

Como mencionado anteriormente, antes da invenção da escrita, as culturas já transmitiam seus conhecimentos e, até hoje, sociedades ágrafas e letradas também o fazem por meio da língua oral. De acordo com Ong, no entanto, existe uma diferença entre culturas que nunca tiveram contato com a escrita e culturas, como a nossa, nas quais a oralidade convive há muito tempo com a escrita. Nessas últimas, embora a escrita possa imitar as formas da oralidade, ela também desenvolve formas e gêneros próprios ao meio, e essas formas passam a ser imitadas pela oralidade. A fim de apresentar uma situação anterior à escrita, em que a oralidade ainda não sofreu sua influência, Ong reconstrói as características do que ele chama de 'oralidade primária' (Ong, 2006: 6, 31-75) Essas características serão discutidas no item 2.3.1.

Embora Ong (2006) associe “oral” a “sonoro”, no presente trabalho, o termo “oralidade” é entendido não apenas como comunicação face-a-face por meio de uma língua sonora, mas também por meio de uma língua gestual.¹² Dessa forma, comunidades surdas que fazem uso de línguas sinalizadas para se comunicar devem ser vistas pela ótica da oralidade.¹³

2.3.1. As características da língua oral

A oralidade que observamos nas histórias de vida desta pesquisa não é fruto de uma oralidade primária, porque a maioria das suas autoras são letradas, e mesmo às que não o são vivem numa cultura letrada. No entanto, é instrutivo observar, com Ong, as características de uma oralidade primária, para podermos observar os muitos traços que perduram na oralidade do nosso dia-a-dia. Segundo o autor, as principais características do discurso oral são:

- **Aditivo.** Por ter acesso aos diversos contextos que auxiliam no entendimento, o discurso oral não apresenta sentenças elaboradas e que seguem à risca regras gramaticais da escrita. O texto escrito, por não ter acesso aos contextos de produção, depende da estrutura lingüística para ser compreendido.
- **Agregativo.** A língua oral tende a usar expressões compostas por epítetos e fórmulas. Expressões como “princesa” e “soldado” se tornam “linda princesa” e “bravo soldado”, por exemplo. Observa-se que, uma vez cristalizada, uma expressão formulaica não é modificada pelos falantes. Essas fórmulas são criadas porque, sem o sistema da escrita, a quebra de um pensamento torna-se um procedimento de alto risco, visto que é mais difícil retomá-lo (p. 39).
- **Redundante.** O pensamento demanda uma certa continuidade. Na escrita, essa “linha” de raciocínio se estabelece fora da mente (na superfície em que o texto está sendo escrito, e.g. papel, tela, areia, etc.). Se ao realizarmos uma leitura, nos perdermos no meio do texto, é possível voltar algumas frases e continuar o raciocínio (e a leitura). No discurso oral isso é mais complicado: uma vez proferida, a palavra não tem volta. Recursos como a repetição do que já foi dito e redundância auxiliam falantes e interlocutores a não “se perderem” no

¹² McCleary (2003b), propõe o uso do termo “corporalidade” em lugar de oralidade. Essa mudança nos ajudaria a manter em mente a natureza essencialmente “corporal” da interação, sendo ela sonora-auditiva ou gestual-visual. Segundo ele, ambas as modalidades lingüísticas – oral e gestual – são mediadas pelo corpo, são atividades musculares. O termo oralidade é um termo muito comprometido com as línguas orais; “corporalidade” elimina esse viés ao nos lembrar que a língua é sempre arraigada no corpo.

¹³ Ainda que haja – recentemente – algumas propostas de escrita para as línguas de sinais (como o Sign Writing, por exemplo), essas práticas não são adotadas pelos membros das comunidades surdas e seu uso ainda é bastante restrito. Isso significa que a oralidade das comunidades surdas ainda não foi afetada de forma direta pela escrita, pelo menos pela escrita da própria língua gestual.

discurso, pois fazem com que a mente tenha um tempo maior para processar as informações (p. 40).

- **Tradicional.** Culturas ágrafas acreditavam que o conhecimento aprendido desapareceria no ar se não fosse repetido em voz alta. Por isso, essas sociedades investiam muita energia na repetição contínua e quase exata daquilo que tinha sido aprendido e transmitido por gerações. Por ser precioso e difícil de ser adquirido, o conhecimento era, então, confiado aos cuidados dos sábios e anciãos dessas sociedades. Essa prática, em certa medida, inibia a experimentação intelectual, pois procurava manter (quase que de maneira exata) o que tinha sido falado, transmitido e aprendido.¹⁴
- **Próxima ao cotidiano.** Na ausência de categorias mais abstratas e elaboradas, que dependem da escrita para estruturar conhecimentos distantes das experiências vividas, culturas orais precisam conceitualizar e verbalizar todo seu conhecimento por meio de referências ao cotidiano, assimilando o mundo objetivo com o que a experiência de vida e a interação humanas têm de mais familiar (p.42).
- **Tom combativo.** Ao manter o conhecimento “envolto” no cotidiano, a oralidade também o situa em um contexto de luta e combate.¹⁵ Provérbios, charadas e adivinhações não são usados apenas para entreter e armazenar conhecimento, mas também para engajar os indivíduos em combates verbais e intelectuais. Jovens negros dos subúrbios dos EUA, Caribe e outras localidades, por exemplo, ainda hoje se enfrentam em batalhas orais nas quais o oponente tenta desfazer de seu adversário criticando severamente a mãe do “inimigo”. É claro que essas disputas não são brigas reais e sim formas de expressão artística para essas comunidades (p. 44).¹⁶
- **Participativo e não distante do objeto.** Nas sociedades orais, conhecer ou aprender algo significa ter uma identificação íntima com o objeto ou o evento a ser conhecido – o que faz com que o conhecedor desenvolva uma relação subjetiva com o conhecido. A escrita, por sua vez, separa o conhecido do conhecedor por meio da “ilusão” de objetividade, o que faz com que ambos tenham uma relação de distanciamento (p. 45).

¹⁴ É importante ressaltar que, afirmar que essas práticas dificultavam a experimentação intelectual, não é o mesmo que dizer que faltava originalidade a essas sociedades. De fato, essas culturas apresentavam muita criatividade. A novidade, porém, não residia na criação de novas narrativas e sim nas maneiras pelas quais essas narrativas eram contadas (e recontadas) a cada nova audiência (Ong 2006: 41).

¹⁵ De fato, em muitas culturas orais a violência física está presente em grande parte das narrativas. Ao se aproximar mais do romance, a literatura deixa de lado as disputas externas e passa a se focar nos conflitos internos dos personagens (Ong, 2006).

¹⁶ Em *Ways with Words*, Heath (1983) apresenta exemplos dessas expressões artísticas em comunidades orais. A autora faz a descrição dos estilos narrativos de duas comunidades diferentes, Trackton e Roadville. Na primeira comunidade, a habilidade oral combativa e criativa é apreciada pela comunidade e as crianças são incentivadas desde cedo a desenvolvê-la. São criados jogos e brincadeiras, músicas e rimas que incentivam a contação de histórias e as disputas orais que, para essa comunidade, são consideradas obras de arte. Já para a comunidade de Roadville – mais “afetada” pela escrita e pelos modelos escolares de aprendizagem – as histórias devem contar aquilo que “realmente” aconteceu. As histórias são vistas como meios de transmissão da “verdade”. Nessa comunidade, os jogos orais não são incentivados – são considerados apenas brincadeiras e as crianças devem se expressar para dizer “a verdade” dos eventos e situações.

- **Equilíbrio interno.** Culturas orais vivem no tempo presente e mantêm o equilíbrio descartando memórias e lembranças que não possuem relevância no aqui e agora. Obviamente, essas culturas não possuem dicionários – que só foram criados com o advento da escrita – e não apresentam um profundo interesse por definições (p. 47).
- **Situacional.** Todo pensamento conceitual é, em algum grau baseado em abstrações. Até mesmo conceitos mais “concretos” como “árvore” e “leão”, por exemplo, são abstrações das entidades as quais se referem. As culturas orais tendem a usar conceitos mais “concretos” – baseados na situação, no contexto imediato e nas experiências vividas – e pouco abstratos. O que torna esses conceitos mais ou menos abstratos nessas culturas são os usos que os falantes fazem deles e em quais contextos eles são utilizados (p. 49).

As histórias de vida deste trabalho apresentam algumas das características acima mencionadas. Observa-se que elas são bastante redundantes, uma vez que apresentam muitas repetições e refrões em sua estrutura. Essas características serão discutidas no capítulo 4 desta dissertação. Além disso, observa-se que os relatos apresentam uma característica situacional, visto que as entrevistadas levam em consideração o contexto imediato para a formulação de suas narrativas. Também é possível encontrar traços de combatividade nas narrativas visto que, por vezes, as agendas das entrevistadas diferem da agenda do pesquisador e para ter suas perguntas respondidas, o pesquisador precisa negociar com a entrevistada. Esse tipo de combate será exemplificado no capítulo 3 deste trabalho no qual observamos o processo de negociação desenvolvido entre pesquisador e entrevistado para que uma pergunta seja respondida.

2.3.2. As diferenças entre língua oral e texto escrito

A língua oral difere da escrita em muitos pontos. O primeiro deles diz respeito ao prestígio que cada uma dessas modalidades possui. A tecnologia da escrita produziu textos estáveis que se tornaram objeto de estudo e resultaram na criação de gramáticas de línguas clássicas, dicionários de línguas vivas e toda uma tradição teórica baseada em línguas padronizadas pela literatura escrita. Ao longo desse processo, no qual formas escritas da língua se valorizaram, as formas lingüísticas orais ganhavam e perdiam prestígio à medida que refletiam (ou não) o padrão escrito. Com o contato de antropólogos com línguas não-escritas quase extintas de grupos indígenas norte-americanos no começo do século XX que começamos a observar o início de um processo de reavaliação (e reconsideração) das línguas orais (McCleary 2003).

Além de diferenças de prestígio, há outras características que distinguem a língua oral da língua escrita. Enquanto a língua oral é dialógica, baseada no contexto e dependente, em grande medida, da prosódia, a escrita é monológica e atemporal (não depende do contexto imediato).

Devido a essas diferenças, as narrativas orais não podem ser tratadas como textos escritos, sem que elas sofram uma grande transformação. É importante que o pesquisador, ao lidar com esse gênero, leve em consideração as particularidades mencionadas na seção anterior, especialmente no momento da transcrição dos dados. É importante que também se tenha em mente o fato de que as narrativas (transcritas) passaram por diferentes contextos de produção até que adquirissem a forma escrita que será analisada. Conversas, entrevistas, narrativas orais, transcrições e narrativas escritas representam, de fato, comportamentos lingüísticos diferentes. Não podemos considerar nem a conversa nem a entrevista ocasiões “neutras” nas quais a língua compartilhada pelos interlocutores é usada para transferir conhecimentos (por exemplo, um relato pessoal). Uma conversa é um evento lingüístico radicalmente diferente de uma entrevista e a diferença está na língua que é produzida nessas duas situações. O ponto em comum desses eventos é que ambos são ocasiões de negociação de identidades e exercícios de relações de poder. Entretanto, uma narrativa oral que surge de uma entrevista não é intercambiável pela “mesma” narrativa produzida fora deste contexto, em uma conversa, por exemplo (McCleary, 2003).

2.3.3. Narrativas provenientes de entrevistas

As entrevistas de história oral, assim como as que constituem o *corpus* deste trabalho, produzem narrativas que, portanto, podem ser entendidas como seqüências de eventos que organizam e ajudam os narradores a entender e atribuir significados a sua experiência. Essas narrativas emergem e têm seu significado no momento da interação entre os falantes. Dessa forma, as histórias de vida possuem duas características fundamentais que as diferem dos demais tipos de narrativas (e.g. lendas, fábulas, contos de fadas, mitos, relatos, casos do cotidiano, 'causos', etc.): são narrativas autobiográficas que emergiram de entrevistas de história oral.

De acordo com Portelli (1997), em teoria (e na prática), a história oral pode investigar qualquer coisa. Em termos epistemológicos, no entanto, na essência da história oral ainda

reside um foco profundamente temático, que a distingue das demais abordagens de disciplinas que também se baseiam na entrevista e no trabalho de campo. A diferença está no fato de a história oral combinar, na forma narrativa, por um lado, biografia e história, por outro, transformações individuais e seus reflexos sociais. Portelli chama de *contação de histórias* esse tipo de narrativa que surge de entrevistas da história oral. Para o autor, a contação de histórias é um subtipo das narrativas de *contação de estórias* que se distingue deste devido ao seu alcance narrativo mais amplo e à sua formação dialógica (p. 6).¹⁷ De acordo com o Portelli, as principais diferenças entre a contação de histórias (narrativas que emergem de entrevistas de história oral e tratam de eventos biográficos e históricos) e a contação de estórias são as seguintes:

- Na contação de histórias, o entrevistador, geralmente, não faz parte do círculo social do entrevistado. Por isso, observa-se que, ao longo da entrevista, desenvolve-se um jogo de negociação entre os participantes da entrevista: o pesquisador tenta aprender a história do entrevistado e este, por sua vez, procura descobrir quem é o entrevistador e como deve lidar com ele.
- O entrevistador, na contação de histórias, é um interlocutor especialmente interessado no que o entrevistado tem a dizer e demonstra seu interesse formulando perguntas que são muito mais diretas do que aquelas feitas pela audiência da tradicional contação de estórias. Com frequência, o entrevistador faz perguntas inesperadas, encoraja o entrevistado a explorar certas passagens e a explicitar outras que, normalmente, não seriam contadas se o entrevistado estivesse com membros de sua comunidade. De fato, um bom entrevistador facilita as estratégias e a agenda do entrevistado e um bom entrevistado, por sua vez, sutilmente molda a história de acordo com o entrevistador que o questiona.
- A contação de estórias lida com a memória direta e, geralmente, é um exercício individual. A contação de histórias, por sua vez, sendo um esforço cooperativo entre vários narradores ou entre eles e um entrevistador, é uma tentativa de *reconstrução* da memória. Dessa forma, na situação de contação de histórias os participantes que estão na audiência procuram estimular a memória do narrador principal (com frases como *Conte sobre aquele dia que você...*) ou tomando a palavra eles mesmos para conseguir reconstruir de maneira mais precisa a memória do grupo. Além disso, enquanto a contação de estórias apresenta um fim em si mesma, a contação de histórias resulta na produção de um artefato: uma gravação ou, até mesmo, um texto escrito (p. 24-25).

¹⁷ Ainda que o termo 'contação de estórias' não seja muito utilizado em português e muitas vezes seja confundido com 'contação de histórias', a diferenciação entre os dois conceitos será mantida no presente trabalho a fim de se preservar o sentido pretendido por Portelli (1997). Para enfatizar o caráter biográfico e histórico da *History-telling* (contação de história), o autor cunha este termo, em inglês, com H maiúsculo e o diferencia, assim, de *storytelling* (contação de estórias).

É interessante notar que Labov faz a uma caracterização semelhante. Segundo o autor, seus informantes, ao narrarem, “não elaboram a experiência de outros. Suas narrativas são uma tentativa de transmitir de maneira simples e séria as experiências mais significativas de suas vidas. Algumas vezes, essas experiências já foram contadas, mas, na grande maioria dos casos, os narradores estão compartilhando essas histórias pela primeira vez” (Labov, 1967: 3).

Portelli (1997: 27) argumenta ainda que a contação de histórias pode ser de três tipos. Ele descreve cada um dos tipos em termos de ponto de vista e referentes sociais e espaciais. Os três tipos de contação de história estão descritos na tabela abaixo:

Tipo de contação de história	Referente social	Referente espacial	Ponto de vista
Institucional	Política e ideologias; governo, partidos, uniões, eleições	A nação, o Estado	Terceira pessoa, impessoal
Popular	A comunidade, a vizinhança, o trabalho; greves, catástrofes naturais, rituais; participação coletiva a nível institucional	A cidade, a vizinhança, o local de trabalho	Primeira pessoa do plural
Pessoal	Vida privada e familiar; o ciclo da vida: nascimentos, casamentos, empregos, crianças, mortes; envolvimento pessoal nos dois outros níveis (institucional e popular)	O lar	Primeira pessoa do singular

As narrativas que compõem o *corpus* deste trabalho podem ser classificadas como pertencentes ao nível Pessoal de contação de histórias, uma vez que tratam tanto das relações entre mães ouvintes e filhos surdos quanto das implicações sociais e históricas que essas relações podem ter nas comunidades (surda e ouvinte) das quais esses indivíduos fazem parte.¹⁸

Além desses aspectos das narrativas pessoais descritos por Portelli, as entrevistas que analisei também apresentam outras características típicas de entrevistas autobiográficas. Segundo Wortham (2001), as narrativas autobiográficas são instrumentos poderosos de atribuição de significados, porque, além de representar eventos e personagens, essas narrativas pressupõem visões de mundo e posicionam o narrador e sua audiência

¹⁸ No capítulo 4, mostro quais foram as principais preocupações que as mães apresentam em seus relatos.

frente à sociedade e frente a si próprios. As narrativas autobiográficas possuem duas funções principais: função representacional e função interacional. A função representacional aponta para o fato de que o narrador, no momento da narrativa, dá forma ao seu *self* ao descrever-se como um tipo particular de pessoa que se engaja em atividades características e se relaciona com os demais de forma particular. Já pela função interacional, os narradores agem como esse tipo particular de pessoa para a sua audiência. Eles podem mudar o tom de voz, ajeitar sua postura ou fazer gestos que façam com que a audiência os identifique com esse “personagem” que estão representando no momento da criação da narrativa (p. xi).

Foi possível perceber nas narrações das mães entrevistadas nesta pesquisa exemplos das duas funções descritas por Wortham. Um exemplo da função representacional é o fato de todas essas mulheres terem se apresentado como mães ouvintes de crianças surdas. Foi dessa maneira que elas (inclusive as avós) se descreveram no momento da entrevista. Um exemplo da função interacional pode ser observado na entrevista de D. Luiza, como será mostrado no capítulo 4 (4.4). A narradora passa por uma transformação pessoal (de paciente a sujeito agente). A agentividade dessa mãe em relação a sua história aparece refletida em seu texto pelo uso do pronome de primeira pessoa, *eu*.

2.4. A apresentação e análise de narrativas orais

Até agora, temos visto a função de histórias autobiográficas contadas em entrevistas de história oral e — principalmente — aspectos dessas narrativas devidos à sua oralidade. No entanto, a apresentação dessas histórias de vida não pode ser 'ao vivo', do jeito em que elas foram produzidas, nem foram gravadas em vídeo para serem veiculadas com som e imagem. Para os fins desta pesquisa, e para atender os requisitos da história oral (ver Capítulo 3), as histórias vão ser apresentadas por escrito. Mas, como já foi comentado, os gêneros da escrita são distintos dos da oralidade, e uma conversão de uma narrativa oral em um texto típico da escrita demandaria uma perda justamente de várias marcas da oralidade que devem servir para nossas análises lingüísticas. O que fazer? Vamos ver nas seções seguintes algumas considerações lingüísticas que dizem respeito, primeiro, da manutenção da forma da oralidade na escrita e, segundo, de estruturas lingüísticas que serão úteis na análise subsequente.

2.4.1. A organização das narrativas em unidades entoacionais

Uma das formas de se apresentar uma narrativa oral, conservando as características dessa modalidade e enfatizando a forma como ela foi estruturada oralmente, é identificar as formulações que o narrador desenvolveu para expressar o seu discurso. Essas formulações são o que Chafe (1994) chamou de unidade entoacionais (UEs).

Os interlocutores, ao interagirem, procedem por meio da troca de turnos de fala. Quando observamos a fala individual (e.g. conversas, narrativas, palestras) é possível observar que o discurso se dá de forma intermitente, por meio de sucessivos agrupamentos de atividade verbal (Chafe, 1994). Chafe se dedica ao estudos desses agrupamentos lingüísticos, principalmente daqueles que podem ser delimitados pela prosódia. Segundo o autor, a intermitência da língua oral é fruto de uma necessidade biológica do ser humano: a necessidade de respirar. Essa necessidade não opera de maneira aleatória, mas sim em harmonia com os segmentos básicos do discurso, ou seja, com as UEs.

Ainda que o principal fator de delimitação das UEs sejam os contornos entoacionais coesivos, eles não são os únicos critérios que definem os limites dessas unidades. Também são levados em consideração a “presença ou a ausência de vocalização (pausa), mudanças na frequência fundamental (pitch), mudanças na duração (encurtamento ou alongamento das sílabas), mudanças na intensidade e mudanças na qualidade de voz de várias formas (Chafe, 1994). Um último critério é apontado por Chafe: em função da natureza social da interação, as mudanças de turno também influenciam no tamanho das UEs.

As UEs refletem as restrições do processamento cognitivo. A representação de mundo que temos, toda essa gama de informações não nos está disponível como um todo durante toda a interação. A cada novo momento interativo, somente uma pequena parte dessa representação mental está ativa. Chafe chama esta parte ativa de informação de “consciência”.¹⁹ As UEs seriam, portanto, a manifestação lingüística desse fenômeno psicológico

Analisando as UEs, Chafe também observou que, graças às restrições do processamento cognitivo, elas possuem um número restrito de palavras, são formadas em

¹⁹ Assim como ocorre em Leite (2008), o uso do termo “consciência” neste trabalho se refere exclusivamente à perspectiva de Chafe. As discussões sobre consciência na psicologia fogem do escopo do presente trabalho.

sua maioria por orações simples ou constituintes menores e introduzem uma quantidade restrita de informação a cada unidade.

No momento da interação, o que orienta os interlocutores é a “consciência”, o estado de ativação de determinados itens informacionais. Como o falante só tem acesso à sua “consciência”, o modo pelo qual ele expressa as informações numa UE vai depender de uma avaliação sobre os estados de ativação de informação na mente de seu interlocutor. Esses estados de ativação podem ser: ativo, semi-ativo e inativo. O falante baseia essa crença em fatores tais como: contexto imediato, conversas com o interlocutor até o momento, interações sociais prévias, experiências culturais compartilhadas e seqüencialidade da interação (Chafe, 1994).

2.4.2. A organização das narrativas em forma poética

Gee (1989) se aproveita da teoria de Chafe (1994) e divide as narrativas com as quais trabalha em UEs. Para tal divisão, o autor procede da seguinte maneira: retirados as disfluências e os “erros” gramaticais da unidade, considera que o que resta é uma linha narrativa. Um grupo de linhas que tratem do mesmo tópico, segundo o autor, constituem uma estrofe (p. 296). Gee divide a narrativa até esta ficar em forma poética a fim de ressaltar os traços orais desses relatos.

Assim como Labov e Bruner, Gee (1995), também considera o ato de narrativizar a experiência (i.e. organizar a experiência em forma narrativa) como uma característica básica do ser humano. Segundo o autor, para atribuir significados à experiência, as pessoas fazem uso de estratégias comunicativas. Essas estratégias fazem parte de um contínuo: de um lado, temos as estratégias orais, como a narrativa e a poesia; de outro, estão as estratégias literárias, como as do ensaio e das crônicas (p. 9-10). Isso não significa, no entanto, uma valorização de um pólo do contínuo (as estratégias literárias das formas escritas) sobre o outro (as formas orais). Ao contrário, Gee acredita, que deve-se considerar os traços literários presentes na língua oral e, por isso, ao analisar narrativas, o autor as divide como se fossem poesias.²⁰

²⁰ Portelli (1997) também considera a língua um objeto literário. Segundo o autor, narrativas orais pessoais podem atingir níveis de complexidade estrutural comparáveis aos vistos em textos literários e pode, dessa

O modelo de divisão de narrativas proposto por Gee serviu de base para a divisão das narrativas deste trabalho. As entrevistas que compõem o *corpus* da presente pesquisa também são consideradas objetos literários — na sua própria forma oral — e, devido às qualidades da sua oralidade inerente, quando separadas em UEs se assemelham a uma poesia.

2.4.3. A narrativa como um simulacro da dinâmica de forças

A lingüística, além de fornecer pistas para a estrutura das narrativas orais que podem ser úteis para a compreensão da sua força e significado, também nos fornece uma ótica para enxergar a própria estrutura do seu conteúdo semântico.

De acordo com a lingüística cognitiva, as experiências que temos com nosso corpo desde o ventre materno e aquelas que temos com o ambiente que nos rodeia formam a base de nossa cognição. Depois de várias experiências físicas semelhantes, somos capazes de fazer comparações e identificar esquemas cada vez mais abstratos a partir das instâncias vivenciadas (Evans & Green, 2006). Esses esquemas incluem processos cognitivos estáticos e dinâmicos associados a elementos tais como eventos, orientação espacial, movimento, força, entre outros. Esses esquemas são chamados ‘esquemas imagéticos’ e seriam os mais básicos em termos de abstração e incluiriam conceitos como ‘para cima’, ‘para baixo’, ‘dentro’, ‘fora’, ‘resistência à força’ (Oakley, 2005: 4). Esses esquemas seriam também, de acordo com a abordagem da lingüística cognitiva, a base para as abstrações que fazemos a fim de criarmos conceitos a partir de experiências mais físicas e concretas. Nossa cognição estaria, portanto, toda fundamentada no pensamento metafórico.

Para os lingüistas cognitivos, a língua é parte da cognição e, por isso, também é baseada nessas experiências que temos com nossos corpos e com o meio ambiente que nos cerca. Essas experiências e abstrações seriam a origem do uso das palavras da língua. Dessa forma, depois de muitas experiências corporais que envolvem “dentro” e “fora”, por exemplo, somos capazes de fazer uma abstração do conceito de "estar dentro" a ponto de poder formular algo como “na miséria”. Essa formulação nos mostra que o termo “miséria” é conceitualizado como um recipiente no qual podemos colocar objetos dentro e depois

forma, se prestar ao tipo de análise que realizamos em textos de literatura escrita. Porém, para que esta análise seja legítima, devemos, claro, considerar as particularidades culturais e de gênero da língua oral (p. 25).

tirá-los de lá. No caso desse exemplo, os seres humanos podem ser esses “objetos” que, conceitualizados dessa forma, podem estar “dentro” do recipiente, “na miséria”.

De acordo com a lingüística cognitiva, toda a nossa cognição – inclusive as narrativas que criamos para atribuir significados à nossa experiência – seria organizada por meio de comparações, abstrações e metáforas (Lakoff & Johnson, 1980). Como não podemos ter acesso direto à cognição, é possível, por meio das pistas que encontramos na língua, conhecer o funcionamento da mente humana e ver como esta se organiza (Chafe, 1994; Langacker, 1987; Lakoff, 1987; Johnson, 1987; Fauconnier, 1985;).

Um dos esquemas mais básicos de abstração humana, de acordo com essa abordagem teórica, seria o chamado ‘sistema de dinâmica de forças’. Esse sistema pode ser entendido, de um modo geral, como um processo cognitivo de organização da experiência. É como se os seres humanos construíssem pequenas narrativas baseadas nos modos pelos quais os indivíduos reagem às forças para entender e transmitir a experiência vivida.. Estão inclusos nesse processo de dinâmica de forças: a aplicação da força, a resistência à força, a superação dessa resistência, o bloqueio da fonte de força, a remoção de tal bloqueio, etc (Talmy, 1988: 409). Segundo o autor, o esquema de dinâmica de forças conta com uma força agonista – que poderá sofrer mudança de estado – e uma força antagonista – que pode ser um obstáculo ou algo que se move e impede a mudança de estado da força agonista. Ainda segundo o autor, este sistema abrange uma categoria fundamental que nos permite pensar e falar sobre eventos e relações, tanto no domínio físico quanto nos domínios epistêmico e social. Por ser um caminho natural de conceitualização humana, o esquema de dinâmica de forças também tem reflexos na língua (Oakley, 2005). Um exemplo desse processo na língua são os verbos modais (e.g. ter, dever, precisar, poder, etc). Os exemplos abaixo, apresentados por Talmy (2000), contrastam expressões neutras com outras que exibem padrões de dinâmica de forças:

1. a. A bola estava rolando pelo gramado.
 b. A bola continuou a rolar pelo gramado.

De acordo com Talmy (2000), observa-se que a expressão 1a apenas ilustra algo do domínio físico e, por isso, não apresenta exemplos de dinâmica de forças. A expressão 1b, por outro lado, ao fazer uso do verbo “continuar”, apresenta dois tipo de dinâmica de

forças. O primeiro deles diz respeito ao fato da bola ter uma tendência ao descanso e que, devido alguma força externa que age sobre ela – como o vento –, a bola pode se movimentar sobre o gramado. O segundo exemplo de dinâmica de forças que pode ser identificado na expressão 1b diz respeito ao fato de a bola também ter uma tendência ao movimento, mas encontrar certa resistência para concluir essa ação (essa resistência pode ser exercida pela grama, por exemplo). Como a bola “continuou a rolar”, observa-se que a resistência da grama não foi forte o suficiente para impedi-la de realizar seu movimento (p. 412).

Um segundo exemplo de dinâmica de forças é apresentado por Talmy (2000). Observe as formulações abaixo:

2. a. João não sai de casa
 b. João não pode sair de casa.

De acordo com o autor, nas expressões acima, uma força psicológica se une a uma força física. A expressão 2a, de acordo com o autor, apenas reporta uma observação objetiva acerca de João, o fato de ele não sair de casa. Mas, segundo Talmy, a expressão 2b, além de apresentar essa mesma observação, também apresenta um conjunto complexo de dinâmica de forças que estão agindo na formulação. João *quer* sair de casa, mas existe algum tipo de força ou barreira que se opõe a esta tendência. Essa barreira age de maneira tão forte contra João que, de fato, acaba o impedindo de sair de casa (ele quer, mas não pode sair devido à força que o obstáculo exerce sobre ele) (Talmy, 2000: 412). No caso das narrativas orais, é possível identificar algumas dessas ‘forças dinâmicas’ que influenciam o sujeito e explicam porque ele agiu de determinada maneira, diante de determinada situação.²¹

Como o esquema de dinâmica de forças é um processo cognitivo abstrato, os falantes fazem uso de metáforas para expressar as relações que o esquema representa. Nas entrevistas analisadas, observei, por exemplo, o uso de uma metáfora em especial que está baseada na dinâmica de forças. No capítulo 4, faço uma discussão acerca do uso da

²¹ Agradeço ao professor Mark Turner (comunicação pessoal) por apontar que a organização dada pelas narradoras que colaboraram com este trabalho às suas entrevistas está fundamentada na teoria da dinâmica de forças.

metáfora em uma das narrativas (a de D. Luiza) e verifico a relação desse uso com a organização do relato.

2.5. Considerações finais

Neste capítulo, procurei apresentar as principais características da narrativa. Observa-se que, ainda que existam vários usos e formulações acerca do que são narrativas, todos os autores citados (Labov, Bruner e Gee) parecem apontar para as mesmas questões. O conceito essencial para o entendimento de uma narrativa parece ser organização da experiência. Pode-se dizer que “organizar” experiências significa colocar “ordem” na série (potencialmente caótica) de eventos que acontecem ao longo de nossas vidas. Observamos que ao narrarmos contemplando o passado com olhos do presente e, assim, re-interpretando, avaliando, ponderando e re-analisando os fatos, damos “corpo”, forma e significados àquelas experiências caóticas que tivemos. Cada indivíduo – cada narrador – ao contar as histórias que viveu, as reafirma, modifica e cria histórias novas. Histórias vividas e contadas educam o narrador e seu(s) interlocutor(es), sejam eles pesquisadores, familiares, amigos ou membros de sua comunidade (Clandinin & Connelly, 1994).

Além disso, procurei fazer uma discussão sobre as diferenças entre a língua oral e a escrita, para, primeiro, entender melhor o que são narrativas orais e, em seguida, formar a base conceitual sobre a qual desenvolvi o modelo de apresentação das entrevistas que uso nesta dissertação. Podemos sintetizar as principais características das narrativas orais nos seguintes pontos (Hazel, 2007):

- Narrativas são o principal veículo de compreensão e expressão da experiência ocorrida ao longo do tempo;
- O tempo narrativo é subjetivo e não objetivo; elástico e não mensurável;
- A seleção e a seqüência dos eventos narrados são elementos cruciais na construção das narrativas e estão intimamente ligados à experiência temporal subjetiva descrita na narrativa;
- Uma narrativa é uma representação da realidade que se baseia em um ponto de vista particular: é a realidade re-estruturada para expressar significado .

Dado que as narrativas que constituem o *corpus* desta pesquisa são narrativas orais, optei por apresentá-las em forma poética a fim de ressaltar as características da oralidade descritas neste capítulo.

A complexidade e a diversidade das narrativas orais possibilitam que os relatos sejam analisados de diferentes maneiras, a partir de diferentes pontos de vista. Uma das formas de analisar as narrativas orais é com o suporte da teoria da lingüística cognitiva, por exemplo. Essa teoria se preocupa com o papel da língua na formação da cognição humana, bem como com o caráter social das línguas humanas. Na seção 1.4 deste capítulo, apresentei as principais características da abordagem da lingüística cognitiva, em especial no que tange às UEs, ao esquema de dinâmica de forças e à presença de metáforas no discurso cotidiano.

3. Metodologia

3.1. Introdução

O objetivo deste capítulo é apresentar as escolhas metodológicas realizadas neste trabalho. Como a principal referência para a realização das entrevistas foi a história oral, a primeira parte do capítulo apresenta uma definição desta prática e os procedimentos adotados neste trabalho. A segunda parte do capítulo descreve como as entrevistas foram realizadas e transcritas e traz a minha proposta de apresentação de narrativas orais. Finalmente, a última seção comenta as possibilidades analíticas de um modelo não-monológico de apresentação de dados orais.

3.2. A escolha da história oral

O objetivo desta pesquisa era realizar a análise de narrativas que (i) evidenciassem o fato das entrevistas que deram origem a essas narrativas serem um texto construído na interação e (ii) apresentassem pontos de vista particulares em relação a uma experiência: o nascimento de uma criança surda em uma família ouvinte. Para atingir tal objetivo, era necessário encontrar uma referência metodológica que valorizasse o caráter interacional da entrevista e, ao mesmo tempo, privilegiasse o discurso apresentado pelo entrevistado. Na busca por essa referência, a História Oral (HO) surgiu como uma prática particularmente interessante, visto que se trata de um gênero que tem como produto um texto construído a “quatro mãos”. De acordo com Portelli (1997) a HO é um gênero discursivo composto e ambivalente: história evoca a narrativa do passado e oral indica um modo de expressão. Este gênero se refere tanto àquilo que os historiadores ouvem (as fontes orais) e àquilo que eles dizem ou escrevem. Em última instância, a HO refere-se ao que a fonte e o historiador fazem juntos na situação da entrevista (p. 3).²² Segundo o autor, a HO não tem um sujeito unificado; ela é contada a partir de múltiplos pontos de vista e aquela imparcialidade tradicionalmente tão aclamada pelos historiadores é substituída pela parcialidade do narrador. Para o autor, parcialidade, no caso da HO, também significa “tomada de partido”. Ainda de acordo com o autor, a HO jamais pode ser contada sem que se tome partido, uma

²² A questão do estatuto da HO é polêmica e foco de muitas discussões dentro da academia. Além de ser considerada por alguns como um gênero, a HO também pode ser vista como uma técnica, uma metodologia ou uma disciplina. Para uma discussão mais profunda acerca do estatuto da HO ver Amado & Ferreira (2005).

vez que a tomada de partidos (a explicitação de pontos de vista) é uma atitude inerente à narração de histórias. Independente do que afirmem histórias pessoais e crenças, historiadores e fontes dificilmente estão do mesmo “lado”. E é justamente o confronto dessas duas “parcialidades”, afirma Portelli, que torna a HO tão interessante (1991: 57-58).

Levando as idéias de Portelli e de outros teóricos de HO em consideração, Amado & Ferreira (2005: xiv-xv), apresentam a seguinte síntese sobre HO:

- o relato oral é o centro da investigação de um projeto de HO e, por isso, o pesquisador precisa levar em conta questões que nem sempre se colocam em outros trabalhos que têm como base a História: relações entre escrita e oralidade, história e memória ou história e tradição oral, por exemplo;
- o uso do relato oral permite que a HO investigue trajetórias individuais, eventos ou processos que talvez não pudessem ser entendidos ou esclarecidos de outra forma: trata-se de narrativas de analfabetos, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros ou loucos, por exemplo. Essa característica permitiu, inclusive, o surgimento de toda uma vertente da HO dedicada à história dos excluídos;
- os documentos (entrevistas) da HO possuem uma característica particular: são fruto do diálogo entre entrevistador e entrevistado, o que leva o pesquisador a distanciar-se das interpretações baseadas numa separação estanque entre sujeito e objeto de pesquisa e procurar caminhos alternativos de interpretação;
- a pesquisa com fontes orais baseia-se em pontos de vista individuais expressos nas entrevistas e estas são legitimadas como fontes documentais (seja por seu valor informativo, ou por seu valor simbólico);
- a HO caracteriza-se por ser a história do tempo presente e este é objeto de pesquisa e reflexão;
- como o objeto de estudo do pesquisador é recuperado e recriado por meio da memória dos informantes, esta passa, obrigatoriamente, a nortear as reflexões históricas;
- muitos grupos e comunidades interessados em manter, recuperar ou construir sua própria memória praticam a HO fora dos muros da academia. Isso gera algumas tensões, pois objetivos, perspectivas e modos de trabalho acadêmicos e não-acadêmicos podem diferir muito. Porém, quando essa pluralidade é aceita, observa-se o surgimento de um rico diálogo, dificilmente presente em outras áreas da História;
- o pesquisador que utiliza a HO valoriza a narrativa, a forma de construção e organização do discurso. Essa valorização enfatiza o caráter ficcional das narrativas históricas (tanto as dos entrevistados quanto as dos entrevistadores) e pode acarretar mudanças de perspectivas revolucionárias para o trabalho histórico.

Todos os pontos apresentados fundamentam a maneira pela qual a HO é entendida neste trabalho: uma metodologia de realização de entrevistas que toma como centro da

investigação a narrativa oral contada a partir de uma reflexão atual sobre uma experiência do passado.

3.3. A realização das entrevistas

No processo de realização das entrevistas, o principal referencial adotado foram as propostas de Meihy (1991, 2005, 2007). Dessa forma, alguns procedimentos foram seguidos. O primeiro deles diz respeito à escolha dos entrevistados. Para a realização das entrevistas uma rede de possíveis entrevistados foi estruturada. No primeiro semestre de 2006, cursei a disciplina “Fonoaudiologia e Surdez” da Faculdade de Medicina, da USP, sob a docência das professoras Ida Lichtig e Maria Silvia Cárnio. Durante o semestre, tomei conhecimento do trabalho que desenvolvem com crianças e adolescentes surdos e suas famílias. Com a ajuda das docentes, participei de reuniões de grupos de apoio destinadas às famílias ouvintes e pude conhecer pais, mães e avós, explicar meu projeto, convidá-los a fazer parte da pesquisa e, finalmente, entrevistar aqueles que se interessaram e concordaram em compartilhar suas histórias.

As entrevistas foram gravadas em salas de três prédios da Universidade de São Paulo: Clínica de Fonoaudiologia da FMUSP / Centro de Docência e Pesquisa do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia (CDP), gentilmente cedidas pelas professoras Ida e Maria Silvia; Faculdade de Educação (FE) e Faculdade de Educação Física e Esporte (EEF). As entrevistas foram registradas com o auxílio de um gravador de voz. Impressões e comentários foram anotados em um caderno de campo, logo após cada entrevista. Essas histórias constituem um *corpus* de oito narrativas. Dessas, apenas as narrativas de mães e avós ouvintes serão consideradas para a análise. A seguir, está uma tabela com os nomes dos entrevistados, o sexo, os nomes dos familiares surdos, o grau de parentesco com o surdo, o local de gravação e a duração das entrevistas:

Nome do Entrevistado	Sexo	Nome do familiar surdo	Grau de parentesco com o surdo	Local de gravação	Duração da Entrevista
D. Ângela	F	Vanessa	Avó	CDP	59 minutos
D. Raquel	F	Vinícius	Mãe	CDP	30 minutos
D. Madalena	F	Anne	Avó	CDP	60 minutos
D. Ana Júlia	F	Flávia	Mãe	CDP	40 minutos
D. Luiza	F	Marcelo ²³	Mãe	FE	57 minutos
Sr. André Luiz	M	Marcelo	Pai	EEF	50 minutos
Sr. Gustavo	M	Eloísa	Pai	EEF	54 minutos
Renata	F	Marcelo	Irmã	FE	25 minutos

Todos os nomes apresentados nesta tabela são fictícios. Na transcrição das entrevistas, nomes próprios e outras informações que possam identificar os entrevistados e seus familiares foram alterados, a fim de que se mantenha a privacidade dos colaboradores.

Levando-se em conta uma preocupação ética da HO que visa a dar total liberdade ao entrevistado de uso de sua fala e que também procura fazer com que os achados da pesquisa reverberem em algo positivo para a comunidade que colaborou com o trabalho, algumas etapas devem ser cumpridas. Dessa maneira, antes da realização de qualquer entrevista, os entrevistados foram informados em detalhes sobre os objetivos do projeto (uma investigação acerca das experiências de vida de pais ouvintes com seus filhos surdos) e tiveram assegurado o direito de censura de veto de qualquer trecho de sua fala. A entrevista transcrita, (na qual nomes próprios ou qualquer tipo de informação que possa servir para identificar os entrevistados já estão alterados) foi entregue ao entrevistado, que tem a possibilidade de mudar partes ou o todo do texto, bem como impedir o uso de sua entrevista. Assim que aprovam o texto, os entrevistados assinam uma carta de cessão e ao final do trabalho, cada um deles receberá uma cópia da dissertação.²⁴

No que tange à estruturação das entrevistas, mais uma vez os procedimentos sugeridos por Meihy foram adotados. Dessa forma, as entrevistas foram conduzidas sem um questionário previamente definido. A situação particular da entrevista, o contato com as

²³ Foi possível realizar entrevista com todos os membros da família de Marcelo: a mãe, o pai e a irmã.

²⁴ Na seção Anexos, há uma cópia da Carta de Cessão assinada pelos colaboradores.

entrevistadas e os assuntos que surgiram da interação face-a-face também auxiliaram na elaboração de perguntas. Foram realizadas perguntas amplas (como “Me conte sobre a sua rotina”) e a partir das repostas das narradoras, novas perguntas foram formuladas.

Após cada entrevista, impressões e comentários foram anotados em um caderno de campo, o que evidencia o tratamento semi-etnográfico que foi dado às entrevistas. Esses comentários auxiliaram o pesquisador na realização das análises e serviram, também, para que uma apresentação dos entrevistados fosse redigida. Essa pequena apresentação pode ser vista antes de cada entrevista que encontra-se na seção Anexos deste trabalho.

3.3.1. A transcrição das entrevistas

A proposta de apresentação de narrativas orais que faço neste trabalho procura privilegiar a dinâmica natural da fala e interferir o menos possível na estruturação original do narrador.

Este modelo de apresentação de narrativas orais busca ser icônico. Com ele, pretendo evidenciar a multiplicidade de vozes e fenômenos que ocorrem na experiência da entrevista e são refletidos na narração, na oralidade, dando destaque ao ritmo e à fraseologia da fala. É claro que nenhuma enunciação (por exemplo, uma na modalidade escrita, como no caso das entrevistas apresentadas aqui) é capaz de recriar outro momento enunciativo (as entrevistas em si). Minha intenção não é mostrar como tudo aconteceu realmente, pois cada enunciação é um evento único; mas é a de preservar alguns traços da oralidade que são úteis para a análise que será desenvolvida no capítulo 4 desta dissertação.

As entrevistas foram transcritas mantendo-se todos os elementos próprios da língua em uso, tais como pausas, hesitações, repetições e falsos começos. Também foram mantidas perguntas, reações do pesquisador e a ordem cronológica apresentada pelo entrevistado. Foram identificadas, dentro de cada narrativa, “histórias” (ou “grandes temas”, como os classifica Bell, 1988) que estruturam o relato (e norteiam o interlocutor e o leitor) (p.101). Procurando sempre manter o ritmo da língua oral, no interior de cada história, a fala foi dividida em unidades entoacionais (UEs; Chafe, 1994); as unidades entoacionais foram agrupadas em “estrofes” - grupos de UEs que tratam de um mesmo tema (Gee, 1989: 296).

Considerando as características das UEs já discutidas no Capítulo 2 dessa dissertação, optei por dividir a fala das narradoras em UEs, o que me possibilitaria ver como organizam e formulam suas experiências, já que as UEs mostram qual informação está ativa na “consciência” das narradoras no momento da nossa interação. Abaixo, está um trecho de umas das narrativas apresentado de acordo com o modelo proposto neste projeto:

Libras e trabalho

Eu conheço

Professor Alex.

E ele começou a falar,
um rapaz muito bonito,
que me encantei logo por ele [risos].
E ele começou a falar.

Eu olhei assim e falei assim: ‘Meu Deus, esse homem tá ficando louco,
aonde que eu vou aprender a falar com as mãos?
Não tem condições!’.

Peguei e bati a porta
e saí, chorando.

Aí, andando umas três portas mais para frente,
eu parei e comecei a chorar.

Aí, peguei, me ajoelhei no chão e pedi perdão pra Deus,
voltei,

pedi pra uma mãe falar para ele me desculpar que eu tava nervosa e tal
e que isso não ia acontecer mais.

E que a minha filha precisava, né, de mim,
que eu precisava aprender a linguagem de sinais!

E, Flávia toda feliz na escola,
tava toda feliz da vida.

E batia nas crianças
e era reclamações e tal,
mas Flávia muito feliz na escola.

E eu ia todo dia pra escola
e ficava a tarde inteira na escola,
até então,
aí eu...

fui fazer uma entrevista na prefeitura.

No trecho acima, a primeira linha, em itálico e negrito mostra o “tema” ou a “história” sobre a qual o narrador disserta em determinado trecho da entrevista.²⁵ O título dado para cada tema é dado pela pesquisadora (e pode ser verificado pelo leitor). A coluna da esquerda, em itálico, apresenta as perguntas, os comentários e as marcas não-lingüísticas

²⁵ Por vezes, esses “temas” coincidem com as perguntas feitas pelo pesquisador, mas em outros casos dentro de uma mesma pergunta o narrador aborda vários “temas”, várias “histórias” diferentes.

(tais como choro, riso, suspiro) do entrevistador. A coluna da direita, traz a fala e as marcas não-lingüísticas (e.g. choro, suspiro, riso) do narrador. Cada quebra de linha do texto na fala do narrador representa uma UE e foi identificada por oitiva do pesquisador. Como mencionado anteriormente, a entoação não é o único critério utilizado na delimitação das UEs. São considerados também a presença ou ausência na vocalização, mudanças na frequência fundamental, mudanças na duração, mudanças na intensidade, mudanças na qualidade da voz e mudanças de turno. No caso da ausência de vocalização, por exemplo, observa-se que, freqüentemente ela ocorre no início e ao término de uma UE. No que diz respeito à duração, o padrão aceleração-desaceleração responsável por reduções fonológicas no início e de alongamentos no final de uma UE pode ser considerado o principal fator de delimitação de uma unidade entoacional. Algumas das UEs encontradas nas narrativas deste trabalho são constituídas de sentenças longas. Outras vezes, uma UE consistia de apenas uma palavra. O que determinou o tamanho de cada UE foi a entoação apresentada pelo narrador para formulá-la e o padrão aceleração-desaceleração apresentado. As reticências (...) são usadas para identificar pausas na fala do narrador dentro ou na fronteira entre UEs.

Transcrever a entrevista da forma como realizada nesta pesquisa é fundamental para que certos aspectos lingüísticos fiquem visíveis, como por exemplo quais informações estão sendo transmitidas em cada UE e de que maneira essa informação é veiculada (por meio da repetição de UEs, por exemplo).

3.4. As possibilidades de modelo proposto

De acordo com Norrick (2001) uma transcrição que reflete mais bem os traços da oralidade do que a prosa é fundamental para que se analise e compreenda a estrutura do texto oral. Interrupções, falas simultâneas, respostas, falsos começos, correções da própria fala, pausas e hesitações fazem com que a transcrição de uma narrativa oral seja menos linear e menos fluente do que textos cuidadosamente ordenados em sentenças e orações. Porém, são esses elementos que evidenciam o caráter intermitente da língua em uso, bem como a forma com que as informações estão sendo ativadas em cada momento da narrativa (p. 247).

O modelo proposto neste projeto privilegia a organização dada pelo narrador à sua história, além de permitir observar a contribuição dos elementos orais para a estruturação das narrativas. São muitos os elementos que ficam evidentes em um modelo como este. Entre eles, destaco: repetição e interação pesquisador-entrevistado. No que tange à repetição, o modelo utilizado permite que esse recurso narrativo fique claro aos olhos do pesquisador e do leitor uma vez que indica quais UEs foram construídas a partir de repetições. Observe o exemplo abaixo:

E, foi isso, acho que foi o que mais marcou para mim.
Fiquei muito emocionada,
chorei,
chorei,
chorei,
chorei muito!...
É, foi isso.

Neste exemplo podemos observar que das sete UEs apresentadas, quatro são formadas pela formulação “chorei”, o que quantifica este termo. Exemplos de repetição serão mais bem discutidos no capítulo 4 desta dissertação.

3.4.1. Interação pesquisador-entrevistado

O modelo proposto busca enfatizar a interação entre pesquisador e entrevistado e, dessa forma, apresentar as negociações existentes entre os dois participantes da situação particular da entrevista. Na entrevista com D. Ângela por exemplo, há um momento no qual uma das perguntas feitas pela pesquisadora não é respondida pela narradora:

<i>Então a senhora faz curso?</i>	Porque se você se você não aprende a língua de sinais como é que você vai poder ajudar... eles, né? Olha, a Vanessa tá falando bem hoje. E ela não deixa de não falar língua de sinais, mesmo ela falando, ela tá falando ali, tá escrevendo, tá falando. Por quê? Ela acha que a língua de sinais é importante, porque um dia ela vai trabalhar, um dia ela vai pra um lugar, quem sabe trabalhar num lugar que tenha muita pessoa surda e ela pode passar pras pessoas, né.
-----------------------------------	---

Em outro momento da entrevista a pergunta é refeita e, dessa vez, D. Ângela responde. O modelo proposto permite que este tipo de negociação fique visível:

Eu só não entendi uma coisa, a senhora faz aula de língua de sinais ou não? Não, eu não tô fazendo não, mas a mãe tá... a mãe tá vindo fazer. Eu tô sempre, ponho na cabeça dela, mas eu falei pra Maria... pra Maria Silvia que se ela não... se ela não quiser vim, eu vou continuar vindo.

A senhora já fez aula de sinais? Já, fiz muito tempo aqui.

Deixar visíveis as negociações existentes ao longo da entrevista – como a apresentada acima – é importante primeiro porque realça o fato de a entrevista ter sido construída em uma atividade conjunta desenvolvida pelo pesquisador e pelo entrevistado. Além disso, a apresentação da negociação mostra que há uma tensão entre o que o entrevistador quer e o que o entrevistado deseja da entrevista. Essa negociação revela que, muitas vezes, os projetos desses dois participantes nem sempre são os mesmos.

Esse modelo de transcrição de narrativas orais procura ser icônico, uma vez que procura ressaltar os traços da oralidade na fala dos participantes da entrevista. É fato que esses traços (hesitações, repetições, pausas e falsos começos), geralmente, são considerados imperfeições de linguagem, e recebem conotações pejorativas por uma academia letrada, condicionada a valorizar o texto escrito bem formulado. Porém, se eliminá-los dá ao leitor uma aparente sensação de texto mais claro e agradável para leitura, é devido à sedimentação de padrões e expectativas sobre o que é um texto (acadêmico) claro .

3.5. Considerações Finais

Neste capítulo, apresentei as escolhas metodológicas que nortearam o desenvolvimento deste projeto; bem como o modelo de apresentação de narrativas orais que proponho neste trabalho.

O capítulo seguinte traz a análise das narrativas deste projeto. Primeiramente, apresento uma análise temática das narrativas. A segunda parte do capítulo traz a análise de duas narrativas que compõem o *corpus* desta dissertação.

4. Análise dos dados

4.1. Introdução

Como discutido no Capítulo 2 desta dissertação, é por meio das narrativas que os seres humanos organizam e dão concretude às experiências aparentemente caóticas que vivenciam. Pode-se dizer que cada indivíduo (cada narrador em potencial) impõe um tipo particular de organização, de coerência interna, às suas experiências a fim de entendê-las e atribuir significados a elas. É por meio da narrativa que o indivíduo organiza as suas experiências. Dado que, como já mencionado, a experiência por si só, é múltipla, caótica e contraditória, essa organização dada pela narrativa que seleciona os eventos que serão narrados. Ao lembrar de uma situação e ao narrar uma experiência, os indivíduos estão, por meio da organização narrativa, impondo uma coerência interna a essa experiência contraditória e incoerente. Os indivíduos estão também, formulando (conceitualizando), ao mesmo tempo, para o outro e para si próprios o evento narrado. A experiência é formulada para o outro porque, por meio das pistas lingüísticas que são deixadas ao longo da narrativa – a ordem em que os eventos são apresentados, as palavras que são usadas, tudo aquilo que é deixado de fora do relato, etc – os indivíduos tentam direcionar seu interlocutor para a interpretação que querem que ele tenha daquilo que estão narrando. E formulam para si próprios, porque ao narrar o que vivenciam, reduzem à escala humana as incoerências e vivenciadas diariamente (Fauconnier & Turner, 2002). As entrevistas que compõem o *corpus* deste projeto podem ser vistas, portanto, como grandes formulações que as mães ouvintes que contribuíram com a pesquisa fazem para atribuir significados à experiência de dar à luz e criar um filho surdo.

O objetivo deste capítulo é apresentar a análise dos dados colhidos neste projeto. O capítulo está dividido em quatro partes. Na primeira, apresento uma análise formal de dois aspectos presentes nas narrativas: as repetições e os refrões. A segunda parte do capítulo trás uma síntese dos temas comuns a todas as narrativas que compõe o *corpus* deste trabalho. Na terceira parte do capítulo apresento a análise de uma das narrativas baseada na teoria de dinâmica de forças. Finalmente, a última seção do capítulo traz a análise de mais uma narrativa, desta vez baseada nos processos de categorização.

4.2. Aspectos Formais

4.2.1. Repetições

De acordo com Carter & McCarty (2004), as repetições são uma estratégia lingüística fundamental de criação de sentido (p. 65). De fato, as repetições estão presentes em abundância em todas as narrativas deste *corpus*. Elas parecem ser um recurso lingüístico de *avaliação* no sentido Laboviano: um recurso que enfatiza o sentido de uma formulação. Observe os exemplos 1 a 5 abaixo, onde a mesma palavra é repetida. A repetição da mesma palavra é chamada, pela lingüística textual, de "recorrência de termos" (KOCH, 1989: 51). Ela é uma característica da língua oral e da literatura. Trata-se de uma forma que parece ser universal nas línguas do mundo e que possui uma função quantificacional, uma vez que aumenta o efeito semântico da palavra. Nos exemplos 1, e 2, a palavra repetida também ocupa uma UE sozinha, destacando ainda mais a força da repetição.

Ex. 1

<i>Por que você achava difícil?</i>	Porque no começo eu não sabia nada, né? Nada, nada, nada. Então, achava difícil. Agora já pronto, acho mais fácil agora.
-------------------------------------	--

É errado pensar que uma repetição de palavra é mera redundância, sem efeito semântico. No exemplo 1, a primeira ocorrência de 'nada' aparece embutida na sentença "no começo eu não sabia nada". Quando 'nada' é repetido pela primeira vez, numa UE própria, ela muda de estatuto. Agora a palavra se torna foco da atenção. A segunda e a terceira repetição acrescentam a persistência desse 'nada'. Esse não é um 'nada' negligenciável. É um 'nada' que se impõe, um 'nada' substancial, o que explica a dificuldade sentida pela narradora.

No exemplo, a repetição das palavras em UEs aparece como recheio de uma estrutura maior, de frases sintaticamente completas que formam uma unidade. A seqüência começa com 'no começo', e termina com 'agora', criando uma pequena narrativa de contraste cuja força é dada pela resolução, no tempo, do conflito criado pela complicação

de um 'nada' persistente. Esse encaixamento das UEs repetidas dentro de uma estrutura maior é comum, como se vê também no exemplo 2.

Ex. 2

E, foi isso, acho que foi o que mais marcou para mim.
Fiquei muito emocionada,
chorei,
chorei,
chorei,
chorei muito!...
É, foi isso.

No exemplo 2, a moldura é feita por 'foi isso' no começo e no fim, e também pela repetição de 'muito': 'muito emocionada' no começo e 'chorei muito' no fim.

No exemplo 2, podemos observar, ainda, que a repetição tem uma função aspectual, visto que chorei é um verbo atélico, isto é, representa algo aparentemente sem fim, continuado, que dura. A formulação repetitiva típica da língua oral representa iconicamente essa duratividade, fazendo com que a própria língua de expressão se repita da mesma forma que o choro se repetia.

Ainda que paráfrases possam ser feitas a fim de manter o significado semântico das construções descritas acima, isto é, ainda que seja possível parafrasear “chorei, chorei, chorei” com uma expressão como “chorei demais”, apresentar as repetições na íntegra nos possibilita identificar a maneira pela qual a narradora formulou seu discurso. Isso é importante porque, apesar de a frase "chorei demais" ter o mesmo efeito *semântico* da formulação "chorei, chorei, chorei", isso não garante que ela carregue a mesma força *emotiva*.

No exemplo três, vemos como a repetição da palavra é estruturada dentro de um *crescendo* de UEs cada vez mais longas, assim aumentando a sensação de quantidade:

Ex. 3

Dói?

Dói.
Dói muito...
dói, dói, dói pra caramba,
mas... é difícil, é,
mas... um dia eu passo por cima de tudo isso.

Os itens Ex. 4, Ex. 5 e Ex. 6 nos trazem exemplos de repetição chamada *recorrência estrutural* (Koch, 1989: 51), outra característica comum à oralidade e à poesia. A recorrência estrutural repete uma estrutura formal da sentença, podendo alternar palavras de peso semântico dentro da estrutura. No primeiro exemplo, 6, a estrutura é "só X", onde X pode ser preenchida por um elemento diferente: um verbo no indicativo, um verbo no infinitivo, um proforma.

Ex. 4

<i>É, logo que ela falou e a senhora... 'Bom, realmente, ele é surdo', passavam coisas pela sua cabeça...</i>	Não passava nada, só comecei a chorar, só chorar, só isso, só chorei. Mas, não passava nada não. No momento eu só chorei só.
---	--

Cada UE que começa com "só..." desenvolve o tema do seu começo ("só comecei a chorar"), por meio de sucessivas intensificações e pelo encurtamento da UE ("só chorar, só isso") até a sua síntese no pretérito, que inclui a narradora com sujeito do choro ("só chorei"). Essa seqüência faz parte de uma seqüência maior, e tem a função, no discurso, de exemplificar a afirmação que a introduz: "Não passava nada" e com a qual a narradora finaliza sua formulação: "Mas não passava nada não". No fim, a formulação inteira é concluída com um resumo que coloca em primeiro plano a narradora e seu desespero: "eu só chorei só". A UE final apresenta uma ambigüidade: tanto a narradora pode estar dizendo que chorou sozinha ("chorei só") quanto que a única coisa que fez foi chorar ("chorei só"). Essa construção curta e enfática apresenta o desfecho dessa estrofe e é construída à guisa da poesia para causar ainda mais impacto na narrativa.

No exemplo Ex. 5, a repetição é da estrutura "você tem que ter".

Ex. 5

Mas, um dia que eu não tiver aqui isso vai acabar.
Você tem que ter um futuro,
você tem que ter um registro em carteira.
Você tem que ter um futuro
pra mais tarde você ter uma aposentadoria'

No Ex. 5, além de se usar a estrutura "você tem que ter" para estruturar a formulação, a poesia da estrofe é aumentada pela aliteração de "t" (tiver, tem, ter, futuro, carteira, tarde, ter), dentro de uma estrutura que alterna UEs mais compridas (a primeira, terceira e quinta) com UEs mais curtas (a segunda e quarta), que reforçam o tema.

Já no Ex. 6, além da recorrência da estrutura "eu sei", observa-se a recorrência do termo "eu", que inicia nove das dez UEs que compõem a formulação. De fato, o que ocorre nesta formulação é o uso de uma figura de linguagem muito usada na literatura conhecida como anáfora, na qual termos se repetem no começo de cada verso ou frase. Neste caso, a anáfora inicia as UEs e enfatiza o caráter poético da formulação. O uso excessivo do pronome pessoal "eu" também reflete a agentividade do falante.

Ex. 6

'Vovó, eu vou fazer dezoito anos,
eu vou sozinha, porque eu sei pegar ônibus,
eu sei o ônibus que pega,
eu sei como vai, como volta,
eu tenho cuidado de atravessar no farol,
eu não vou atravessar fora do farol,
eu aprendi,
eu sei o ônibus,
eu sei descer,
eu sei ter cuidado'.

4.2.2. Refrões

A divisão da narrativa em UEs também permite que algumas formulações que funcionam quase como refrões do texto fiquem ainda mais evidentes.

Pode-se dizer que uma das narrativas deste projeto, a de D. Madalena, possui o seguinte refrão: "Eu criei três filhas sozinha", o que poderia vir a ser o título da sua narrativa.²⁶ Essa formulação é repetida várias vezes durante o relato e sempre que a narradora vai falar da experiência de criar as três filhas, usa termos quase idênticos a esses.

²⁶ Os refrões lembram o que Meihy (2005) chama de *tom vital*. Segundo o autor, após muitas leituras da narrativa, o pesquisador é capaz de apreender o tom vital que apresentaria a síntese do relato e, uma vez identificado, deve ser usado como título da narrativa que será apresentada aos leitores. A relação entre o conceito de tom vital e a repetição de refrões é um assunto que merece estudo.

Na primeira vez que menciona este tema, a narradora formula seu discurso por meio de duas UEs:

eu separei,
criei as três sozinha

Em um segundo momento, ao mencionar a suspeita de que a surdez da sua neta Anne foi causada por erro médico, D. Madalena também usa duas UEs para formular sua fala:

Porque... difícil.
É, eu criei três,

Em um terceiro momento do relato, ao descrever o relacionamento que tem com uma das filhas, a narradora formula seu discurso a partir das seguintes UEs:

Eu acho que ela tem medo de eu catar a menina.
Eu falei:
'Como que eu vou catar uma criança se **eu já criei três sozinha,**
com tanto sacrifício?

Em um quarto momento da narrativa, a narradora diz:

Se eu quisesse encher a casa, eu tinha enchido.
Mas, eu vi que não dava,
só criei as três.
Não quero, hoje eu não quero filho de ninguém

Ainda tratando do problema com uma das filhas, D. Madalena formula da seguinte maneira sua experiência:

Mas, pra mim criar neto hoje eu não quero não.
Filho nenhum, hoje, de ninguém eu quero.
Porque é difícil você criar um filho sozinha.
Foi difícil pra mim **criar as três sozinha.**
Eu sei o que eu passei pra **criar três filhas só.**

D. Madalena ainda diz:

Eu criei três,
não sei onde que eu errei com uma ou com uma.
Mas, se for pra mim criar filho dos outros, crio,
não vou falar pra você que não crio neto,
não crio uma criança, crio,
se perderem a mãe... e o pai deixar jogado,
porque o contrário disso, não.
Não crio um filho hoje em dia não.

Por fim, quase ao final de sua narrativa, D. Madalena fala:

eu não sei onde que eu errei **na criação das três**, não sei.
Se tivesse criado uma melhor de que a outra.
Se eu comprasse um chinelo pra uma, comprava pra outra;
uma calcinha pra uma, comprava pra outra.
Tudo praticamente igual.

Ao ler toda a narrativa de D. Madalena, podemos identificar alguns motivos para a existência desse refrão. A ênfase que ela dá para o número de filhas que criou (três) e ao fato de ter feito isso sozinha (já tinha se separado de seu marido), pode ser explicada primeiro, por ela ter se casado para sair de casa. D. Madalena descreve da seguinte maneira este episódio de sua vida:

A senhora estava me falando que a senhora casou por pirraça?

Bom...

Como que foi isso?

(risos)
Não é que foi assim...
porque eu queria sair de casa
então eu arrumei barriga primeiro e saí.
Depois de um ano que eu estava,
que eu ganhei a minha filha mais velha,
fui morar com ele,
como não deu certo,
ela tinha o que, acho que nove anos...
nove não, dez anos,
eu separei,
criei as três sozinha
e quando já tava acho que quatro anos separada
ele faleceu.
Hoje eu sou viúva, moro sozinha,
as filhas tudo casada,
duas tá bem casada, graças a Deus,
só uma que... mais ou menos!

Além disso, é ela quem cuida da neta surda para que a mãe da menina possa trabalhar. É compreensível, portanto, que ela queria enfatizar dois aspectos de sua história de vida que a fizeram se apresentar como se apresentou no momento da entrevista: uma avó ouvinte de uma criança surda. O primeiro aspecto se refere ao fato de ter criado as *três* filhas sem a ajuda de um companheiro (e, por isso, estaria apta para cuidar de *uma* criança surda). O segundo aspecto diz respeito à conturbada relação que tem com uma das filhas que, segundo a narradora, não deu valor aquilo que ela fez. É esse refrão que acaba, em última instância, por caracterizar a maneira pela qual D. Madalena se descreve ao longo da narrativa: uma mulher sofrida, que sente vontade de largar tudo e “sumir”, mas que — como a história de vida dela mostra — é capaz de persistir e que ainda pode sim dar afeto e cuidar de alguém.²⁷

4.3. Temas recorrentes

Entrevistar um grupo de mães (e avós) ouvintes que fazem parte dos projetos desenvolvidos no Centro de Docência e Pesquisa do Departamento de Fisioterapia Fonoaudiologia e Terapia (CDP) da Clínica de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da USP foi uma experiência bem diferente daquela vivida em 2002, quando conversei com a primeira mãe ouvinte com a qual tive contato para meu projeto de iniciação científica. Este grupo de mães foi escolhido a fim de se conseguir uma diversidade de narrativas que fossem representativas da experiência de criação de um filho surdo. É claro que há similaridades entre esses dois grupos de mães. Entretanto, são as diferenças entre esses dois grupos que nos interessam. E elas são muitas. Enquanto as mães entrevistadas para a pesquisa de iniciação científica tinham recebido a notícia da surdez há (relativamente) pouco tempo, ainda não tinham muitas informações acerca da surdez e suas maiores

²⁷ Como exemplo do tema 'mulher sofrida', podemos observar a formulação que D. Madalena constrói para descrever como se sentiu depois de um acontecimento relacionado a uma de suas filhas. Ela diz:

Então, eu acho,
eu senti,
doeu muito

Essa formulação constituída de três UEs representa o que aconteceu com (i) sua mente ("eu acho"), (ii) sua alma ("eu senti") e (iii) seu corpo ("doeu muito") durante a briga que teve com sua filha.

preocupações diziam respeito a questões como dificuldade de transmissão de conceitos abstratos, ignorância social e preconceitos em relação aos surdos, as mães com as quais conversei para a presente pesquisa apresentam preocupações e inquietações bem mais específicas, tais como, a importância da informação no momento do diagnóstico, as possibilidades de comunicação e o mercado de trabalho e os futuros relacionamentos amorosos dos filhos. Cada um desses temas será mais bem exemplificado nos tópicos abaixo.

4.3.1. A importância da informação no momento do diagnóstico.

Todas as mães ouvintes entrevistadas contaram que o diagnóstico demorou muito tempo para ser dado e, quando foi dado, não houve nenhum movimento dos médicos no sentido de informá-las acerca dos diferentes níveis de surdez (a saber, leve, moderada, severa e profunda), indicar possíveis opções de comunicação ou recomendar alguma escola em especial. D. Ana Júlia diz que quando ouviu que sua filha era surda, pensou:

'Meu Deus do céu, não,
esse homem deve tá, deve tá ficando doido da cabeça,
não pode!'
'Fala, fala, fala!'
gritava no ouvido dela e ela nem tchum...
nem,
não tava nem aí com nada...
batia panela, sabe, tipo assim,
de ela estar brincando assim num cantinho
eu ia com a panela assim atrás dela (batendo as mãos), batia,
batia porta,
ligava o som no último,
nada.
Nada,
nada,
nada.

A falta de informação parece influir nas primeiras reações que as mães têm quando do diagnóstico da surdez de seus filhos. Quando soube da surdez de Marcelo, D. Luiza disse que a impressão que teve era a de que seu filho viveria em um mundo completamente diverso do seu:

Quer dizer, o mundo pra mim,
o mundo do Marcelo,
ia ser um outro completamente diferente.
Então, até um certo tempo sem saber cultura surda,
libras,
toda essa importância pra eles,
até então assim,
'Esse meu filho não vai viver comigo'....
Veja, 'Dentro de casa e tal,
mas ele não vai viver comigo'.
Era essa a...
sabe, a sensação que eu tive no começo.

4.3.2. O papel das fonoaudiólogas

Assim que recebem as primeiras informações e ficam a par das possibilidades de comunicação, estudo e trabalho disponíveis para os surdos, as mães ouvintes parecem começar a enxergar possibilidades de desenvolvimento para seus filhos e passam a se preocupar com o futuro das crianças. A porta de entrada para esse novo mundo (cheio de informações e novas possibilidades) parece se abrir quando as mães encontram, pela primeira vez, com uma fonoaudióloga.²⁸ Ao se depararem com essa profissional, as mães recebem informações claras sobre os diferentes níveis de surdez, a libras, as opções de oralização e as escolas especiais. Uma das entrevistadas a mencionar esse caráter docente das fonoaudiólogas é D. Ângela. Ela afirma ter aprendido muito nas reuniões e encontros com fonoaudiólogos e psicólogos promovidas no CDP. Ela diz:

Mas, eu, aprendi muito aqui
com esse pessoal maravilhoso que é aqui,
Maria Silvia,
é... as meninas que todo ano,
cada ano tem em uma menina aqui diferente,
fonoaudióloga, né

²⁸ Agradeço ao prof. José Guilherme Magnani pelas sugestões acerca das recorrências nas entrevistas, em especial, no que diz respeito ao papel atribuído às fonoaudiólogas. Como todas as entrevistas foram realizadas dentro da USP, é provável que o lugar escolhido para a gravação das entrevistas, tenha influenciado as mães a falar bem do lugar e a elogiar os professores da instituição. No caso das mães entrevistadas no CDP, por exemplo, é provável que o fato de elas saberem que eu era aluna das professoras que coordenam projetos dos quais elas fazem parte e que, provavelmente, as docentes leriam este trabalho, pode tê-las incentivado a fazer comentários elogiosos a respeito do trabalho desenvolvido pelas docentes.

Lendo os relatos das entrevistas, observa-se também que são as fonoaudiólogas as responsáveis por aliviar uma das grandes preocupações das mães ouvintes: o medo de não conseguir se comunicar com os filhos. Conforme vão tendo mais contato com essas profissionais e aprendendo e conhecendo mais sobre a libras, as mães ouvintes percebem que esta língua é uma maneira legítima e válida de comunicação. Segundo D. Ana Júlia, o papel da fonoaudióloga foi fundamental para que ela começasse a aceitar e entender a surdez da filha. Sobre isso, ela diz:

Eu me lembro como se fosse hoje,
a fono chamava Elena.
Nossa, ela é um amor de pessoa,
me ajudou bastante, a Elena.

Foi ela que te falou sobre a língua de sinais? Foi...
ela que me falou sobre a língua de sinais,
que tinha várias crianças com esse problema,
que não era pra mim ficar daquele jeito;
que a Flávia, ela precisava de mim muito porque o pai dela tinha falecido,
mas ela precisava muito mais da minha compreensão

4.3.3. A descoberta da libras

Quando começam a aprender a libras, as mães ouvintes percebem a melhoria na interação que têm com seus filhos surdos. D. Raquel é uma das mães que menciona as diferenças existentes entre a vida antes da libras e depois do aprendizado dessa língua. Segundo ela, para entender seu filho, Vinícius, o uso da língua de sinais é imprescindível. D. Raquel diz que, antes de aprender libras, o mais difícil era controlar o temperamento do menino quando eles não compartilhavam uma mesma língua. De acordo com ela:

*E tá sendo bom
conversar com ele?*

Muito bom!
Pra entender ele tem que ser a língua de sinais mesmo.
No começo foi difícil,
não sabia sinais, nossa.

*Como é que era no
começo?*

Muito difícil.
Ele corria,
eu tinha que correr atrás dele,
ele era muito agitado,
dentro do ônibus...
nossa, muito.

Depois que eu comecei a comunicar com ele melhorou mais,
ele tá mais calmo,
ele era muito nervoso...

D. Ana Júlia também tinha medo de não conseguir se comunicar com sua filha Flávia quando a surdez da menina foi diagnosticada. Ela diz:

Porque, na minha... eu era tão ignorante,
na minha cabeça eu ficava pensando:
'Meu Deus do céu, como é que eu vou falar com essa criança?
Vai ter que ser tudo na base da porrada!
Será que vai ser assim?'.
Fiquei assim desesperada

Mas, também, segundo D. Ana Júlia, esse medo de não poder se comunicar com a filha aos poucos foi dando espaço à sensação de que essa impossibilidade de comunicação era uma barreira tão pequena que poderia ser facilmente ultrapassada:

Quando a Flávia tava assim
depois de uns seis meses na escola,
que eu via a comunicação entre os outros,
as outras crianças, né?
Que eu falei:
'Ué, se eles podem a minha também pode.
Se as mães podem comunicar com eles, eu também posso.
Que negocio é esse?', né?
Eu vi que... que tinha uma certa barreira assim,
mas que ela era tão pequenininha
que dava muito bem pra mim pular...
a barreira.
Que era coisa da minha cabeça.
Porque a gente ser humano
se a gente ponhar muito na mente acaba pinel, das bolas

4.3.4. As dúvidas em relação ao implante coclear

Porém, que ainda que enxerguem a libras como um bom método de comunicação, algumas mães ouvintes ainda esperam que seus filhos um dia se expressem em língua oral, como se fossem ouvintes. Uma das mães menciona que chegou a sonhar com este momento. Ela diz:

Certo. Mas, a senhora gostaria que ela falasse. Eu sonhei várias vezes com ela falando.
Eu já sonhei várias vezes com ela conversando
Ah, diz que ela chegava em casa,
começava a brincar com as meninas
e começava a falar.
Ah, eu ficava um pouquinho emocionada, mas
o resultado era a realidade.

Neste cenário de ilusão de “ouvintização” surge um artifício: o implante coclear. O implante coclear (também conhecido popularmente por ‘ouvido biônico’) é um dispositivo eletrônico computadorizado que é introduzido na cóclea de pessoas que tem surdez total ou quase total. Esse dispositivo estimula diretamente o nervo auditivo por meio de pequenos eletrodos inseridos na cóclea. O implante seria uma boa opção para essas mães se não fossem alguns fatores. Para que o implante seja bem sucedido, algumas questões entram em jogo. Entre elas podemos citar: a idade da criança quando do implante, o grau de surdez que a criança possui, a idade que a criança tinha quando ficou surda, entre outros. Observa-se que as mães entrevistadas têm muitas dúvidas acerca do implante. D.Luiza, ao manifestar sua opinião sobre o assunto diz:

Já ouvi falar, já falaram ali na Fono sobre isso,
mas assim, tenho ainda algumas dúvidas, a respeito, né,
não tenho alguém que possa me dizer todos os detalhes, tal,
sei que é...
de qualquer forma existe um,
como eu vou dizer,
um padrão, né,
dentro desse padrão existe implante,
se tiver um fora ‘não fazemos implante’, né?

Agora, o que eu ouvi falar, né,
não sei dizer se isso é oficial,
mas o que eu ouvi falar
e... comparando,
eu ainda não faria, tá?
Não faria.

Primeiro, ele é pequeno.
É... existe ainda a necessidade do alto-falante pendurado
e outra coisa que me falaram é que é só unilateral,
o dele é bilateral.
Então, ele vai ter um de cada tipo.

Então, eu, mãe,
entendeu,
não tô no problema dele,
mas eu não faria,
eu no lugar dele não faria.
Se fosse uma coisa, um implante, uma coisa dentro, sabe,
é... ele vai ficar quase,
veja bem,
quase que normal assim,
sem precisar de... acessório nenhum,
aí, a gente, eu pensaria mais a fundo, iria mais atrás.
Por enquanto tô vendo,
porque eu acho ainda muito novo isso, né,
esses implantes parecem que são é... pouco tempo ainda.

Eu não sei,
falaram de casos que não deu certo,
mas a maioria pelo que eu vi deu certo.
Mas, aí é que tá,
eu também não sei se nesse padrão
não é a questão só de um ouvido.
Porque os casos que eu vi não usam mais o aparelho, né,
não sei como é que chama, a prótese, né,
é só o implante.
E eu acho que de um lado só, o outro fica defasado.
O dele é perda profunda,
então, ele ficaria como se tivesse usando um aparelho só.

É o que eu entendo, né?
Mas, aí também como mexe com cirurgia e...
vou esperar ele crescer um pouco mais, entendeu,
se isso tá aí mais tarde vai estar melhor ainda, né,
então assim,
isso eu ainda não tenho pressa

4.3.5. O encontro com um surdo adulto

Quando têm sanadas (ou, pelo menos, tranqüilizadas) as preocupações acerca das possibilidades de interação com seus filhos, as mães ouvintes percebem que a surdez não é tão difícil quando parecia ser no início do processo. Quando isso acontece, as mães ouvintes entrevistadas se dão conta que seus filhos poderão vir a se tornar pessoas com uma vida social plena. Geralmente, essa reflexão se dá quando as mães encontram surdos

adultos. D. Ângela relata a surpresa que teve ao descobrir que, quando adulto, um surdo se tornou funcional em sua vida social (isto é, teve a possibilidade de ter uma vida ativa e produtiva):

Eu vi, eu vi é.. professor aqui é...
mudo e surdo, professor!
Olha!
Eu, eu, eu fiquei, eu fiquei emocionada, eu fiquei: 'Gente, que maravilha!'.
Isso é pra nós ter mais paciência e buscar,
correr atrás de muita coisa que eles têm direito... né?
Eles têm direito de muita coisa pra desenvolvimento da vida deles

4.3.6. Mercado de trabalho e relacionamento amorosos

Constatado o fato de que surdos também podem ter uma vida produtiva, as mães ouvintes de crianças surdas começam a ter preocupações comuns a grande parte das mães: mercado de trabalho e relacionamentos amorosos. No que tange ao mercado de trabalho, D. Ana Júlia nos relata uma passagem. Ao discutirem sobre as possíveis profissões da filha, Flávia expressou para a mãe o desejo de se tornar dentista. A reação de D. Ana Júlia foi a seguinte:

Coitado de seus pacientes, Flávia,
vão tudo gritar até e você não vai entender!'.
E a resposta de Flávia foi a seguinte:

'Eh, será que eu não vou ver que o homem tá com dor,
que a mulher tá com dor?' (risos)....

Já sobre os relacionamentos amorosos, as mães se preocupam se seus filhos irão se relacionar com surdos ou com ouvintes. D. Ângela assim se manifesta sobre o assunto:

E é gozado que ela arrumou um namoradinho
e ela gostou muito desse menino
e o ano passado ele teve um problema e ele deixou dela,
mas até hoje ela... ela... às vezes os meninos na escola gostam muito dela,
ela é muito assim faladeira, eles admira dela, sabe.
E ela fala: 'Vovó, eu não quero arrumar namoradinho', sabe.
E nós vamos é... nós fomos... fazemos parte da Igreja Batista, né,
nós vamos na Igreja Batista e ela fala: 'Vovó, eu tenho medo de arrumar um...

um rapaz que fala,
que ele pode arrumar outra namorada e eu não quero que ele me traia,
eu não quero.
Eu devo me casar com um rapaz surdo?
Igual eu tenho surdez?'.
Eu falo: 'Olha, Vanessa...
com o tempo você vai descobrir', né,
'que eu acredito em Deus
que o rapaz que você for se casar um dia,
que eu tenha oportunidade de tratar ele como seja um filho
que tá entrando na minha vida, né, na... na... na nossa família,
e eu quero que ele lhe trate bem pro resto da vida,
até que a morte separe vocês dois, né,
é isso que eu quero, peço a Deus, né.

As próximas seções deste capítulo trazem a análise de duas narrativas e procura mostrar, com exemplos das narrativas, como essas mães organizaram e entenderam a experiência da surdez de seus filhos.

4.4. D. Luiza: metáforas e dinâmica de forças

As mães ouvintes entrevistadas para este trabalho parecem conceitualizar a experiência da maternidade como uma estrada a ser percorrida. Um exemplo de narrativa organizada a partir dessa metáfora é a entrevista de D. Luiza.

Como mencionado no capítulo 2, as metáforas são recursos que usamos para transformar as relações complexas de nossas experiências em algo da escala humana. Assim, os seres humanos conseguem reduzir relações abstratas a imagens concretas, como cenas do cotidiano que remetem à força e a maneira pela qual as entidades reagem à força. Essas imagens remetem ao processo cognitivo de organização da experiência da chamada dinâmica de forças. Organizando a experiência a partir do sistema de dinâmica de forças, D. Luiza conceitualiza alguns eventos que ocorrem em sua vida como se fossem barreiras físicas que, à primeira vista, a impedem de continuar seu percurso (maternidade) e a fazem “sair de seu caminho”. Entre os eventos que D. Luiza conceitualiza como barreiras em seu percurso podemos citar o momento do diagnóstico e a surdez de seu filho.

A organização que D. Luiza dá para sua narrativa parece refletir a conceitualização que ela faz acerca da maternidade uma vez que ela constrói seu relato também como um percurso. Esse percurso parte de imagens conceituais negativas para chegar em imagens conceituais positivas e é isso que parece refletir a maneira pela qual ela concebe a

maternidade – uma estrada que tem barreiras e passagens negativas, mas que também apresenta a superação dessas barreiras e a chegada a passagens positivas.

Como dito anteriormente, um dos eventos que D. Luiza conceitualiza como uma das barreiras em sua jornada como mãe é o momento do diagnóstico da surdez. D. Luiza parece conceitualizar as palavras do médico “*Escuta, seu filho é surdo, você não percebeu ainda?*” como se fossem entidades físicas e concretas que se chocam contra ela. Observe a seguinte passagem da narrativa de D. Luiza:

Aí o... médico, lembro até hoje,
isso é uma coisa que eu vou contar pra todo mundo
que foi traumático.
O pediatra, o otorrino virou pra mim e falou pra mim assim:
‘Escuta, seu filho é surdo, você não percebeu ainda?’.
Quer dizer,
eu só não caí da cadeira porque tinha braços e com encosto, né...

No trecho acima, observamos que, para organizar sua experiência, D. Luiza elabora uma metáfora do cotidiano, 'cair da cadeira': “eu só não caí da cadeira porque tinha braços e com encosto, né”. D. Luiza conceitualiza a descoberta da surdez como um momento no qual seu corpo recebeu um choque físico de outra entidade, no caso, uma entidade abstrata, a informação do médico. Ou seja, D. Luiza conceitualiza as palavras do médico como se fossem entidades físicas. O “impacto” das palavras do médico foi tão grande que D. Luiza teve que se segurar no encosto e nos braços da cadeira para não cair como se, de fato, as palavras fossem entidades físicas capazes de se chocarem contra seu corpo e derrubá-la no chão.

O momento descrito acima se desdobra nas seguintes situações para D. Luiza: a descoberta da surdez de seu filho, a sensação de impotência perante este fato e a falta de informação que ela tem sobre a surdez. Esses três elementos serão conceitualizados como obstáculos no percurso que ela pretende seguir como mãe e são entendidos por D. Luiza como entidades físicas que exercem tal força sobre a narradora que chegam a “tirá-la do caminho”. Isto é, fazem com que ela não sabia o que deve fazer para continuar a ser mãe (continuar seu percurso).

Há três momentos na narrativa de D. Luiza em que podemos perceber que a narradora usa metáforas como “perder o rumo” e “sair do caminho” para explicar como se

sentiu. No primeiro deles, D. Luiza diz o seguinte, ao se lembrar mais uma vez do instante em que descobre a surdez de seu filho:

Eu acho assim que isso fez eu perder...eu...
fez eu **perder o rumo**.
Mas, foi instantâneo.
Apesar que até um tempo atrás eu achava que isso foi instantâneo
mas demorou muito pra mim **achar o rumo**.
Eu não sei se sem esse **baque**
eu teria tido condições de entender isso é... tão rápido,
entendeu?

No trecho acima apresentado, como a conceitualização de D. Luiza está, de fato, fundamentada na dinâmica de forças. A narradora diz: “sem esse baque”, fazendo referência mais uma vez a duas entidades se chocando, como se a notícia da surdez fosse algo físico que pudesse se chocar contra ela.

Em um segundo momento da sua narrativa, D. Luiza reforça a metáfora da maternidade como um caminho, uma estrada, e insere a idéia de que mesmo com obstáculos a enfrentar é preciso continuar a caminhada, ou seja, mesmo com situações inesperadas como a descoberta da surdez de um filho é preciso continuar a exercer o papel de mãe. A narradora diz:

esse tempo que eu **perdi o rumo**
eu tentei **procurar onde eu errei!**
Então, é isso que hoje eu penso.
Eu não tinha que **procurar**,
como hoje não **procuro onde eu errei**.
Aconteceu!
Tem que **tocar daqui pra frente**, né?

No trecho acima, a narradora conta que, no início, “perdeu o rumo”, mas agora, tem que “tocar daqui pra frente”. É como se o momento da descoberta da surdez representasse uma parada nesta caminhada (da maternidade) e que, depois dessa pausa, o caminhar (continuar a ser mãe) pudesse ser retomado.

Uma segunda evidência desta metáfora presente no trecho acima apresentado está no uso das palavras “procurar”, “procuro” e “errei”. Essa formulação possui dois sentidos. Primeiro, o mais óbvio, D. Luiza diz que passou muito tempo “procurando onde errou”, ou seja, tentando entender o que fez de errado para que seu filho se tornasse surdos. Além

disso, sabe-se que a origem da palavra “errar” vem de “andar sem rumo”, “errante”. A palavra “procurar” também remete à caminhada na medida que implica – metaforicamente – em “andar a procura de algo”. Fazendo uso desses dois conceitos, D. Luiza constrói a formulação “procurar onde errei”, ou seja, descobrir onde ficou “andando sem rumo”, “errante”.

O terceiro momento da narrativa em que a metáfora “perder o rumo” é usada por D. Luiza pode ser observado na passagem abaixo:

É... pai e mãe, já falei,
perdemos o rumo por um tempo, né?
E em seguida, a primeira coisa que eu...
a gente se situou foi um carregar a Renata, né...
lógico, longe do problema, mas a par do problema.

Neste trecho, D. Luiza reforça o quão espacial é sua conceitualização, visto que ela fala em “situar” e “carregar” a filha para “longe do problema”. A narradora reforça, também, a conceitualização que faz dos problemas como barreiras físicas das quais podemos ficar perto ou longe.

Os trechos apresentados até aqui são exemplos de como D. Luiza conceitualiza a experiência da descoberta da surdez de seu filho como entidades que, de forma concreta, fizeram com que ela se “desnortasse”. Apesar do choque físico e emocional o impacto do diagnóstico também a fez “cair na realidade”. Também por meio de imagens conceituais, D. Luiza diz, em sua narrativa, o que aprendeu com essa experiência. Ela diz:

Determinação.
Determinação,
isso é uma das coisas que eu aprendi com ele.
Acho que é...
eu era muito de,
como dizia meu pai,
sentar na frente da pedra em vez de tirar ela do caminho.
Sabe sentar e chorar em vez de tirar ela do caminho.
Hoje eu até choro,
mas eu **arranco ela do meio e passo.**
Eu **não fico sentada** esperando que ela saia.
E isso é uma coisa que eu vi que ele faz.

Observamos que D. Luiza diz que Marcelo a ensinou a “tirar a pedra do caminho”. Mais do que somente aludir a um ditado popular, a narradora usa essa formulação para

mostrar que esse aprendizado perpassa três gerações da sua família. Segundo ela, seu pai (1ª geração) já dizia que ela (2ª geração) era de “sentar na frente da pedra” (ou seja, não tomava atitudes em relação ao que acontecia em sua vida). Ainda de acordo com D. Luiza, foi seu filho (3ª geração) quem a ensinou a mudar esse comportamento. Pode-se dizer que, neste exemplo, os dois (pai e filho) são conceitualizados como duas forças que têm o poder de “empurrar”/ “movimentar” a narradora. Ao inserir a figura paterna em seu relato, D. Luiza mostra que essa “entidade” não teve tanta “força” para “movimentá-la” a agir a favor de seus interesses. Somente seu filho – uma “força” fisicamente inferior, mas metaforicamente muito superior – consegue, de fato, fazer com que ela se movimente e “retire do caminho” todos os “obstáculos” que surgirem.

Ao observar o percurso de maternidade de D. Luiza, podemos perceber que a entrevistada, assim como a narradora, passa por uma transformação pessoal. Como discutido no capítulo 2 desta dissertação, Wortham (2001) afirma que uma das funções da narrativa autobiográfica – a função interacional – é fazer com que, ao narrar uma experiência de transformação pessoal, o narrador também mude seu comportamento e sua postura diante de seu interlocutor. Na narrativa autobiográfica de D. Luiza isso parece acontecer uma vez que a narradora mostra grande agentividade evidenciada pelo uso marcado do pronome de primeira pessoa “eu”. Em muitos momentos da narrativa, D. Luiza faz uso de enunciados enunciativos de pessoa. Observe a tabela abaixo com alguns exemplos desses enunciados:

Os usos do pronome “eu”	
Eu tinha levado já ele à pediatra	Eu nunca mais voltei na pediatra
Eu sempre achei que nesse período todo era é... muito genioso	Eu acredito que é de nascença
Eu chamava por ele	Eu vi ele levantar a cabeça por batida de porta
Eu falava para ela	Eu já tive várias conversas com várias pessoas
Eu saí de licença	Eu conversei com uma pessoa daqui

Tanto a narrativa (enquanto texto), quanto a forma como D. Luiza conceitualiza sua experiência como mãe apresentam um mesmo percurso: um caminho que mostra, no início,

algumas barreiras e, depois, um rumo mais “suave”. Ao percorrer este caminho tanto na vida como mãe quando na narrativa, D. Luiza passa de alguém que, a princípio, “senta diante da pedra” e, agora, depois de todo aprendizado que teve com seu filho, “arranca a pedra do caminho”. Na narrativa, a narradora Luiza passa de um objeto afetado pelas circunstâncias a um agente de suas ações, possuidora da força necessária para seguir seu caminho.

Conforme apresentado, a narrativa de D. Luiza é toda fundamentada em imagens conceituais. A tabela a seguir apresenta todas as expressões que D. Luiza usa para se referir ao momento do diagnóstico, a surdez de seu filho e como essa descoberta mudou sua atitude. Essas imagens parecem ser desdobramentos da grande metáfora que organiza a narrativa de D. Luiza, que a maternidade é um caminho:

Momento do diagnóstico	Surdez
Traumático	A [deficiência] dele é a que menos choca
Só não caí da cadeira porque tinha braços com encosto	A coisa mais suave que poderia ter acontecido
Traumatizei	Ele tava surdo
Desnorteeu completamente	
Foi traumático	
Levei o baque	Mudanças que a surdez provocou
choque	Isso pode ter me dado a força que eu tive de correr atrás
traumatiza	Levando avante
Aquele dia daquele choque	Mergulhei um tudo quanto era informação
Fez eu perder o rumo	Pinceladas de informação.
Demorou muito pra mim achar o rumo	Só me dá mais força para correr atrás disso
Perdemos o rumo por um tempo	[preocupações] amaciadas
Carregar a Renata para longe do problema	Eu corro atrás de todas as opções
O mundo desabou	Agora é só caminhar
Sentar na frente da pedra	Cair na realidade
Em vez de tirar ela [a pedra] do caminho	Batalhei
Meu filho era um perdido	Tirar a pedra do caminho
A gente tropeçou nessa fono	Arranco ela [a pedra] do meio e passo
Ela não sentiu tanto o choque	Não fico sentada esperando que ela [a pedra] saia
Ela sentiu mais o baque da família	Você vai atrás do que você quer
Não vê aquele monstro que eu vi diante do médico	Pôr a cabeça no lugar
Ficam menos chocadas	Sentar e chorar
Esse tempo que eu perdi não sabia o que procurar, quem procurar	Tocar daqui pra frente

4.5. D. Ana Júlia: categorização

Uma das habilidades cognitivas mais importantes dos seres humanos é a capacidade de identificar semelhanças e diferenças existentes entre entidades, eventualidades (eventos

e situações) e relações. Essa habilidade é chamada de categorização e é fundamental para que os indivíduos entendam a representação do conhecimento e o significado lingüístico. Se os seres humanos não tivessem a capacidade de categorizar – habilidade de agrupar vários aspectos da experiência em categorias estáveis – , não conseguiriam aprender nada a partir das experiências que vivenciam (Lakoff, 1987).

A organização que D. Ana Júlia dá à sua narrativa parece ser baseada na habilidade humana de categorizar, uma vez que ela parece precisar dar nome às situações e eventos e colocá-los dentro de uma categoria para poder entendê-los. Observe o trecho abaixo:.

o meu problema lá em casa é a Lídia,
que tem hora que eu sinto que a Lídia ela tem aquela,
sabe, aquele...
uma rejeição assim pela Flávia não escutar ou pelo fato, tipo assim,
da Flávia... as pessoas ser mais ligadas assim... nela, entendeu?
Eu sinto que a Lídia ela não...
que nem, um dia eu falei pra ela assim: 'Lídia, você,
é impressão minha ou você não gosta da sua irmã?',
'Não mãe, eu gosto sim.
Não,
é porque a Flávia tem hora que ela não me entende'.
Eu falo: 'Lídia, você pro...
você tem que entender que
a Flávia ela não escuta, ela não fala.
Você que precisa saber o mundo dela, Lídia.
Chegar até ela, não ela chegar até você'.
Mas, ela... ela...
eu acho que ela gosta sim da irmã,
acho que é impressão minha, da minha cabeça.
Procuo pensar assim [risos].

No trecho apresentado, D. Ana Júlia parece começar a formular um conceito, ou seja, começa a tentar dar nome aos sentimentos de Lídia em relação à irmã Flávia. essa tentativa de nomeação se evidencia pelo uso da formulação “procuo pensar assim” D. Ana Júlia está formulando o conceito, mas ainda não tem um nome. O uso dessas formulações deixa evidente o fato de que a narradora não entende o sentimento que Lídia nutre em relação à Flávia, mas que “procura pensar” que Lídia gosta da irmã, a fim de aceitar e conviver com a situação.

A tentativa de nomeação (de categorização) que D. Ana Júlia desenvolve encontra sucesso também no trecho apresentado abaixo:

Mas, eu sinto que a Lídia ela, ela tem sim...
 não sei, não sei se eu posso dizer, Carol,
 que é um preconceito com a irmã.
 Mas, eu sinto assim que é meia... sabe?
 Eu, eu acredito que seja por fato da Flávia assim ser mais,
 o pessoal ser mais pegajoso com a Flávia e não com ela,
 dar mais atenção um pouco pra ela
 e acho que ela sente um pouco de ciúmes.
 Vamos se dizer assim: ciúmes.

Nesse trecho podemos observar que D. Ana Júlia consegue atribuir um nome àquilo que Lídia sente pela irmã: ciúmes. Essa nomeação não é fácil, visto que D. Ana Júlia hesita várias vezes em categorizar os sentimentos de Lídia como preconceito. Essa dificuldade se evidencia pelo uso da formulação: “Vamos pensar assim”.

D. Ana Júlia também se vale da categorização para descrever suas filhas. As formulações que usa para descrever cada uma delas estão na tabela abaixo. Observe:

Flávia	Lídia
Surda e muda	Não gosta de sinais
Tinha um problema de audição	
Tinha uma perda	Tem hora que vai no embalo [da Flávia]
Muito esperta	
Diferente, se sai bem das situações	Tem hora que fica nervosa
Tem uma perca auditiva	
Só não escuta e não fala	Meu problema lá em casa
la ser uma criança normal	
Deficiente auditiva	Sinto que tem uma rejeição pela Flávia
Não é débil mental	
Só não escuta e não fala [segunda vez que usa a formulação]	Tem que entender que precisa saber o mundo dela
A Flávia ela não escuta, não fala	[da Flávia]
Gosta muito da Lídia	
É corintiana	Acho que gosta da irmã sim
Fazia tratamento na hipóca	
É muito de bater o pé	Se a Flávia encosta já acha que é agressão
Quer ser dona do nariz dela	
Quer aprender as coisas	Fica entre um pé e outro com a Flávia
É fera em computação	
Não pediu pra nascer	Tem preconceito com a irmã
Já faz o mundinho dela	
Se comporta muito bem	Sente um pouco de ciúmes
Tem o maior cuidado com as coisas dela	
Pode ter todos os defeitos, mas é muito cuidadosa	Não pediu pra nascer
Fala que sou amiga dela	
Morro de ciúmes dela	Acho que com a Lídia não vou ter ciúmes não
Meu bebê	

As formulações apresentadas mostram que D. Ana Júlia precisa identificar as características das filhas a fim de entendê-las e se relacionar com elas.

Outra característica relevante na narrativa de D. Ana Júlia é a maneira com a qual ela lida com a categoria MÃE. Esta categoria apresenta modelos que são considerados os mais corretos para defini-la, o que faz com que a categoria gere efeitos de prototipicidade. Assim, um dos membros é considerado aquele que melhor define a categoria, o protótipo. Algumas vezes, o membro considerado prototípico de uma categoria coincide com um modelo cognitivo que temos a respeito do conceito que a categoria expressa. Para o conceito MÃE, o protótipo parece coincidir com o ICM (ICM – *idealized cognitive models*) que temos a respeito desse conceito. Segundo Lakoff (1987), ICMs são complexas estruturas, (*gestalts*) e são usados para entendermos e criarmos teorias acerca do mundo em que vivemos. Comumente acontece de vários ICM se combinarem para formar um conjunto complexo, que é psicologicamente mais básico do que os modelos se considerados em separado. É o caso do conceito de “mãe”. De acordo com Lakoff (1987), este conceito é formado pelos seguintes modelos:

- *birth model*: a pessoa que dá a luz.
- *genetic model*: aquela que contribuí com material genético.
- *nurturance model*: aquela que cuida e nutre a criança.
- *marital model*: a esposa do pai da criança.
- *genealogical model*: a ancestral mais próxima da criança (p.74).

Observa-se, portanto, que o conceito de ‘mãe’ envolve um modelo complexo, no qual cada um desses modelos individuais se combina para formar o conceito. Por serem formados por vários elementos baseados nas experiências que vivemos, freqüentemente os ICMs entram em conflito com os outros sistemas de conhecimento que temos (p. 134). É isso que parece acontecer com D. Ana Júlia: um descompasso entre o ICM de MÃE que ela tem e o comportamento que ela apresenta em relação às duas filhas

O modelo que parece melhor definir a categoria é o esteriótipo social da ‘mãe dona-de-casa’. É ele que define o que uma mãe deve ser e, por causa desse efeito de prototipicidade, na nossa cultura (ocidental, capitalista), ‘mães donas-de-casa’ são consideradas os melhores exemplos do que as que trabalham fora (p.79-80). A ‘mãe dona-

de-casa', metonimicamente, é tomada como o modelo de 'mãe', e não apenas como *uma parte* do modelo. No nosso modelo, também é importante que as mães demonstrem o mesmo afeto e amor para com todos os filhos. Elas devem tratá-los de maneira igual a fim de que nenhum sinta ciúmes do outro ou se sinta excluído. É nesse quesito que parece haver um conflito entre o ICM de MÃE que nossa sociedade tem e que é compartilhado D. Ana Júlia compartilha e a postura de mãe que a narradora apresenta. Observe o trecho abaixo:

A convivência em família

<i>E como é a... a convivência com ela?</i>	Com a Flávia? Ah, eu acho que é boa, Cá. A Flávia é uma criança que ela, vamos supor, ela vai na rua, brinca de bicicleta, ela tem contato com outras crianças ouvinte, ela tenta ensinar em casa pra irmã dela, pra Lídia, que a Lídia não gosta de sinais não.
<i>A Lídia é a mais nova?</i>	É a do meio.
<i>Vocês são em quan... eles são em quantos?</i>	Em três. E... e, ela tenta ensinar pra Lídia, tem hora que a Lídia vai no embalo dela, tem hora que a Lídia fica nervosa: 'Ai, eu não entendo, mãe. Eu não entendi nada que a Flávia me falou!'. Mas é... eu acho que eu como mãe, eu acho que eu tento me dar o máximo que eu posso com a Flávia. E sei que é difícil pra ela muitas coisas, que tem muitos preconceitos por aí, né?

No trecho apresentado, a narradora está dissertando sobre o relacionamento das duas filhas. Retomando o tópico anteriormente desenvolvido na narrativa, ela dá continuidade ao seu pensamento e à sua agenda, que é bem diferente da agenda da entrevistadora que procurava saber dados (meramente) cadastrais ("Eles são em quantos"). A atitude de D. Ana Júlia funciona quase como um alerta à entrevistadora. É como se ela dissesse à pesquisadora: "Tudo bem, tenho três filhas, mas isso não interessa; eu estava te falando da história da Lídia, que é infinitamente mais importante do que quantos filhos eu tenho ou qual é a ordem deles, o que é uma informação meramente cadastral." Observa-se que a narradora inicia sua parábola moral sobre convivência em família. Essa parábola pode ser entendida da seguinte forma. Por mais que Flávia tente se aproximar da irmã, tentando

ensinar libras a ela – sendo esta (a língua de sinais) uma coisa que ela teria para oferecer à irmã – Lídia não corresponde às expectativas de Flávia. Nervosa, Lídia reclama para a mãe, dizendo que não entende o que a irmã fala. A mãe, por sua vez, deve fazer o “papel de mãe”, deve se comportar como uma mãe prototípica: acalmar as duas sem privilegiar nenhuma das filhas. Essa é uma tarefa difícil, pois, a mãe tem um grande dilema a sua frente: compartilhando do ICM de MÃE construído pela sociedade, D. Ana Júlia quer e procura ficar neutra em relação aos problemas entre as duas filhas, mas ao mesmo tempo, também como mãe, sente que tem obrigação de dar mais atenção à filha surda. A idéia dela talvez seja a de compensar a dificuldade criada pelo preconceito que existe na sociedade em relação ao surdo. Este preconceito pode ser visto em sua própria casa pautado na postura de Lídia em relação à irmã.

4.6. Considerações finais

Neste capítulo realizei um princípio de análise dos dados colhidos neste trabalho. Primeiramente, apresentei uma introdução ao capítulo. Na segunda parte, apresentei uma análise que ressaltava aspectos formais das narrativas das mães entrevistadas. Na terceira parte de capítulo, apresentei uma síntese dos temas comuns a todas as entrevistas. A quarta seção do capítulo traz a análise de uma das entrevistas baseada na teoria da dinâmica de forças. Finalmente, a última parte do capítulo apresenta a análise outra narrativa, baseada na categorização.

Todas conceitualizam a surdez como uma barreira. Por isso, ficam tão tranquilas quando percebem que a vida de seus filhos poderá ser plena, ou seja, que eles podem ultrapassar esta barreira e ter uma vida social completa.

As mães ouvintes entrevistadas parecem entender a surdez como uma impossibilidade de comunicação e não como a falta de audição. Quando os filhos começam a se comunicar por meio da libras, a surdez parece deixar de existir para essas mães. Isso explicaria o termo usado por D. Luiza para se referir a seu filho em um momento da narrativa. Ela diz:

E hoje,
por exemplo,
ele já não fala mais porque o Marcelo já fala alguma coisa, entendeu,
já ouve quando a gente chama, né, responde e...
às vezes que a gente vai lá ele se diverte com o Marcelo,
que ele fala,
ele pede,
ele quer comer, ele pede a uva, né.
Então, assim, pra ele,
meu pai acho que é assim:
'Ah, ele tá melhorando', né?
Então, talvez esteja suprindo aquela ansiedade que ele teve no momento
que eu falei que ele tava surdo

A formulação que D. Luiza usa para se referir à surdez de Marcelo é “*tava surdo*”. É como se agora que ele está falando, pedindo “uva” ao avô e se comunicando com as pessoas, ele deixasse de ser surdo, como se a surdez fosse uma condição passageira e seu filho só estivesse surdo quando não podia se comunicar.

5. Considerações Finais

O objetivo deste trabalho era realizar uma análise lingüística de narrativas de mães ouvintes de crianças surdas. Mais especificamente, procurei responder às seguintes questões: Como as mães ouvintes conceitualizam a experiência de ter um filho surdo? As mães ouvintes passam, de fato, por um período de luto quando descobrem a surdez de seus filhos? Para a realização da referida análise foi formado um *corpus* com cinco entrevistas realizadas nas dependências da Universidade de São Paulo (CDP e Faculdade de Educação). Além desse *corpus*, como se tratavam de narrativas orais provenientes de entrevistas, foi desenvolvido um modelo de transcrição de narrativas orais que possibilitou a observação da interação entre pesquisador e entrevistado durante o momento da entrevista, bem como os aspectos lingüísticos presentes no discurso das narradoras. As narrativas foram, portanto, divididas em unidades entoacionais (UEs) e essas unidades agrupadas em estrofes de acordo com o tema sobre o qual dissertavam. Ou seja, as narrativas estão apresentadas de forma poética. O modelo desenvolvido possibilitou a identificação das UEs que constituíam cada formulação feita pelo narrador, se havia ou não UEs que continham metáforas e expressões figuradas e quais UEs foram repetidas a fim de intensificar o sentido da formulação.

A análise das entrevistas mostrou que as mães ouvintes se valem do sistema de dinâmica de forças para conceitualizar e atribuir significados à sua experiência. Para expressar esses significados, as mães ouvintes entrevistadas usam metáforas baseadas nesse sistema de organização. A grande metáfora apresentada pelas mães entrevistadas é a que a maternidade é uma estrada a ser percorrida e a surdez, uma barreira nesse percurso.

Pode-se afirmar que as mães ouvintes entrevistadas conceitualizam a surdez como uma impossibilidade de comunicação e não como a falta de audição. Foi possível observar que, depois que têm os primeiros contatos com a libras e, de fato, começam a se comunicar com seus filhos por meio dessa língua, as entrevistadas parecem considerar que seu filhos não são mais surdos. Isto é, as mães ouvintes percebem que seus filhos não são incapazes de se comunicar.

Todas as entrevistadas foram recontactadas recentemente (depois de três anos da realização das entrevistas) e relataram mudanças significativas em suas vidas. No período

das entrevistas, apenas uma das colaboradoras trabalhava fora (D. Luiza), por exemplo, e agora várias trabalham. As mudanças foram as seguintes:

- D. Ana Júlia atualmente trabalha em um hospital de São Paulo e sua filha não participa mais dos projetos do CDP;
- D. Ângela também não frequenta mais o CDP, visto que, agora, quem leva a neta para participar dos projetos do Centro é a mãe da menina;
- Depois de um tempo na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP, o filho de D. Luiza atualmente estuda em uma escola dirigida pelos Rotarianos em Cotia. Ela continua organizando cursos de língua de sinais brasileira para pais ouvintes e funcionários da faculdade de Educação;
- D. Madalena trabalha em um restaurante em São Paulo;
- D. Raquel está fazendo um curso de cabeleireira e estética. Segundo ela, graças à entrada de seu filho em uma igreja evangélica, um ministério de surdos está sendo formado na instituição.

As mudanças relatadas pelas entrevistadas comprovam que, depois que começam a receber informações acerca da surdez, as mães ouvintes parecem sair do chamado período de luto e passam a apresentar as mesmas preocupações das mães de crianças ouvintes em relação ao futuro profissional e os relacionamentos sociais amorosos de seus filhos. É possível afirmar que o período de luto durou pouco para as mães entrevistadas, uma vez que, depois que foram informadas acerca da surdez, todas procuraram rapidamente estratégias para superar a dor sentida no momento do diagnóstico e continuar a exercer o papel de mães de seus filhos. Entre essas estratégias estão aquelas que foram representadas por metáforas elaboradas dentro das narrativas.

Espero que o *corpus* formado neste trabalho sirva de base para outros pesquisadores que se interessem em conhecer as relações que se estabelecem entre mães ouvintes e crianças surdas. Pretendo desenvolver um *blog* que, além de divulgar as histórias de vida dessas mães, sirva de ponto de encontro para que outras mães que vivem a experiência de criação de um filho surdo possam compartilhar novas histórias e experiências.

Finalmente, num dos encontros recentes que tive com as mães que colaboraram com este trabalho, pedi para que uma delas lesse sua entrevista como se fosse uma outra pessoa e escrevesse uma carta àquela narradora respondendo às dúvidas e preocupações apresentadas em sua entrevista. Gostaria de terminar esta dissertação com a reprodução desta carta que se apresenta como um balanço que essa mãe faz acerca da sua experiência:

Eu, ontem e amanhã

O que eu poderia dizer a esta mãe é: vá em frente! Sei que o caminho é difícil e muitas vezes parece que não vamos agüentar! Te digo que agüentamos e que vale a pena!

Tudo que é desconhecido é assustador. Devemos sempre enfrentar os medos de frente, como um curioso. Vai me perguntar “como assim”? É simples, se temos medo do desconhecido, por que não conhecê-lo primeiro? Conseqüentemente, deixa de ser desconhecido e o medo perde a sua função.

Essa mãe mostra que sofreu muito com todos o processo da surdez de filho, mas não tem como não sofrer, porque, além de ser uma situação diferente do padrão, não se tem nenhuma orientação imediata. Acho que a sociedade não tem preparo para lidar com isso, como qualquer coisa fora do padrão. Devemos lutar para que isso não seja tão fora do padrão! E fique tranqüila: isso vai deixar de ser “fora do padrão” para você. Se torna tão normal que não podemos acreditar que, em algum momento, essa situação “fora do padrão” existiu!

Tenha confiança e acredite que tudo vai dar certo!!! O melhor caminho é o amor que sentimos por nossos filhos e a dedicação para criá-los, independente do medo de acertar ou errar. Todo pai e toda mãe cometem enganos na criação dos filhos, mas também podem acertar muito com dedicação, compreensão e amor que se consegue oferecer somente a esses seres – os filhos.

Lembre-se: somos todos diferentes e até mesmos os gêmeos idênticos têm personalidades diferentes. Como poderemos comparar ouvintes e surdos?

Referências Bibliográficas

- AMADO, J.; FERREIRA, M.M. (Cord.) (2005) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 6ª edição.
- BARTHES, R. (1977) Introduction to the structural analysis of narratives. In: HEATH, S. (ed). *Image-Music-Text*. London: Fontana.
- BELL, S.E. (1988). Becoming a political woman. In: TODD, A. D.; FISCHER, S. Gender and *Discourse*: The power of talk. Nordwood: Ablex Publishing Corporation.
- BERGMANN, L. (2001). Repercussões da surdez na criança, nos pais e suas implicações no tratamento. In: *Espaço*: Informativo técnico-científico do INES, no. 16. Rio de Janeiro: INES, p. 3-9.
- BRUNER, J. (1990). *Acts of meaning*. Cambridge: Harvard University Pres.
- BRUNER, J.; WEISSER, S. (1995). A invenção do ser: A autobiografia e suas formas. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, p. 141-161.
- BRUNER, J. (2004). Life as a narrative. *Social Research*, vol. 71, no. 3, p.691-710.
- CARTER, R.; MCCARTHY, M. (2004). Talking, creating: Interactional language, creativity, and context. In: *Applied Linguistics* , vol .25, no. 1. Oxford University Press, p.62-88.
- CASATI, M.C. (2005). A experiência de aprendizagem de língua brasileira de sinais como segunda língua: história oral de vida de pais ouvintes de crianças surdas. Relatório Final (Iniciação Científica, CNPq Processo 111727/2004-9) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. (Orientador: Leland Emerson McCleary).
- CHAFE, W. (1994) *Discourse, consciousness, and time*: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago: The University of Chicago Press.

- CLANDININ, D.J.; CONNELLY, F.M. (1994). Personal experience methods. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y. (eds.). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage.
- CLANDININ, D.J.; CONNELLY, F.M. (2000). *Narrative Inquiry*. San Francisco: Jossey-Bass.
- CROCKER, S. (2004). Working systemically with deaf people and their families. In: AUSTEN, S.; COCKER, S. (Ed) *Deafness in mind*. London and Philadelphia: Whurr Publishers, p. 89-100.
- DU BOIS, J.W.; SCHUETZE-COBURN, S.; PAOLINO, D.; CUMMING, S. (1990). *Discourse transcription*. Santa Barbara: University of California.
- EVANS, V.; GREEN, M. (2006). *Cognitive linguistics: An introduction*. Mahweh, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- FAUCONNIER, G. (1985). *Mental spaces*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- FAUCONNIER, G; TURNER, M. (2002). *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books.
- GEE, J.P. (1985). The narrativization on experience in the oral style. *Journal of Education*, v. 167, n. 1, p. 9-35.
- GEE, J.P. (1989). Two styles of narrative construction and their linguistic and educational implications. *Discourse Processes*, v. 12, p. 287-307.
- GEE, J.P. (2005). *An introduction to discourse analysis*. New York, London: Routledge.
- GEORGAKOPOULOU, A.; GOUSTOUS, D. (2004). *Discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- GEORGAKOPOULOU, A. (2006). The other side of the story: Towards a narrative analysis of narratives-in-interaction. *Discourse Studies*. London: SAGE Publications, v. 8 n.2, p. 235-257.
- GREGORY, S.; KNIGHT, P. (1998) Social development and family life. In: GREGORY, S. et al. (Ed). *Issues in Deaf Education*. London: David Fulton Publishers, p. 03-11.

- HALL, S. (1989). Train-gone-sorry: The etiquette of social conversations in American Sign Language. In: WILCOX, S. (ed.). *American deaf culture*. An anthology. Burtonsville, Maryland: Linstok Press, p.89-102.
- HAZEL, P. (2007). *Narrative: An introduction*. Disponível em: http://www.paulhazel.com/blog/Introduction_To_Narrative.pdf
- HEATH, S.B. (1983). *Ways with Word*. Cambridge: Cambridge University Press.
- JOHNSON, M. (1987). *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: The University of Chicago Press.
- KOCH, I. V. (1989). *A coesão textual*. São Paulo: Contexto.
- LABOV, W. & WALETZKY, J. (1967). Narrative analysis: Oral versions of personal experience. In: HELM, J. *Essays on the verbal and visual arts* . University of Washington Press.
- LABOV, W. (1997). Some further steps in narrative analysis. *The Journal of Narrative and Life History*, v.7 (1-4), New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates p. 395-415.
- LABOV, W. (2001). Uncovering the event structure of narrative. *Georgetown University Round Table 2001*. Georgetown: Georgetown University Press.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press.
- LAKOFF, G. (1987). *Women, fire and dangerous things*. Chicago: The University of Chicago Press.
- LANE, H.; HOFFMEISTER, R.; BAHAN, B. (1996) Families with deaf children. In: *A Journey into the Deaf World*. San Diego: Dawn Sign press, p. 24-41.
- LANGACKER, R.W. (1987). *Foundations of cognitive grammar*. Volume 1: Theoretical prerequisites. Stanford, CA: Stanford University Press.
- LEITE, T.A. (2004). O ensino de língua com foco no professor: História oral de professores surdos de língua de sinais brasileira. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo. (Orientador: Leland Emerson McCleary).

- LEITE, T.A. (2008). A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): Um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo. (Orientador: Leland Emerson McCleary).
- LEMASTER, B.; MONAGHAM, L. (2008). Variation in sign languages. In: DURANTI, A. *A companion to linguistic anthropology*. New York: Blackwell Publishing.
- LINDE, C. (1993). *Life stories: the Creation of Coherence*. New York: Oxford University Press.
- LUZ, R.D. (2005). Aspectos sociais na produção de distúrbios emocionais em situações de surdez precoce. In: *Espaço: Informativo técnico-científico do INES*, no. 24. Rio de Janeiro: INES p.3-20.
- McCLEARY, L.E. (2003). Technologies of language and the embodied history of the deaf. In: *Sign Language Studies*, v. 3, n. 2, p. 104-124.
- McCLEARY, L.E. (2009). O ensino de língua estrangeira e a questão da diversidade. Resposta. In: LIMA, D.C. de (org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: Conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, pp. 203-220.
- MEIHY, J.C.S.B. (1991). *Canto de morte kaiowá: História oral de vida*. São Paulo: Loyola.
- MEIHY, J.C.S.B.. (2005). *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 5ª edição.
- MEIHY, J.C.S.B.; HOLANDA, F. (2007). *História oral: Como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto.
- MISHLER, E.G. (1986). *Research interviewing*. Cambridge: Harvard University Press.
- NEUGARTEN, B.L. (1999). *Los significados de la edad*. Barcelona: Herder.
- NORRICK, N.R. (2001). Poetics and conversation. *Connotations*, vol. 10, n. 2-3. Disponível em: <http://www.unituebingen.de/connotations/norrick1023.htm>.
- OAKLEY, T. (2005). Force dynamic dimensions of rhetorical effect. In: HAMPE, B. (ed.) *From perception to meaning: Image schemas in cognitive linguistics*. Cognitive Linguistics Research, v. 29. Berlin & New York: Mouton De Gruyter, p. 443-475.

- OLIVEIRA, M.K. de; REGO, T. C.; AQUINO, J. G. (2006) “Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade”. *Pro-Posições*. (Dossiê Temas e tendências na perspectiva histórico-cultural), v. 17, n. 2 (50), p. 119-138.
- ONG, W. J. (2006). *Orality and literacy*. New York: Routledge.
- PADDEN, C. (1989). The Deaf community and the culture of Deaf people. In. WILCOX, S. (ed.), *American deaf culture: An anthology*. Silver Spring, MD: Linstok Press.
- PORTELLI, A. (1991). *The death of Luigi Trastulli and other stories*. Albany: State University of New York Press.
- PORTELLI, A. (1997). *The battle of Valle Giulia*. Madison: University of Wisconsin Press.
- RIESSMAN, C.K. (1987). When gender is not enough: women interviewing women. *Gender and Society*. Thousand Oaks: Sage Publications, vol.1, no. 2, p. 172-207.
- SACKS, O. (1998). *Vendo vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SKLIAR, C. (2006). A inclusão que é “nossa” e a diferença que é do “outro”. In: RODRIGUES, D. (org). *Inclusão e educação: doze olhares sobre educação inclusiva*. São Paulo: Summus Editorial.
- TALMY, L. (2000). *Toward a cognitive semantics*, v. 1. Cambridge: MIT Press.
- TURNER, G.H. (1994). How is deaf culture? Another perspective on a fundamental concept. *Sign Language Studies*, v83, p.103-126.
- TURNER, M. (1996). *The literary mind: The origins of thought and language*. Oxford University Press.
- TURNER, M. (2003). Double-scope stories. In HERMAN, D., *Narrative theory and the cognitive sciences*. CSLI Publications. p. 117-142.
- WILCOX, S. (1994). Struggling for a voice: An interactionist view of language and literacy in Deaf education. In: JOHN-STEINER, V; PANOFSKY, P.; SMITH, L.W. (ed) *Sociocultural approaches to language and literacy: An interactionist perspective*. Cambridge University Press.

WILCOX, S.; WILCOX, P. (1997). *Learning to see: American Sign Language as a second language*. Washington DC: Gallaudet University Press.

WORTHAM, S. (2001) *Narratives in action: A strategy for research and analysis*. New York: Teachers College Press.

6. Anexos

6.1. Carta de Cessão

AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Eu, _____, abaixo assinada, portadora do RG no. _____, por meio deste instrumento, autorizo Maria Carolina Casati Digiampietri, RG no. 35.228.153-4 e os membros do Grupo de Estudos da Comunidade Surda: Língua, Cultura, História (ECS) do qual a pesquisadora faz parte, a utilizar o conteúdo em áudio da entrevista gravada que concedi à pesquisadora no dia _____, bem como sua respectiva transcrição – me tendo sido explicado o significado desse termo.

A referida entrevista foi lida por mim na íntegra. Tenho ciência de que o material será utilizado como subsídio para a dissertação de mestrado de Maria Carolina Casati Digiampietri pela Universidade de São Paulo, sob orientação do Professor Doutor Leland McCleary. Também tenho ciência de que as referidas gravação e transcrição poderão ser utilizadas em futuros trabalhos da pesquisadora e do Grupo ECS, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data.

São Paulo, ___ de _____ de 200__.

Assinatura do Entrevistado

6.2. Entrevistas

6.2.1. D. Ana Júlia

A entrevista com D. Ana Júlia foi gravada em uma das salas do CDP. Muito simpática e animada, D. Ana Júlia se mostrou muito disponível para o projeto. Em concordância com a personalidade de D. Ana Júlia, a entrevista fluiu de maneira leve e descontraída. Na época da entrevista, D. Júlia não trabalhava fora e se ocupava da criação das filhas (ela tem três meninas) e dos cuidados com a casa.

Resumo

Eu gostaria que a senhora me contasse como é a sua vida

Aí, a minha vida é muito corrida.
No começo assim,
a minha vida foi muito complicada assim,
quando eu descobri que a Flávia tinha problema de audição, né,
que ela era surda e muda.
Porque...
é...

na realidade começou assim:
depois de três anos de casada, mataram meu marido, que é o pai da Flávia.

Aí, a Flávia teve que ir para uma escolinha,
porque eu tinha que trabalhar,
porque eu tinha mais ela e a Lídia,
eu tinha que trabalhar para ajudar,
para dar conta delas, dar as coisas pra elas.

Aí, na escolinha que foram perceber
que a Flávia tinha um problema de audição.
Aí, me encaminharam para a Santa Casa, tudo,
eu tive que sair do serviço,
aí já a minha vida que já tava... tribulada,
aí começou mais ainda tribulação.

Mas, graças a Deus, Deus dá jeito para tudo!
Aí, eu fui levar a Flávia pra fazer tratamento,
na Santa Casa, tal,
aí fez...
o médico pediu aquele exame da audiometria
e foi constatado que ela tinha mesmo uma perda, tal,
aí...
quando eu vinha vindo
eu tive vontade de me matar e matar a Flávia!

As primeiras impressões acerca da surdez

Quando você soube da surdez?

Quando eu soube da surdez!
Porque, na minha... eu era tão ignorante,
na minha cabeça eu ficava pensando:
'Meu Deus do céu, como é que eu vou falar com essa criança?
Vai ter que ser tudo na base da porrada!
Será que vai ser assim?'.
Fiquei assim desesperada.

Aí, fui numa... fui na fono,
eles me encaminharam tudo pra fono, pra psicólogo,
eu tive que passar em psicólogo e tudo...
aí, o psicólogo me explicou, com a fono, que não,
que tinha como se comunicar,
porque até então, a Flávia tinha três anos de idade, né.

Quando ela foi para a escola ela tinha três anos?

É, pra creche.

Antes a senhora não imaginava que ela era surda?

Não.
Aí, eu...
a Flávia...
aí, eu passei a Flávia na psicóloga,
passei eu também e tal.

Aí eu fiquei imaginando assim:
'Meu Deus, como é que eu vou lidar com essa criança,
vai ser muito difícil pra mim.
Como é que eu vou fazer agora?'.
Sendo que eu tinha que trabalhar,
mas tinha que levar a Flávia na fono, tal, as coisas.

Aí, meu patrão me mandou embora...
aí, eu peguei... e tive que correr atrás de médico para a Flávia.
Fui pra fono no Peri-Peri que é um posto de saúde, que tem lá.
Chegando lá, conversando com a fono tal,
ela falou assim: 'Olha, tem uma escola que é especial para criança assim,
assim, assim,
eu vou te dar o encaminhamento,
chegando lá você procura a Sabine'.

Aí, fui levar a Flávia pra fazer essa... uma pesquisa lá.
Aí, a Flávia foi aprovada e tudo.
Aí, a Sabine falou: 'Oh, só que pra Flávia ficar aqui,
você vai ter que fazer aula de sinais'.
Aí, foi meu...
meu drama foi aí...

porque, aí, eu fui pra aula de sinais.
Quando eu cheguei na aula de sinais era o professor Alex.

Libras e trabalho

Eu conheço

Professor Alex.
E ele começou a falar,
um rapaz muito bonito,
que me encantei logo por ele [risos].
E ele começou a falar.
Eu olhei assim e falei assim: 'Meu Deus, esse homem tá ficando louco,
aonde que eu vou aprender a falar com as mãos?
Não tem condições!'.
Peguei e bati a porta
e saí, chorando.

Aí, andando umas três portas mais para frente,
eu parei e comecei a chorar.
Aí, peguei, me ajoelhei no chão e pedi perdão pra Deus,
voltei,
pedi pra uma mãe falar para ele me desculpar que eu tava nervosa e tal
e que isso não ia acontecer mais.
E que a minha filha precisava, né, de mim,
que eu precisava aprender a linguagem de sinais!

E, Flávia toda feliz na escola,
tava toda feliz da vida.
E batia nas crianças
e era reclamações e tal,
mas Flávia muito feliz na escola.
E eu ia todo dia pra escola
e ficava a tarde inteira na escola,
até então,
aí eu...
fui fazer uma entrevista na prefeitura.

*Por que, aí, você tava
esse tempo todo sem
trabalhar?*

Sem trabalhar, dependendo do meu pai,
meu pai e minha mãe.

*Ah, seus pais moram
aqui?*

Moram, eu moro com eles.

Entendi

E... aí, eu fui trabalhar.
Aí, veio o drama:
porque aí, como é que eu ia falar lá no meu serviço
que eu tinha que faltar uma vez por semana pra na aula de sinais?

Ah, entendi!

Entendeu?
Aí, eu peguei,
conversei com meu patrão,
expliquei minha situação,
graças a Deus que ele me entendeu.

E faço,
fazia aula de sinais lá no Rotary
e agora eu tô aqui na USP,
com a... a Marina.
E lá em casa
é muito assim:
a Flávia entende a gente,
a gente entende ela,
tem hora que ela fala que a gente fica que nem louco
e 'presta atenção no que ela tá falando'.

Porque é difícil pra gente.
O pessoal fala, fala assim: 'Ah, tem que se desempenhar, não sei o que',
mas a gente pra...
pra eles aprender sinais é muito fácil,
mas que, vamos dizer assim, tá velho, né,
que aí vem... vem os outros filhos,
vem isso, vem aquilo outro
é muito difícil.
Mas, é...
ai, eu não sei nem como te falar, Carol [risos].

Mas, a Flávia ela é uma...
ela é uma criança assim muito...
como é que eu vou te dizer?...
muito esperta, sabe?
E ela ajuda muito a gente em sinais.
Tem hora que ela fala uma coisa e eu não entendo.
Aí, eu falo assim: 'Mamãe não entendeu, fala de novo?' [fazendo em sinais]
Aí, ela [faz o sinal]: 'Saco!' [risos],
'Calma, calma, calma'.
Aí, eu acho que ela lê os lábios da gente, sabe
e ela consegue explicar mais direitinho pra gente.
Mas, é muito difícil!

Muito difícil sinais?

Sinais pra mim é muito difícil.
Eu só sei um pouquinho...

A convivência em família

*E como é a... a
convivência com ela?*

Com a Flávia?
Ah, eu acho que é boa, Carol.
A Flávia é uma criança que ela,

vamos supor,
ela vai na rua, brinca de bicicleta,
ela tem contato com outras crianças ouvinte,
ela tenta ensinar em casa pra irmã dela, pra Lídia,
que a Lídia não gosta de sinais não.

A Lídia é a mais nova?

É a do meio.

*Vocês são em quan...
eles são em quantos?*

Em três.
E... e, ela tenta ensinar pra Lídia,
tem hora que a Lídia vai no embalo dela,
tem hora que a Lídia fica nervosa: 'Ai, eu não entendo, mãe.
Eu não entendi nada que a Flávia me falou!'.
Mas é...
eu acho que eu como mãe,
eu acho que
eu tento me dar o máximo que eu posso com a Flávia.
E sei que é difícil pra ela muitas coisas,
que tem muitos preconceitos por aí, né?

Preconceito

*A senhora já sofreu
algum preconceito com
ela ou já percebeu que
alguém tava tratando
ela diferente por saber
que ela é surda?*

Não,
não mas eu já tive casos assim de amigas minhas contarem
que eu fiquei me imaginando,
eu falei: 'Ai, meu Deus, mas se isso acontece comigo não vai dar certo!
Eu vou ficar muito nervosa!', né?

O que, por exemplo?

Que nem no ônibus,
teve uma mãe daqui da escola
que falou que o motorista xingou
o menino,
que a senhora queria passar e o menino não...
e ela não tocava no menino nem nada,
só falava e o menino não entendia.
E ele teve que parar o ônibus
e foi uma confusão danada.

E, mas...
com a Flávia é diferente, sei lá,
a Flávia ela, ela se sai bem na... nas situações.
Tipo assim um aniversário,
a Flávia, ela vai num aniversário
ela não fica parada não,
ela dança, ela se entende.

Que nem,
a Lídia foi numa festa de uma amiga dela e levou ela

e falou:

‘Mãe, a Flávia parecia que ela que era a aniversariante porque todo mundo ficou: ‘como que a surda dança?’ e eu fiquei lá sem saber o que fazer e a Flávia parecia uma doidinha lá, e sambava pra lá, e sambava pra cá’ [risos].

Mas... ai, [suspiro] muito difícil, Carol!

Pra gente que é mãe assim, tem que trabalhar, tem que dar, sabe, as coisas, ter que, tipo assim, faltar no serviço pra poder vim aqui, pra poder ir na escola, numa reunião, isso e aquilo outro. Desde que a Flávia tá na escola eu nunca faltei nenhuma reunião, sempre procuro, tem alguma coisa assim, alguma apresentação estar ali presente pra ela entender que eu tô dando um apoio, né, ali pra ela, pra ela ir fundo. É muito... muito complicado... pra gente, assim.

As [possíveis] causas da surdez

Você falou que logo que seu marido morreu que você descobriu a surdez né?

Da Flávia.

Então, como que foi assim essa... esses dois acontecimentos, foi muito difícil, foi...

Porque tipo assim, Carol, até hoje assim, se eu te falar assim: ‘Eu sei qual foi a causa da surdez da Flávia’, eu vou tá mentindo, porque eu não sei. Porque, a Flávia até uns dois anos e meio mais ou menos, a Flávia era uma criança que... que ela tinha contato com a gente. Ela falava um pouquinho, mas ela falava tipo ‘mamãe’, ‘vovô’. Inclusive tem uma tia minha que ela chama Valéria e toda vez que ela vai lá em casa ela fala assim: ‘Ai, eu não me conformo de olhar pra Flávia, a Flávia não fala nada agora e quando ela era pequenininha ela me chamava de tia Valéria’, sabe?

Então... tinha aquela música da ‘boquinha da garrafa’, não sei se você lembra, a Flávia não podia escutar que ela corria, pegava a mamadeira para dançar, sabe? E de... e depois... do que aconteceu isso a Flávia, sei lá, acho que ela saiu fora do mundo.

Eu não sei por quê nos exames dela consta que ela tem uma perda auditiva,

mas até hoje médico nenhum chegou em mim e falou:
'Não, sua filha teve uma perda auditiva',
vamos supor, que nem no caso, a meningite, né, um caso assim.
Mas até hoje ninguém me falou nada.

Então, na realidade eu fico meia ao vento, entendeu?
E sei que a Flávia precisa muito da gente, assim.
Que nem, a minha mãe,
ela tem a maior vontade de ir embora, pra terra da gente.
Mas eu fico pensando: se aqui em São Paulo já é difícil,
imagina lá, como é que não vai ser?

Aonde que é?

Na Paraíba.
E eu tenho medo da Flávia sair lá da escola onde ela tá
e depois ela falar:
'Mãe, eu tive uma oportunidade e a senhora foi
e não me deixou', né, 'seguir adiante'.
E até hoje eu não sei assim como te dizer o que foi a...
que nem no caso, tem criança que foi meningite,
outras foi que a mãe teve rubéola,
eu não...
até os dois anos e meio a Flávia falava e escutava normal.

A descoberta da surdez

*E aí ela parou de falar
depois que o pai
faleceu?*

Depois que o pai faleceu.
Foi tipo assim, nem foi eu que descobri,
foi o pessoal da creche
que disse que ela começou a ficar nos cantinhos, sabe,
saiu fora das crianças,
que não tinha aquele contato que ela tinha com as crianças... né.

*E como foi pra senhora
esse momento? A
senhora falou que: 'Ah,
eu pensei em me matar
e matar a Flávia',*

Porque eu ficava imaginando, eu ficava:
'Meu Deus do céu, como que essa criança surda?
Na minha família nunca...',
eu nunca tinha visto assim,
já ouvi falar, mas ter contato assim,
eu nunca tinha tido contato, né,
eu ficava imaginando como que ia ser o meu mundo e o da Flávia, entendeu?
Como é que ia saber que ela queria comer,
como é que eu ia saber que ela queria tomar um banho.
Agora, não,
agora é diferente,
agora os sinais ajuda bastante.
Mas, como que eu ia me comunicar com ela?

Aí, veio essa...
primeiro veio essa história... ma... mataram meu marido e tal,

já foi um baque.
Depois veio essa história da Flávia,
eu tive vontade assim de sumir, desaparecer...
muito difícil...
muito difícil mesmo.
O que eu passei assim eu não desejo pra minha pior inimiga, porque...
apesar que eu não tenho [risos],
mas... mas, é... foi muito... muito...

eu olhava assim pra ela assim, eu falava: 'Meu Deus do céu, não,
esse homem deve tá, deve tá ficando doido da cabeça,
não pode!'
'Fala, fala, fala!'
gritava no ouvido dela e ela nem tchum...
nem,
não tava nem aí com nada...
batia panela, sabe, tipo assim,
de ela estar brincando assim num cantinho
eu ia com a panela assim atrás dela [batendo as mãos], batia,
batia porta,
ligava o som no último,
nada.
Nada,
nada,
nada.
E eu: 'Ai, meu Deus, realmente,
essa criança deve ter algum problema'.

Mas, levei ela na Santa Casa um bom tempo... até,
eu fiquei passando na... na fono, na psicóloga lá
e foi muito bom.
Eu me lembro como se fosse hoje,
a fono chamava Elena.
Nossa, ela é um amor de pessoa,
me ajudou bastante, a Elena.

*Foi ela que te falou
sobre a língua de sinais?*

Foi...
ela que me falou sobre a língua de sinais,
que tinha várias crianças com esse problema,
que não era pra mim ficar daquele jeito;
que a Flávia, ela precisava de mim muito porque o pai dela tinha falecido,
mas ela precisava muito mais da minha compreensão
porque tem...
ela falou que tinha muitos casos que os pais até abandonavam as crianças, tal.
E que não é justo,
que só, que a Flávia só não escutava e não falava,
mas a Flávia ia ser uma criança... normal
e que ela precisava muito de mim e da minha família, né.
E a gente faz o que pode por ela...

Família

*Foi a partir daí que a
senhora foi voltar a
morar com seus pais ou
vocês já moravam
juntos?*

Já morava com meus pais, no mesmo quintal deles.

Ah!

Que moro até hoje, né?

Todo mundo junto!

Todo mundo!
A muvuca! [risos]

*E como eles receberam
a surdez da Flávia?*

Nossa, a minha mãe até hoje ela não se conforma, sabia?
Não, não se conforma.
Mas, ela é assim uma ótima vó,
todos os dois, né,
e eles dão muita atenção pra ela assim...
fazem muito os gosto dela.
Eu falo que eles acabam atrapalhando um pouco,
que eles fazem muito os gosto dela.
Eu falo, tem hora que eu falo: 'Mãe, a senhora pode parar
porque a Flávia não é nenhuma débil mental,
ela só não escuta e não fala,
mas isso aí não impede dela fazer as coisas,
dela ajudar a gente dentro de casa!'.
Porque se depender da minha mãe a Flávia não faz nada,
só na escola...

o meu problema lá em casa é a Lídia,
que tem hora que eu sinto que a Lídia ela tem aquela,
sabe, aquele...
uma rejeição assim pela Flávia não escutar ou pelo fato, tipo assim,
da Flávia... as pessoas ser mais ligadas assim... nela, entendeu?
Eu sinto que a Lídia ela não...
que nem, um dia eu falei pra ela assim: 'Lídia, você,
é impressão minha ou você não gosta da sua irmã?',
'Não mãe, eu gosto sim.
Não,
é porque a Flávia tem hora que ela não me entende'.
Eu falo: 'Lídia, você pro...
você tem que entender que
a Flávia ela não escuta, ela não fala.
Você que precisa saber o mundo dela, Lídia.
Chegar até ela, não ela chegar até você'.
Mas, ela... ela...
eu acho que ela gosta sim da irmã,
acho que é impressão minha, da minha cabeça.
Procuo pensar assim [risos].

Mas, ela trata a Flávia de uma maneira diferente que leve você a pensar isso?

Vamos supor,
a Flávia não pode encostar a mão nela...
que pra ela ela tá agredindo, a Flávia tá agredindo ela.
Mas, não é, tipo assim, a Flávia vai chamar ela aí...
mexe no ombro dela assim e ela,
nossa, aquilo já é motivo para ela chorar, pra ela, sabe?
Eu sinto que ela é meio assim com... com... com ela, assim.

E depois... de seis anos eu conheci outra pessoa e moro junto com ele.
E aí tivemos um... uma filhinha agora, Ana Beatriz.
Então, depois do nascimento da Beatriz,
a Flávia ela se soltou muito mais, entendeu?
Então ela quer ensinar sinais pra Beatriz,
igual ela já ensinou 'televisão', 'mamãe', 'papai',
ela ensinou e a Beatriz tá indo no embalinho dela, né.
Então eu sinto que a Lídia fica meio assim, sabe,
entre um pé, um pé e o outro assim.

Mas, a Flávia ela... ela gosta muito da Lídia.
Se a Lídia tá doente ela fica preocupada,
de levantar de noite,
de ponhar a mão na Lídia pra ver se a Lídia tá com... febre,
alguma coisa assim.
Mas, eu sinto que a Lídia ela, ela tem sim...
não sei, não sei se eu posso dizer, Carol,
que é um preconceito com a irmã.
Mas, eu sinto assim que é meia... sabe?
Eu, eu acredito que seja por fato da Flávia assim ser mais,
o pessoal ser mais pegajoso com a Flávia e não com ela,
dar mais atenção um pouco pra ela
e acho que ela sente um pouco de ciúmes.
Vamos se dizer assim: ciúmes.

E esse seu companheiro, ele entende...

A Flávia?
Entende, entende a Flávia.
Quando ele não sabe os sinais ele pergunta: 'Júlia, como é que fala isso?'.
Vamos supor assim: '
Como é que fala São Paulo?',
porque os dois é... é rivais no time,
a Flávia é corintiana e ele é são-paulino.
Igual: 'Aí, fala pra ela que perdeu hoje!'.
Ou então, às vezes o dele perde,
ela vai e provoca, ela: 'O que que ela tá me falando?
Ah, fala pra ela que não é assim!'.
Eu: 'Não, você que tem que procurar saber... falar as coisas'.
Mas eles se entendem bem.

Às vezes assim, todos os casais briga, né?
Aí, um dia eu...

a gente discutiu e ele ficou pra um canto e eu fiquei pro outro.
Aí a Flávia perguntou o que que tinha acontecido,
eu falei pra ela que nós tinha brigado.
A Flávia falou pra mim ter calma, ter paciência,
que não é assim ficar brigando, [fazendo os sinais]
'que é feio isso!'
que ela gostava dele.
O apelido dele é Negão, né,
só que aí a Flávia colocou apelido nele assim [fazendo o sinal],
o sinal dele de é assim.
Que ela gostava dele,
que não era pra mim brigar com ele não, ela fica nervosa.

E, que nem a família do pai da Flávia eles...
sabe, eles não vão perguntar nada,
sobre as meninas,
também sobre a Flávia,
a vó,
ninguém, ninguém, ninguém tem contato nenhum.
Eles moram próximos da minha casa,
só um 'oi' assim de passagem,
falar um 'oi' no portão assim pra elas.
Mas, ninguém chega pra perguntar nada.
Inclusive depois da...
que eu fiquei sabendo que a Flávia... era deficiente auditiva,
ninguém nunca se prontificou a falar,
a perguntar nada para mim.
Até que eu fui na...
na minha sogra perguntar se se teve caso na família,
de perca, tal,
ela falou que não...
e só.

*Então vocês não têm
contato?*

Não.
Tem assim de um 'Oi, tudo bem? Como é que vai?' e tal.
Mas, não é aquela coisa, entendeu?,
'Como é que tá a minha sobrinha?
Tá precisando de alguma coisa?'.
É...
'Hoje quer que eu leve ela no médico pra você?',
ou 'Não, deixa ela aqui em casa'.
Não tem nada disso.

*Antes de ele falecer
vocês eram mais
próximos?*

Muito mais próximos.
De final de semana, todo mundo se reunia e fazia aquele samba,
sabe, aquela coisa? [risos]
Era assim.

Então, foi depois...

É, tudo depois que aconteceu isso...
Foi muito...
Pesado... depois.

Faz tempo? Dez anos.
A Flávia tá, vai fazer treze,
agora dia primeiro faz dez anos.
Foi dia 12 de maio de 96.
Que aconteceu isso...

Aqui em São Paulo? É, em São Paulo, uma rua próxima à minha casa,
uma rua depois da minha casa.

O relacionamento com Flávia

Onde que vocês moram? Jardim Jaqueline.
Rodovia Raposo Tavares?...

E a Flávia foi pro Rotary e tá lá, tá bem.
Dia do Surdo ela se apresentou, dançou lá, eu falei:
'Ah,
mas espera aí que você vai dançar quando chegar lá em casa',
porque parecia... eu falei:
'Meu Deus do céu, não acredito que isso é a minha filha não.
Veio tão pequenininha pra cá, tá uma moça' [risos],
maior que eu...

E a gente conversa bastante...
de sábado à noite ela senta comigo,
me mostra os cadernos dela, sabe?
Mas também só mostra aquela parte boa.
Vamos supor de sete pra lá,
de sete pra baixo... não mostra não.
'A Míriam me deu parabéns, oh, você viu que bom, né?'.
E eu: 'É, Flávia, que bom!' [risos].

O ano passado ela repetiu de ano, a bichinha.
Não, a professora falou que não foi por... por...
vamos supor...ela se esforçou ao máximo,
mas não atingiu o grau lá deles...
acho que é só, né, Carol?

Momento marcante

Não! [risos]. Como, como... você tem um... um momento marcante... com a Flávia, assim? Como assim?

Uma coisa que aconteceu e você falou: 'Meu Deus, que coisa boa com a minha filha!', uma coisa entre vocês duas? Ai, tem! [risos]

Sabia! [risos] Passou até na televisão, na Rede Record. Foi muito legal!

Você passou na televisão? Ah, eu já fui na televisão por um monte de coisas por causa da Flávia! [risos]

Você é famosa! Eu já fui até no Ratinho, boba! [risos]

Sério? Ah, mas isso você não me contou! Pedir aparelho auditivo!

Ah! Então, é... a Flávia ela fazia tratamento na Hípica da Norma. E teve uma apresentação numa Hípica bem grandona, lá e foi filmado e tudo. E a Norma falou assim que ela ia escolher uma criança na hora, lá, pra poder andar num cavalo sozinha, fazer o que eles tinham ensaiado lá tudo direitinho. E na hora ela escolheu a Flávia. E eu: 'Minha Nossa Senhora...'. Quando eu vi o cavalo me deu desespero, porque lá na Hípica era um cavalinho pequenininho e quando eu vi a Flávia montada naquele cavalo fazendo tudo direitinho me deu uma tremedeira, uma dor de barriga, eu falei: 'Meu Senhor da Glória essa menina vai cair!'. E a Flávia lá de boa no cavalo... e manobrava o cavalo pra tudo quanto é lado. E eu fiquei assim, eu falei: 'Não, eu não acredito, aquilo ali não é a minha filha não, não pode ser!'. E, foi isso, acho que foi o que mais marcou para mim. Fiquei muito emocionada, chorei, chorei, chorei, chorei muito!... É, foi isso. Eu fiquei pensando, falei: 'Meu Deus do céu, não acredito que ela vai ter coragem de montar naquele cavalo! Não, não vai ter coragem de montar naquele cavalo'. Mas ela teve coragem,

foi e fez muito bonitinho!
Aí, depois eu tive que tirar ela daí porque ficou pesado
aí não dava pra pagar..

*Ah, porque isso vocês
tinham que pagar?*

É! Aí ficou só alguns alunos lá da escola,
acho que ficou só dois,
do grupo que tinha só ficou dois,
que eles continuam indo até hoje lá.
Pra mim aí ficou puxado
aí não deu para pagar mais
aí eu tive que tirar a Flávia de lá.

Oralização e aparelhos auditivos

*E pelo o que eu tô vendo
você nunca levou a
Flávia pra oralização?*

Como assim?

Pra ela falar.

Não.

*Você nunca quis levar
ela pra falar, pra tentar
falar? Sempre com
sinais?*

Sempre com sinais
desde pequenininha,
sempre com sinais.

É... e outra coisa, a Flávia é muito assim,
vamos supor,
uma fono,
que lá perto da minha casa tinha uma fono que era pertinho de casa,
duas ruas assim num posto de saúde.
Consegui,
uma fila enorme,
fui no posto,
chorei,
chorei,
levei Flávia pra...pra fono.
Quem disse que a Flávia queria aquela fono?
'Que que eu vou fazer de manhã cedo,
acordar, pra ir lá,
pra mulher falar, falar, falar e eu não entender nada?
Eu não vou!'.
E não foi!

E ela é muito assim de bater o pé, sabe?
Eu acho que ela é muito... quer ser muito dona do nariz dela.
Ela é terrível!
E se é uma coisa que ela não gosta ela fala que não,
que ela não quer.

Que nem o aparelho auditivo,

já tentei demais!
Consegui duas doação e a Flávia não quer usar,
fala que surdo não precisa de aparelho.
E aqui na USP a gente... é a gente entende que eles...
acham que é necessário sim.
Eu também acredito que sim,
mas ela fala que surdo não precisa aparelho não.
'Já é surdo, pra quê?
Sabe sinais, tá bom demais!'.
E é... difícil, difícil.

A criação de uma adolescente surda

*Como a senhora
imagina a vida da Flávia
daqui pra frente? No
futuro, assim, porque
ela tá crescendo, né,
treze anos...*

Maior que nós duas!
É... ai, como que eu vou te falar...
acho que vai ser muito difícil [risos].
Muito difícil assim,
porque a Flávia ela é muito assim... sabe...
ela quer...
quer aprender as coisas.

Que nem, a Flávia é fera em computação.
E... ela quer...
a Lídia é mais assim, sabe,
ela não, ela quer tudo assim mais pra frente, entendeu?
Agora cismou que quer um celular.
Que é pra mim trabalhar pra mim comprar um celular pra ela.
Eu falei: 'Se você fizer por onde
eu posso até pensar em te dar um celular.
Pra quê surdo com celular, Flávia?'.
'O Alex tem, é bom!'.
'Ah, então tá bom, vou pensar no seu caso'.

Mas, eu acho que a Flávia ela vai se dar bem na vida,
ainda.
Ela falou pra mim que ela quer ser dentista.
Eu falei: 'Coitado de seus pacientes, Flávia,
vão tudo gritar até e você não vai entender!'.
'Eh, será que eu não vou ver que o homem tá com dor,
que a mulher tá com dor?' [risos]....
Ai, ah, Cá não é melhor eu escrever
e trazer escritinho pra você não? [risos]

*Não, eu quero ouvir
você falar. Eu tô
achando ótima a sua
história!*

Ai, Carol!

Sério!

Acho que é melhor eu escrever tudo lá em casa num papel

e trazer pra você!

*Eu quero ouvir tudo!
Então quer dizer que
tem um monte de coisa
aí que você não tá me
contando e quer
escrever? Pode falar!*

Ah, eu não tenho mais nada pra falar não, Caro!

*Agora já tá tudo bem
entre vocês duas, você
já tá mais calma?*

Tô, vixe, agora eu já vi que... que...
que ser surdo não é um bicho de sete cabeças, né?
Que basta a gente pais poder é...
vamos se dizer assim, apoiar eles, né?
Porque também se a gente não der um apoio,
tipo assim, levar na...
num tratamento médico,
que nem tem,
vamos se dizer, não tá fofocando, tá falando, né?

É!

Tem uma mãe que na aula de sinais,
não, na reunião da Maria Silvia,
nossa eu fico besta!
Tipo assim: 'eu coloquei meu filho no mundo e coloquei,
deixa lá e vá plantar batata?'.
E não é bem assim, né?
Que nem a Flávia,
a Flávia, a Lídia e a Beatriz elas não pediram para nascer.
Então, a minha situação é carregar
até elas criar o rumo da vida delas,
depois que elas criar aí tudo bem, fico de boa, né?
Mas, enquanto isso, costinha de Juju.

Então... porque elas precisam muito de mim,
principalmente a Flávia.
Muito mesmo.
E o que eu puder fazer por ela, minha filha,
não medo esforços não,
vou mesmo, vou atrás, corro atrás...
e...

*Quando foi o momento
que você percebeu que
surdez não era um
bicho-de-sete-cabeças?*

Quando a Flávia tava assim
depois de uns seis meses na escola,
que eu via a comunicação entre os outros,
as outras crianças, né?
Que eu falei:
'Ué, se eles podem a minha também pode.
Se as mães podem comunicar com eles, eu também posso.
Que negocio é esse?', né?
Eu vi que... que tinha uma certa barreira assim,
mas que ela era tão pequenininha

que dava muito bem pra mim pular...
a barreira.
Que era coisa da minha cabeça.
Porque a gente ser humano
se a gente ponhar muito na mente acaba pinel, das bolas.

*E foi aí que você
começou a fazer língua
de sinais?*

Não, já tave, né?
Já tava na linguagem de sinais lá com o Alex?

*Você falou que faz tudo
pra Flávia, você acha
que vai ter um
momento que ela vai
conseguir se virar
sozinha e você já não
vai mais precisar estar
sempre junto com ela?*

Com certeza! Com certeza.
Tem vários,
tem várias pessoas que a gente vê que se dá bem assim,
que consegue se virar sozinha por que ela não consegue?
Consegue! Lógico que consegue.

Então, ela já...já faz o mundinho dela já.
Tem coisa que ela fala assim pra mim: 'Por favor, me ajuda',
'Não, você só, sozinha você.'
Eu não vou te ajudar não.
Você sabe não soubesse, te ajudava.
Você sabe'.
Aí ela vai e ela consegue fazer.

*É muito difícil criar um
filho surdo?*

É, é muito difícil, Carol.
Principalmente a gente que... que tem um,
vamos se dizer assim...
que nem no meu caso.
Que tinha que sair pra trabalhar, né?
Porque... tem que dar as coisas pra elas.
E, no começo, eu pensava muito só na Flávia,
deixei a Lídia assim de lado, entendeu?
Depois que a minha ficha foi cair.

Então, é muito difícil assim,
se tivesse um padrão assim de vida,
se tivesse um curso que alguém me ajudasse
assim financeiramente assim,
que eu... vamos supor assim,
que eu trabalhasse três dias por semanas só,
ficasse dois dias pra ela.
Mas, qual é o padrão que você vai ter que falar:
'Olha, moço hoje eu vou ter vir mais tarde,
hoje eu vou ter que...
não vai dar pra mim vir amanhã,
porque eu tenho que levar minha filha no médico'.
Chega uma hora que eles, né,
não vão agüentar a situação.
Aí, fica muito difícil, fica muito...

E aí eu fico com aquela culpa assim, sabe?

Tipo assim, o Dia do Surdo.
Se eu não vou no Dia do Surdo pra mim
que eu perdi o ano todo.
Eu tenho que ir, reunião de escola,
apresentação de festa junina,
qualquer coisa eu tenho eu ir
pra mim mostrar pra elas que eu tava lá.

Porque, no meu caso,
a minha mãe
eu nunca me lembro
assim da minha mãe ter ido numa reunião minha, sabe,
ter participado de alguma coisa.
Então, eu quero mostrar pra elas,
eu quero tá ali presente,
quero ser a primeira de tudo [risos].
Aí fica muito difícil mesmo.
Mas, eu, eu dou um jeito.
Eu falto o serviço
e eu me viro nos trinta
e vou!
Quero nem saber [risos].

*E criar uma adolescente
surda, é difícil?*

É,
é difícil.
Nossa! Pode falar?

Tudo! [risos]

Tipo assim, quando a Flávia ficou menstruada pela primeira vez.
Menina, eu falei assim: 'Meu Deus do céu,
como que eu vou explicar pra Flávia?'.
Aí, comprei absorvente, tal...
antes de acontecer.
Comprei e deixei lá na gaveta.
Aí, ela, eu falei: 'Flávia, senta aqui que a mamãe precisa conversar com você'.
Eu vou tentar de explicar uma coisa'.
Ela falou: 'Lá na escola já explicaram tudo,
eu tenho aula sobre sexo'.
E eu fiquei que nem uma barata tonta com a cara pra cima, né?
Porque eu tava morrendo de vergonha de saber como
que eu ia falar aquilo pra Flávia, né,
sendo que ela já sabia de tudo
e nem deu elegância pra mim.
Eu me preocupei à toa!

Ela tinha quantos anos?

Dez anos!
E ela já sabia de tudo.
E ela se comporta assim super bem.
Eu pensei que ela ia dar trabalho, né, de... de jogar,
não, ela tem o maior cuidado com as coisas dela.
Ela é muito, ela pode ter todos os defeitos,
mas sobre isso, ela é muito cuidadosa.

Não me deu trabalho nenhum não.

Medo de namoro e futuro

Mas, você falou que agora tá difícil criar uma adolescente surda, por que começaram as dúvidas ou não? Ai, porque eu tenho medo da Flavia chegar pra mim e falar que quer namorar!

E se ela quiser? Ai, eu acho que não vou deixar não!

Mas, por que não? Ai, é meu bebê! [risos]

Ah, agora eu vi! [risos] Ai, eu fico assim pensado, sabe?
Às vezes ela chega em casa e comenta:
'Ah, e a minha amiga e tal tá namorando com Fulano, deu beijinho em Fulano'.
Aí eu fico olhando assim pra ela, ela fala assim: 'Pára de ficar pensando!
Eu não,
quando eu quiser eu falo pra você!'.
Eu: 'É, Flávia?',
ela: 'É, eu falo, a gente conversa,
nós não somos amiga?'.
Ela fala muito que eu sou amiga dela.

E eu fico assim, eu fico imaginando:
'Ai, meu Deus do céu, como será que vai ser?'.
Já pensou eu ter que falar com 'meu genro'?
Não vai dar certo!...
Ah, não!
Ai, ai, se fizer a minha filha sofrer
eu acho que eu sou capaz de chegar e... [risos] esgoelar ele!
Ah, eu penso muito nisso!

Mas, você não tem três meninas? Três meninas!

Então... Três genros, né?

Três genros! Ah, mas eu não quero pensar nisso, não.
Eu gosto de...
eu sou assim...
eu gosto de... de.. de ver o assunto pra mim poder sofrer.
Agora, eu não gosto de pensar muito não, Carol! [risos]
Gosto não, não quero nem pensar nisso!
Ai, já pensou se a Flávia passa...
não!

Não vai dar certo não!

Mas, você acha que é só com a Flávia essa preocupação ou com as outras também?

Mais com a Flávia, né?

Por ela ser surda?

Ah, porque...
que outro dia eu fui no Darci Vargas,
tinha um surdo... um homem ouvinte casado com uma surda.
Aí, a Flávia ficou perguntando pra mim
por que que eles casaram?
Eu falei: 'Porque eles se gostaram,
eles namoraram e se casaram'.
Aí, ela falou assim: 'Mas, o homem é ouvinte!'.
Eu falei: 'É, Flávia!'.
Aí, ela: 'Tá errado, tinha que ser surdo também,
porque como é que vai, os dois?'.
Eu: 'É, Flávia, você tem razão, né?'.

Aí eu fico pensando muito assim.
Já pensou na minha filha sofrer?
Não, não quero pensar não!

Mas ela pode ser feliz também!

É...
ah, mas enquanto ela não seja, eu não quero pensar não [risos].
Não quero pensar não.
Aí, eu imagino, já pensou?
Não vai dar certo não?
Eu acho que...
eu acho que com a Lídia e com a Beatriz
não vou ter muito ciúmes não,
mas a Flávia eu tenho, morro de ciúmes dela.

Ela é a mais velha?

E ela é velha!
E esse ano, minha filha, ela quis ir pra escola.
Porque eu pagava perua.
Não quis ir mais de perua,
quer ir de ônibus pra escola.
Tá indo de ônibus.
Eu levo ela até o ponto,
ela vai pra escola.
De tarde eu vou esperar ela no ponto.
Aí, quando vem algum amigo, né, pronto!
'Ah, por que que eu não me escondi?',
'O amigo tá vendo a mamãe junto, coisa feia!
Ah, que vergonha,
que vergonha!'.
Fica nervosa comigo no ponto,
sai do ônibus que nem olha na minha cara.

E eu que nem uma tonta atrás dela,
correndo atrás dela e ela nem tchum.
Eu: 'Ai, aí'.
Não vai dar certo, muito certo não.

E num dia que elas foram no shopping?
Ai! Ai, eu fiquei com...
eu ligava no celular da Lídia e nada da Lídia atender.
Aí eu falei assim:
'Eu vou atrás delas', né,
que tava, não é que tava demorando,
só era umas duas horas só que elas tinha saído.
Menina, quando essa Flávia me viu...

Você foi até o shopping? Fui...
[fazendo o sinais] 'Se eu tava ficando louca?
Por que que eu não tava em casa,
vendo televisão,
fazendo alguma coisa?
Você tá ficando louca?',
e eu...
aí eu fiquei com tanta vergonha vê elas, né,
voltei pra casa.
Mas, até então eu fiquei curiosa de saber o que
que tava acontecendo lá no shopping.

Mas, tava preocupada Tava,
eu fiquei preocupada
porque eu liguei no celular da Lídia
e ela não atendia,
não sei, dava caixa postal e não atendia.
E eu fui atrás delas, né.
Foi a Flávia, mais duas surdas,
e a Lídia e mais duas amigas.
E eu fiquei muito preocupada.
Cheguei lá elas tava de boa lá
e eu fiquei com a cara pra cima [risos].
Entendeu?
Levei um esparrela ainda!

Ai, Carol, tá bom, não agüento falar mais não!

*Não tem mais nada pra
você me contar?* Não

*Nem como você
imagina o futuro da
Flávia e o seu?* Ah, eu imagino meu futuro velha, besta, né,
e a Flávia aí de boa,
que é isso que vai acontecer.

*Como assim, "velha,
besta"?* Preocupada,
cheia de cabelo branco, igual eu já tô

e ela aí...
bem sossegada na vida,
é isso que eu imagino meu futuro.

*Mas, ela vai se dar
bem?*

Com certeza!
Fé em Deus
fé em Deus ela vai se dar muito bem na vida!

É isso?

É isso!

Obrigada!

Mas, depois se você quiser que eu escreva, eu escrevo. [risos]

6.2.2. D. Ângela

Durante toda a entrevista, D. Ângela manteve uma postura muito maternal comigo e me tratou quase como a uma neta, me dando conselhos e ensinamentos acerca do mundo. D. Ângela é viúva há vinte e quatro anos e teve três filhas (fatos que repete várias vezes em seu relato, quase como refrões). Segundo ela, uma de suas filhas possui uma deficiência mental leve e, por isso, não teve condições de cuidar da filha, Vanessa, quando foi confirmada sua surdez da menina.

A doença da mãe e a surdez de Vanessa

Me conte como é a sua rotina...

A mãe dela tem um pequeno problema mental, assim, sabe?
Quando ela... engravidou, né,
ela conheceu um rapaz, engravidou, né,
depois que engravidou ela falou pra ele que tava grávida,
ele desapareceu, né,
e aí até então ela não falava nada pra gente,
quando foi uns, passados uns quatro meses por aí a gente viu que ela tava diferente.

Aí, nós levamos no médico,
ela sempre negava, né,
e aí levamos ao médico, descobrimos que ela tava grávida.

Cuidamos, eu mais as minhas filhas,
eu sou viúva há vinte e quatro anos, né...

Nossa...

E... aí cuidamos do... da... da...
de fazer o pré-natal e tudo mais...
e às vezes a gente chorava, né, porque...
a gente como é... somos pessoas... do Norte...
fomos criadas de um modo assim que a gente não aceitava na época, né
há dezessete anos atrás que aconteceu isso, né,
dela engravidar da Vanessa.

Mas, aí nós fomos cuidando dela,
o pré-natal tudo bem, tava tudo bem,
perguntava ao médico, tava tudo bem,
fiz o pré-natal e tudo.

Quando foi pra nascer Vanessa,
Vanessa deu é... três dias pra poder...
e ela sentindo dor, e ela com... com... por causa do problema, ela não se ajudava.

E aí foi na Santa Casa de Santo Amaro,
aí elas tiveram que fazer cesariana,
foi aquela coisa toda, ficou vinte e quatro dias a mãe no hospital com... cesariana...
é... de 'asfixionar'
e ela
quando nasceu acho que pararam... passou de nascer
e ela acho que engoliu acho que coisa de parto, né,
e.. ela nasceu já dando assim parada e ficava toda roxa, né.

Mas, aí, então, com vinte e quatro dias,
todo dia eu ia visitar,
aí saiu do hospital
e eu achava estranho porque ela ficava no bercinho ali,
ela não chorava...
'Estranho, nunca vi alguém assim tão, tão calmo',
não chorava.
Mas, eu acho que era porque já tinha a surdez,
ela não escutava bem,
olhava a claridade,
não chorava.

Aí, quando depois de uns vinte e quatro dias eu vou,
busquei ela do hospital,
levei num posto, tornei levar ela no posto.
E foi passando o tempo
e eu achando estranho porque eu já tinha tido...
eu tive três filhas, né.
A minha filha mais velhas agora tá com quarenta e quatro anos,
a mãe dela tá com quarenta e dois
e a mais nova fez quarenta.
E eu achava estranho.
Falei: 'Meu Deus, eu criei três filhas...'.
Na época, a mais velha já tava com mais de vinte anos,
na época da... que a Vanessa nasceu,
e eu achei estranho.

Aí, eu levava ela no pediatra lá no Campo Limpo,
que eu moro no Campo Limpo,
e ela... eu falava: 'Doutora, alguma coisa tem de errado com a Vanessa!'
'Ah, não, ela é rosada, ela tá forte, ela é...', sabe?
Aí, tinha feito o exame do pezinho,
deu alterado, tornou a fazer de novo, a pedir,
deu alterado e a médica não achava que não era nada.
E eu me incomodava com aquilo.

Aí, um dia eu peguei ela
trouxe no Darci Vargas aqui perto de Pinheiros
e contei toda a história pro pediatra.
Aí ela pegou um monte de chaves,
sacudiu assim,
e eu ponhava ela deitadinha de braços, assim sabe?
[Me mostrando como pegava Vanessa]

Nada chamava a atenção.
Eu falava:
'Doutor, não é estranho?'.
Aí ele olhou,
examinou tudo
e falou assim:
'Sabe, leva no posto em Pinheiros
que ele vai fazer um teste que isso lá é surdez'.
Cheguei lá deu.

Aí fui pro Hospital São Paulo,
mandou, mandaram ir pra lá, fazer todos os testes e ver,
aí deu que era surda mesmo.
Aí, eu fiquei tratando no Hospital São Paulo uns tempo,
de fono e tal.

Aí, uns quatro anos eu consegui a... o aparelho
que é muito importante.
Eu sempre falo pro pessoal que tem criança surda:
'É muito importante o aparelho e o acompanhamento'.
E eu, graças a Deus, eu consegui aqui esse tratamento aqui, a fono aqui na USP.

Porque quando ela fez esses exames lá no Hospital São Paulo,
a médica falou pra mim que ela nunca ia falar.
E eu fiquei triste.

Que eu sou assim, sabe,
a minha tristeza é de cinco minutos,
passou de cinco minutos
eu sou uma pessoa que eu não carrego ódio, não... não, sabe,
não desespero, sou calma,
peço muito calma a Deus.
E fui trabalhando assim,
vendo uns quatro anos já a Vanessa.

Aí mandaram pra aqui
e eu não conseguia.
Aí, fui pro Jardim Peri-Peri consegui um ano,
eu vi que ela teve uma diferença.
Aí, ficou a vaga daqui,
aí eu consegui aqui.

Mas, graças a Deus, depois que Vanessa entrou aqui
ela tem melhorado bastante,
tem mais de oito anos que ela tá aqui.
Mas, eu, aprendi muito aqui
com esse pessoal maravilhoso que é aqui,
Maria Silvia,
é... as meninas que todo ano,
cada ano tem em uma menina aqui diferente,
fonoaudióloga, né,
e tem tratado ela bem...

é... a Maria Silvia,
a menina,
agora eu esqueci o nome dela... a Maria Inês.
Olha o pessoal daqui é muito especial pra mim.
E tá sendo, sabe?
E eu passei por muita coisa boa aqui,
com as amigas,
vi mãe aqui que não aceitava a...
o filho ter esse problema de deficiência, ser surdo.

Eu aprendi muito aqui nas reuniões,
aqui tem reuniões maravilhosas, com Maria Silvia,
com... com a Maria Inês,
com a... a... outra menina que agora eu esqueci, né,
aquela menina japonesa,
esqueci o nome dela agora.
E eu aprendi muito aqui, sabe?
E agradeço a Deus por tudo o que Ele tem feito
pra ajudar o desenvolvimento da Vanessa.

E, de uns cinco anos pra cá
ela tem se desenvolvido bastante mesmo, sabe?
Ela tá falando, né,
ela tá aprendendo bem,
ela tem feito esses anos todos fono,
ela tem se desenvolvido,
cada ano eu vejo ela diferente.
De melhora, né.
Agora mesmo ela tá... ela tá corrigindo a escrita
e ela chega em casa e ela me mostra.

Mas, a mãe nunca se interessou a acompanhar.

O relacionamento com Vanessa

*Como que é o
relacionamento delas
duas?*

Olha, é... ela,
não sei se foi causado...
ela entrou em depressão quando ela teve ela, a Vanessa...
a mãe da Vanessa.
E eu nos dois anos por aí eu tomei conta porque ela judiava muito dela.
Ela batia muito, ela judiava dela, ela gritava,
acho que causado já dela ter problema e... né?

Um cara que nunca apareceu.
Até hoje Vanessa não pergunta quem é o pai,
às vezes eu tenho dó e eu já tive uma conversa na escola
explicando como é a vida dela.

A escola onde ela estuda também

que é a Anne Sullivan na Rua da Paz, né,
ali é uma escola, olha, uma escola modelo.
Aquele pessoal não tem sido um professor... uns professores,
tem sido uma mãe pra ela,
porque ensinaram a ela desde... com quatro, com três anos e pouco ela entrou ali,
desde comer na mesa
como uma pessoa civilizada de... de... garfo e faca
e ensinaram tudo coisas boas para o desenvolvimento dela,
os estudos, tá sendo a mesma coisa.
Os professores lá trabalham com amor,
trabalham com o coração,
com muito amor àquelas crianças.

E eu sei que ela tem desenvolvido tanto lá na escola como aqui.
Ela tá bem, né, graças a Deus.
E eu aqui só tenho que agradecer a Deus e aqui à USP,
porque isso aqui o pessoal tra... é... é igual a escola lá,
eles trabalha com muito amor.
As meninas que entra aqui,
as fono,
a direção daqui,
todas é muito especial pra mim.
Tem sido muito bom, sabe,
muito bom mesmo.

Eu aprendi muita coisa,
se eu for falar o que eu aprendi,
desde cuidar,
desde ter paciência com a Vanessa,
desde de... de...
de ensinar,
ter aquela paciência com ela.
Porque, quantas vezes até eu desligava o fogo do arroz pra dar atenção a ela, né.
Quantas vezes ela falou:
'Mamãe, mamãe' pra mãe e ela rejeitou.

E que as mãe,
a família, tenha paciência com seu filho.
Seja a vó, seja a mãe, seja o pai, seja família.
Porque eu tenho certeza
que a Vanessa tá chegando aonde ela tá chegando porque eu tive muita paciência,
muito amor com ela...
[Começa a chorar. Pego uma caixa de lenços para D. Ângela]

Eu fico emocionada porque...
Vanessa é uma... é tudo pra mim.
Ela é... não é uma neta,
ela é uma pessoa que eu amo,
uma pessoa que eu abri mão do trabalho.
Eu abri mão do trabalho.
Eu deveria ser uma aposentada hoje que ganhasse muito bem,
mas eu abri... mão dezessete anos de trabalhos bons

pra cuidar dela.

Por isso que eu falo pra você,
olha, se eu tivesse ganhado din...
muito dinheiro esses dezessete anos,
talvez eu não tivesse tão feliz como eu é...
deixa eu pegar um papelzinho [pega um lenço de papel]...
como eu me sinto hoje... de ver ela bem.
De ver ela bem, ela fala: 'Vovó, olha, vovó eu tô falando hoje,
eu vou trabalhar um dia,
você foi a minha, tá sendo a minha mãe, meu pai',
olha, fiz bagunça [se referindo aos lenços de papel]
é...
'tá sendo minha mãe, meu pai que eu nunca tive, né,
e você foi quem me levou à escola,
você é quem cuida de mim,
você é quem me dá tudo que eu preciso,
você é quem me ajuda', sabe.

E, às vezes, eu falo pra ela: 'Não,
você tem a sua mãe,
você sabe que ela tem...
você tem a sua mãe'.
Mas, ela fala: 'Vovó... ela não é minha mãe,
minha mãe, minha mãe é você.
Porque ela nunca me levou na escola'.
Mas, mesmo assim eu falo: 'Ela é a sua mãe!
Ela é sua mãe,
eu sei que ela nunca levou,
ela até maltratou,
mas ela é a sua mãe.
Porque um dia que eu não tiver mais aqui,
talvez você vá cuidar dela, na idade já avançada,
porque tudo que eu pude fazer por você e ela,
eu vou fazer enquanto eu viver.
Agora, quando, eu já não tiver mais aqui que Deus assim me chamar,
é você... ela vai cair numa idade, idosa
e talvez você vai ajudar ela,
viu, como filha.
Você não aceita, mas ela é a sua mãe', né.
Se eu fosse uma pessoa egoísta eu poderia falar: 'Não, ela, quem criou foi eu,
eu que mando!'.
Não, não senhora,
não senhora.
'Tudo o que eu fiz foi por amor a você
e eu agradeço muito a Deus, Deus ter me abençoado'.

E na época eu trabalhava,
eu levava ela pro meu trabalho!

Os sacrifícios

*Onde a senhora
trabalhava?*

Trabalhava,
trabalhei como zeladora,
trabalhei em casa de família,
trabalhei, é...
cada coisa eu fiz um pouco
e eu conversava com o pessoal, levava ela pro trabalho.
Sentava ela ali,
às vezes deitava ela ali num cantinho
e trabalhava.
Quando chegava a hora de levar ela na escola sabe o que eu fazia?
As pessoas me liberavam uma hora
pra mim levar lá na Rua da Paz e voltar para o trabalho.
Aí, o que eu fazia:
levava ela onze horas,
ela entrava à uma hora;
aí eu levava ela, deixava na escola,
quando era cinco da tarde,
eu largava do serviço
e ia correndo levar ela num... lá na escola,
aí voltava pra casa.

Eu levei muitos anos da minha vida assim...
sabe... cansada...
mas, mesmo assim,
eu fazia.
Vim trazer ela aqui,
eu vinha trazer na fono, mesmo assim,
onde eu trabalhava liberava.
E eu levei esses anos todos,
sabe?

Agora, do ano passado pra cá, de ano 2000,
nós estamos em 2006, né?
De 2000 e... 2006...
2005 por aí,
é, 2000, é 2004,
é, 2005,
pra cá, que a mãe dela tá mais melhor
eu dei de pôr ela, porque agora ela já tá, é...
agora tá com dezessete anos, né,
então eu venho trabalhando com a mãe: 'Olha, é, assim, vá
porque você... eu já tô cansada também,
eu já criei vocês,
eu já fiz tudo que eu tinha que fazer na minha vida, eu já fiz'.
Então, não que eu teja cansada e não... não quero.
Mas eu pus, eu tenho pnhado ela
esse ano agora que ela tá assim,
eu tenho pnhado ela às vezes pra ela vir, né.

Mas, eu venho na reunião uma vez por mês aqui que eu...
nessa reunião a gente aprende muita coisa boa:
como lidar com a... com a criança que tem problemas assim, sabe...

O diagnóstico e a preparação para o mundo

*Como que foi no
começo, quando a
senhora soube da
surdez, foi
confirmado...*

Ah, quando...
bom, o dia que eu soube, que a médica disse pra mim há dezessete anos atrás,
que ela falou pra mim assim, falou: 'Oh, vó,
a Vanessa ela nunca vai falar', né.
Mas, aí, eu fiquei assim... uns cinco minutos me deu uma tristeza muito grande.
Mas, aí, eu olhei pra médica assim, não falei nada.
Mas, saí dali calada, não falei nada.
'Não é assim, não.
Não é assim, porque se Deus, assim, Ele pôs ela no mundo...
e Deus vai me abençoar que eu vou cuidar dela
aonde for o tratamento, que houver tratamento pra ela,
eu vou pedir a Deus pra me ajudar, pra eu conseguir
um tratamento e o aparelho,
mas eu não vou desistir por nada'.

Quantas vezes eu saí às cinco da manhã de casa?
E eu nunca medi esforços pra ir atrás.
Aqui, às vezes elas falavam: 'Olha, a senhora tem que estar às oito horas aqui na USP',
eu falei: 'Não tem problema!'.
Eu nunca cheguei atrasada aqui,
nunca perdi, sabe?
Então, sempre eu tava aqui.
E outra, é...
eu pra mim ela nunca foi um peso na minha vida.
Deixei de trabalhar registrado, ganhar bem,
mas pra mim hoje eu me sinto tão feliz,
que era como se eu tivesse...
talvez eu tivesse ganhado muito dinheiro
e tivesse bem aposentada hoje
eu não tava tão feliz como eu ver ela bem,
desenvolvida.

Ela desenvolveu bastante,
eu queria que você visse ela, né,
como ela tá falando,
muito tímida,
muito,
muito,
muito.
Ela levou... muito tempo,
talvez uns oito anos ou mais,
ela era muito tímida, ela não falava.

Até hoje, tudo o que ela traz da escola e vem conversar é comigo.
Ela não é de falar com a mãe,
ela não é de falar muito com os tios lá em casa.
Se bem que eles dão atenção, olha, ajuda.
Mas, tudo é comigo,
às vezes, tudo que eu...
às vezes eu saio com ela
as pessoas faz pergunta pra mim, ela olha pra mim, eu falo: 'Não olhe pra mim,
você responda.
Responda porque você tem que... que...
você tem que aprender a não olhar pra mim,
é responder o que a pessoa tá perguntando.
Porque mais tarde você vai enfrentar o mundo aqui fora,
eu tô te preparando pra o mundo, né.
O mundo, o que é isso?
É você sair atrás de seus... seus... seu...
atrás de seu... das suas coisas que você precisa,
do trabalho, do estudo.
Já lhe ajudei,
não tô negando.
Mas, eu tô preparando você
pra mais tarde você entrar num trabalho...
você saber se virar,
perguntar, falar,
é... não ser desrespeitada por ninguém... ' .
Porque a gente tem...
às vezes a gente tem uma...
que nem ela assim,
alguém pode abusar.

Então, a escola,
a escola que ela tá que é a Anne Sullivan, na Rua da Paz,
ali dentro do shopping Morumbi,
ali eles preparam o aluno para o mundo, pra tudo.
Pra droga,
pra todas as coisas,
se defender, não brigar,
se defender do... das coisas ruins que vêm contra a eles.
E é uma escola que desde...
de tudo eles tão preparando os alunos.

Então, ela chega,
ela fez curso com... na Junta Militar, né,
eles ensinam como se livrar das drogas,
quais são o nome das drogas,
como você tem que se livrar,
como você tem que tratar até o traficante,
tratar ele bem,
que ele é uma pessoa que precisa também
de apoio, né.

E, olha, lá, a escola,
eu pra mim é uma escola muito especial, muito amorosa,
ensina de tudo,
desde o namoro, desde a adolescência, desde a...
de tudo eles ensina.

Mas, a senhora tem esse tipo de conversa com a Vanessa em casa também?

Tenho, tenho.

Porque agora ela tem dezessete anos

Tenho,
ela tem dezessete anos.
E ela chega: 'Vovó,
hoje a professora falou isso e isso pra mim'.
Eu falei: 'Então, Vanessa, é isso mesmo.
Você tem que tá preparada, minha filha, para o mundo.
Não se desenvolver,
se vem da escola sozinha não vá pelos amigos:
'Ah, vamo em tal lugar, nós vamos passear,
vamo lá, vovó não tá vendo,
não tem nada de mais é... você ir,
vamo lá em tal lugar assim',
não aceite,
'Não, eu vou pra casa porque a minha vó tá preocupada comigo,
se eu demorar chegar ela vai ficar preocupada'.
Então, eu ensi... eu passo tudo pra ela.

A USP como "salvação"

É muito difícil criar uma adolescente surda?

Olha,
é difícil, mas eu acho que se você tiver amor você cria.
Porque, eu pra mim não foi difícil não porque é...
eu aprendi muito aqui na USP,
mas muito.

Mas, o que a senhora aprendeu aqui?

Eu aprendi como tratar eles em casa, com carinho, né...
eu aprendi que nós não deve criar ele como uma pessoa inútil, que tá ali:
'Não, não vá falar nada pra ele'.
Eu aprendi que a gente liga a televisão e eles querem saber de tudo...
de tudo e você tem que passar pra eles...
pra você... pra o...
pra que eles é... sejam uma pessoa que... eles são capaz.

Eles são capaz,
e eles são muito inteligente.
Se você passar com muito carinho as coisas pra eles,
ensinar as coisas boas e ruins,
porque tem os dois lados:

bom e ruim,
você não vai ensinar tudo só bom,
também tem as coisas ruins pra eles se defender, né...

e isso eu aprendi muito aqui com...
com as pessoas que vêm fazer palestra.
Aqui nós tivemos palestra com mudo e surdo,
aqui nós tivemos professor mudo e surdo, de língua de sinais,
aqui a gente...
olha, esses anos todos foi muito bom,
tá sendo muito bom.
Oh, hoje ela já fez tudo, ela falou: 'Vovó, eu já fiz tudo aqui'.

Mas, ela escreve por causa da... da... da...
por causa da... da deficiência que ela tem,
ela tem dificuldade ainda de escrever correto,
mas mesmo assim agora, com o grupo da Maria Silvia, da Marineide,
que tá tendo outro grupo diferente esse ano aqui,
ela tá participando
e ela chega da escola com o caderno de português
e ela vai e vem trazer pra mim ver se tem algum erro.
E ela tá se corrigindo tão rápido,
a corrigir os erros que ela tem, como falar

e uma coisa que sempre você tem que fazer como o pai de aluno:
corrigir, sempre os erros.
Mesmo ele tendo muita dificuldade,
você senta com ele com paciência: 'Olha, essa letra ela é,
a palavra ela é assim,
tem que falar correto',
sempre repetir olhando
pra eles.
E vou falar uma coisa pra você,
se você tratar com carinho,
na trate a criança como ele seja um doente,
ou surdo, mudo...
sabe, nada disso,
trate ele como uma criança como ele,
eles são capaz de aprender tudo.

O encontro com um surdo adulto

Eu vi, eu vi é.. professor aqui é...
mudo e surdo, professor!
Olha!

*O que a senhora
achou... quando viu?*

Eu, eu, eu fiquei, eu fiquei emocionada, eu fiquei: 'Gente, que maravilha!'.
Isso é pra nós ter mais paciência e buscar,
correr atrás de muita coisa que eles têm direito... né?

Eles têm direito de muita coisa pra desenvolvimento da vida deles.
E de uns anos pra cá tá tendo muito trabalho pra os...
é uma coisa que é, é impressionante
como governo vem...
eu sei que o governo eles tão oferecendo bastante coisa,
mas falta muita coisa, tem muito preconceito.
Agora eu vejo que diminuiu bastante o preconceito...

Preconceito

*A senhora já sofreu
alguma coisa que
alguém tenha
mostrado algum tipo
de preconceito com a
Vanessa?*

Não, eu... eu... eu sofri,
eu... eu... eu já, eu já...

*A senhora pode me
contar?*

Já, já, já porque...
eu já até inclusive às vezes no lugar onde eu,
às vezes eu pegava o ônibus, né,
muita gente tinha...
teve pessoas que dava o lugar pra ela.
E ela desde pequenininha que ela...
até hoje ela ela vê as pessoas ela olha assim,
se vê que os cabelos é branco, idoso,
então ela tratava como se fosse 'meu vovô', 'minha vovó'.
Então, às vezes pessoas não queria tá perto.
Eu ficava assim olhando,
eu não me sentia triste não, falava: 'Oh, meu Deus'.
Eu acho que uma pessoa dessa pra precisando...
é falta de... falta de alguém até falar na televisão
que o surdo ele não é uma pessoa doente,
ele é uma pessoa capaz, é uma pessoa inteligente,
uma pessoa,
você pode ver que... que são.. são umas crianças que ele tá atendo a tudo,
a aprender,
eles querem aprender.
Então, cabe a nós e cabe às escolas ter mais paciência,
porque tem escola que também não tem muita paciência.

A língua de sinais e a importância do oral

Eu acho que a língua de sinais é uma língua muito importante,
porque é a linguagem deles!

A senhora fala língua

Eu sempre falei

*de sinais com a
Vanessa?*

um pouco
com a língua de sinais
e sempre puxei muito pela fala!
A falar!

*A senhora quer que ela
fale...*

A falar.
Olha, eu prefiro que ela fale porque ela tá falando até bem,
ela fala bem!

E ela... e...
e eu acho bom que ela saiba também a língua de sinais
porque ela não quer deixar de aprender.
Por quê? Porque pra ela... se poder
se comunicar aonde ela for trabalhar...

e a língua de sinais ela é importante por quê?
Porque tem...
tem criança que tem essa deficiência surdez
que ele jamais vai falar um dia.
Tem criança!

E se ela sabe falar a língua de sinais
ela pode é... entender,
até num... num lugar que ela possa trabalhar
que trabalhe outras pessoas surdas,
quem sabe vão passar pra ela:
'Olha, o que tá fal... passando...'

Eu acho que em todo lugar de...
é tanto hospitais como firmas... c
omo os aeroportos,
como os... é...é...é até nos aviões,
deveria ter um professor,
uma pessoa que soubesse língua de sinais.

A língua de sinais ela é importante, gente!
No mundo inteiro ela é importante.
Por que?
Porque não é toda criança que ele,
mesmo fazendo tratamento, ele venha a falar.
Ela é importante!

Tem escola que... escolas de crianças de... de... normal,
é que eles tão pondo as crianças pra estudar junto.
Mas, tem criança que ela não tem condições de acompanhar aquelas crianças normais
que fala bem, sabe?
E eles ignora a língua de sinais,
professor que saiba língua de sinais, é...
intérprete que tenha a língua de sinais é,
eu já ouvi aqui,
eu sou contra isso.

Eu acho que toda escola deveria ter professor de língua de sinais, mesmo as escolas de crianças normais, já que eles querem pôr as crianças também. Eu não tô falando que a criança não é capaz, né... que eles tão... que eles que eles só ter as escolas especiais pra eles, né. Eu sou a favor que tenha a língua de sinais sim, porque eles são capaz de fazer uma faculdade só que... se eles não têm um, digamos, um professor que acompanhe eles na língua de sinais como é que eles vão ser um professor um dia, fazer uma faculdade, fazer tudo?

Que nós já tem... vemos é... professores aqui surdo e eles passava pra gente que os pais não aceitaram nunca. Nós tivemos uma japonesa aqui, né, que ela é... ela era... foi professora de língua de sinais. Ela disse que os pais dela não aceitavam, maltratavam ela, e ela lutou muito e ela chegou numa escola que tinha língua de sinais, hoje ela é professora, né.

E... isso é importante, a língua de sinais, pra eles. Pra eles e pros pais aprender.

Então a senhora faz curso?

Porque se você se você não aprende a língua de sinais como é que você vai poder ajudar... eles, né? Olha, a Vanessa tá falando bem hoje. E ela não deixa de não falar língua de sinais, mesmo ela falando, ela tá falando ali, tá escrevendo, tá falando. Por quê? Ela acha que a língua de sinais é importante, porque um dia ela vai trabalhar, um dia ela vai pra um lugar, quem sabe trabalhar num lugar que tenha muita pessoa surda e ela pode passar pras pessoas, né.

Como eu acho importante hoje em dia assim um professor que saiba é... ser um intérprete, ser um professor que ensine língua de sinais. A escola dela tem aula lá toda a... toda semana tem aula pros pais ir e eles ainda escolheram... tem pai... tem pai que trabalha durante o dia

mas à noite ele pode ir uma hora assistir lá,
aprender a língua de sinais de graça.
Aqui também!
E eu tô pondo a mãe dela, que a mãe dela nunca quis.

Agora a mãe dela tá... fez um tratamento,
ela... ela ficou assim,
um tratamento pra ela já tem uns quatro anos já
agora ela tá bem.
Mas, ela não quer, não... sabe?
Ela tem problema, muito problema.
E ela não quer, sabe?
E eu falo isso pra ela:
'Isso é importante... pra você... aprender', né?
Mesmo ela falando, né,
porque... um dia eu possa já não estar mais aqui, né,
porque a gente não sabe o dia de amanhã.
Se ela vier a se casar um dia, nunca se sabe, né?

Mas, que é importante a família acompanhar com muito carinho,
toda família acompanhar com muito carinho...
é importante pra eles!
Eles desenvolvem mais,
o desenvolvimento é melhor.

A reação dos outros membros da família

*Como que os outros
membros da família
reagem à surdez?*

Ah, com dó,
às vezes tinha dó,
às vezes é... ficavam muito assim comovido.
Mas, eu tomei a frente de tudo!
Eu sempre fui... fui atrás de tudo.
E conversava também:
'Olha, vocês têm paciência,
vocês faz isso, faz aquilo'.

A minha família, graças a Deus, as minhas filhas,
nunca tiveram esse problema,
sempre têm ajudado, sempre, sempre.
Eu tinha a filha mais velha, que agora ela tem uma filha de seis anos, né,
e aquilo, a Vanessa nunca foi uma sobrinha pra ela,
ela tinha como uma filha.
'Oh, mãe. Se eu não me casar um dia,
se eu chegar a não me casar e não tiver filho,
Vanessa pra mim ela tá sendo uma filha
e vai ser sempre uma filha, mesmo que um dia eu me case e tenha filho'.

Então, lá em casa é assim, foi assim.

A mãe rejeitou? Rejeitou.
Mas, a minha mais nova,
eu tive três filhas: Márcia, Mariana e Marta,
que é a mãe da Vanessa,
mas com elas nunca teve problema.
Nunca, graças e Deus, sempre trataram bem.

Quem mora na sua casa?

Hoje a... a minha filha,
essa filha mais nova que é Mariana,
tem uma filha de treze anos,
ela é divorciada já há seis anos...
então, ela vive na minha casa,
tem me ajudado muito,
tem sempre me ajudado muito com ela,
às vezes no estudo,
que eu tenho pouco estudo, né?

A escolarização de D. Ângela

Eu, se eu tivesse tido um pai e uma mãe
que tivesse me posto na escola,
eu tinha aprendido mais
e meu prazer era ajudar mais a ela na escrita, em tudo.

Mas, eu depois que eu fiquei viúva,
já há vinte e quatro anos eu sou viúva,
quando eu fiquei viúva eu entrei na escola,
eu trabalhava pra... trabalhava muito, né, e...
eu saía cinco horas do trabalho,
largava
o meu trabalho correndo
e eu comecei a estudar,
estudei o primeiro ano no... q
ue era MOBREAL na época, né,
há vinte e quatro anos atrás,
não, há vinte anos atrás,
quando o marido faleceu,
depois de uns quatro anos foi que eu falei: 'Não, agora vou estudar, eu preciso', né,
e entrei na escola.
Eu sei que na época era MOBREAL,
agora eu não sei como é que tá tendo.
Aí eu comecei a estudar
e em um ano eu fiz o primeiro,
até os seis meses,
dos seis meses pra terminar o ano eu fiz o segundo e parou ali.
Comecei no terceiro
aí foi quando eu larguei,

aí foi quando Vanessa veio,

eu tomei conta de Vanessa até agora.
E às vezes... e eu quero ver se eu volto na escola,
que eu quero aprender,
sabe?
E aí eu comecei até o terceiro ano,
olha, eu leio bem e conta eu sei um pouco.
Mas, esse pouco que eu sei ler,
eu ajudo ela na dificuldade que eu vejo que tá errado
a... a... a... os... às vezes o nome,
a frase que ela escreve,
eu vejo que tá um erro lá eu falo: 'Oh, olha Vanessa, aqui tá errado, vamos corrigir'.
Ela vai lá e corrige, né?

Então, ela tá desenvolvendo bem,
bem mesmo ela tá.
Então é motivo de eu estar muito alegre, tá?
Pra mim lá em casa ela é uma pessoa muito cuidadosa,
muito assim, tá atenta a tudo... cuidado,
sempre foi aquela...
do jeito que eu criei as outras filhas eu criei ela,
aquele cuidado, aquele respeito em tudo, sabe?

Olha, eu graças a Deus...
eu... agradeço a Deus muito,
eu tenho pedido muita paciência,
muita fé, muita paciência,
e tudo que eu vou atrás,
que eu vou... é... conseguir pra ela eu tenho conseguido, sabe.
E eu peço a Deus que Deus abençoe a minha vida,
eu só quero muita paz na minha vida e saúde,
porque o resto Deus tem me dado.
Então, só tenho que agradecer.
Aqui... a USP, cada ano que entra pessoas aqui,
fono pra trabalhar,
ela tem melhorado mais ainda.
E eu creio que logo ela tá deixando aqui
pra dar lugar a outra pessoas.

Mas, eu sempre falo:
'Trate da sua criança, do seu neto com muito amor.
Mostre a ele que ele é capaz,
não crie ele como uma criança doente,
crie ele como uma criança é...
que apenas não escuta mas, é uma criança
que tem tudo pra aprender', sabe,
'se você tiver carinho,
amor
e paciência', né?
E, é isso.

O futuro

*O que a senhora
imagina daqui pra
frente pra Vanessa?*

Olha, eu imagino daqui pra frente que ela vá terminar o...
que nem a oitava série, né, agora ela tá na sexta,
acho que ela tá na sexta série,
que ela termine lá a oitava série,
faça um colegial e...
é... a escola tem dado bastante curso
eu vou ver se o mês que vem,
acho que ela já vai entrar de férias,
mas quando voltar eu atrás de curso que ela tá querendo aprender...
e ela fala: 'Vovó, eu quero trabalhar,
eu quero ter o meu dinheiro.
Eu quero trabalhar,
eu quero ter as minhas coisas.
Eu quero ter o meu cantinho', né,
'e eu quero trabalhar, tá',
'um dia eu quero ter a minha casa', né.

E é gozado que ela arrumou um namoradinho
e ela gostou muito desse menino
e o ano passado ele teve um problema e ele deixou dela,
mas até hoje ela... ela... às vez os meninos na escola gosta muito dela,
ela é muito assim faladeira, eles admira dela, sabe.
E ela fala: 'Vovó, eu não quero arrumar namoradinho', sabe.
E nós vamos é... nós fomos... fazemos parte da Igreja Batista, né,
nós vamos na Igreja Batista e ela fala: 'Vovó, eu tenho medo de arrumar um...
um rapaz que fala,
que ele pode arrumar outra namorada e eu não quero que ele me traia,
eu não quero.
Eu devo me casar com um rapaz surdo?
Igual eu tenho surdez?'.
Eu falo: 'Olha, Vanessa...
com o tempo você vai descobrir', né,
'que eu acredito em Deus
que o rapaz que você for se casar um dia,
que eu tenha oportunidade de tratar ele como seja um filho
que tá entrando na minha vida, né, na... na... na nossa família,
e eu quero que vele lhe trate bem pro resto da vida,
até que a morte separe vocês dois, né,
é isso que eu quero, peço a Deus, né.

E o resto você vai aprender muita coisa boa nessa vida,
muita coisa boa.
O mundo tá aí, né,
aonde você tá, você tá aprendendo de tudo', né,
o pessoal, lá a escola, ele tá prepa...
prepara o aluno já desde os três anos
até a oitava série pra o mundo,
pra você aprender tudo de bom, né,

e se livrar das coisas, né.
Tratar o ser humano,
tratar o próximo como a você mesmo, né,
respeitar.

Que ela é assim,
tudo que se passa na escola,
lá eles tratam ela muito bem,
chama ela pra dar... fazer entrevista,
pra ela falar e ela tá se soltando.

E é uma coisa que foi muito boa pra ela foi uma psicóloga.
Eu acho que o aluno, o surdo,
ele tem que ter o acompanhamento com uma psicóloga,
e ela acompanha,
ela teve o último ano, que ela sempre tá cobrando: 'Vovó, eu queria uma psicóloga',
é... ela sempre tem cobrado.
E ela teve um psicóloga aqui em cima, uma menina,
mas uma menina assim nova, fazendo estágio,
ela se deu tão bem com aquela psicóloga
que ela teve um... assim, um desenvolvimento muito rápido.
Eu não sei, eu não sei, porque que foi tanto assim.
Porque os outros ela era tímida demais.
E ela teve com essa menina,
nossa, se desenvolveu bem.
Só que o ano passado e esse ano não conseguiu.
Mas, ela fala assim:
'Ah, vovó, eu queria uma psicóloga',
eu falo: 'Não, você tá falando bem',
'Ah, mas eu queria'.
Falei: 'Oh, eu vou conversar com a Maria Silvia,
quem sabe o ano que vem', né.
Mas, ela tá bem.

A senhora já passou por psicólogo? Eu tinha, tive acompanhamento aqui também.

Foi bom? Foi muito bom

Foi logo que a senhora entrou aqui? Foi logo, logo assim que ela entrou aqui,
nos oito anos por aí... de idade, né.
E... eu sei que foi muito bom, né.
E... eu só tenho que agradecer.

As dificuldades para aprender libras

Eu só não entendi uma coisa, a senhora faz aula de língua de Não, eu não tô fazendo não, mas a mãe tá... a mãe tá vindo fazer.
Eu tô sempre,
ponho na cabeça dela,

sinais ou não? mas eu falei pra Maria... pra Maria Silvia que se ela não... se ela não quiser vim, eu vou continuar vindo.

A senhora já fez aula de sinais? Já, fiz muito tempo aqui.

Era muito difícil? Era, era muito difícil.
Tem coisa pra mim que não sei escrever muito bem assim, foi difícil.

O que era mais difícil? Mas, eu aprendi muita coisa boa, muita coisa boa, muita coisa boa.
Sobre as fruta, o nome das fruta, sobre a... é...
nossa, foi muita coisa que eu aprendi aqui.
O nome da comida, como lidar com eles, como... os direito que eles tinham, muita coisa boa eu aprendi.
Agora...

Mas, na sua casa vocês só falam português. É, eu falo... alguma coisa eu sei.
Eu... eu aprendi, né.
Mas, eu quero voltar, porque eu tenho neta que no horário da tarde, eu fico.
Mas eu queria... eu queria ver se eu... ou trazia a neta assim mesmo com sono, ou arrumava um jeito de eu vim!
Mas, eu quero vim!

Eu quero vim porque a língua de sinais, mesmo você sabendo de tudo, ela é importante na tua vida.
Por quê?
Porque você vai enco...
você vai chegar em lugar e você vai ver uma criança que não escuta, que não fala, nem escuta e nem fala, e você vai ver aquele gesto e você fica olhando.
É como que uma pessoa... cego...
é igual você não saber ler nem escrever nada, você tá vendo tudo ali, você não sabe o que tá...
pra você não tá falando nada.
É igual a língua de sinais se você não se interessa, né.
Que eu falei pra ela: 'Se você não levar a sério, não querer aprender, eu vou'.

Pra sua filha.... a senhora falou isso pra sua filha? Pra mãe dela.
Pra mãe, pra mãe da Vanessa: 'Eu vou'.
Porque eu acho que é importante.
Eles tão ensinando de graça! De graça.

Porque na nossa igreja nós já procuramos
pessoa por pessoa pra dar lá na igreja
que lá vai muitas crianças de lá que não escuta
e quer saber o que tá escrito lá!
Quer saber o estudo bíblico.
E eles querem saber.
E se a gente não sabe,
como é que a gente vai passar pra eles?
Nas escolas,
em todos os lugares deveria ter professor pra ensinar.
Intérprete, professor.
E é difícil a gente achar.
E é caro as hora de aula.
Por que não, não dar valor e vim aprender?

O comportamento da mãe de Vanessa

Seja na escola,
lá na escola tem,
a mãe não quer!
Não quer.
Não quer,
ela fica brava:
'Você tem',
ela fala pra ela,
'você tem que aprender porque a minha vó ela já andou muito comigo
e lá é de graça,
na escola,
por que que você não vai lá?
Você não, trabalha, você não tá fazendo nada,
você tem que ir!'.
Ela fica brava às vez com a mãe,
ela cobra, ela tá cobrando dela, né.
'Olha, vovó, você tá cansada,
tem que ajudar você porque você tem problema de pressão alta,
se a gente não ajudar você,
você vai também ó,
morre [fazendo o sinal].
Você vai morrer, né,
ela tem que ajudar, vovó,
ela tem que fazer, vovó'.
Ela tem problema mínimo? Tem,
mas é preguiça que ela tem,
não quer, não se interessa.

Ela não trabalha?

Não.
Não trabalha.

Fica em casa.

Fica em casa.

Então eu falo pra ela: 'Vai ser bom pra você,
é muito bom, arruma um trabalho,
trabalha, você tem condições,
você sabe ler, você sabe escrever,
trabalha pra você mais tarde ter um futuro.
Enquanto eu tiver viva você come, você bebe, você tem onde morar, você tem tudo.
Mas, um dia que eu não tiver aqui isso vai acabar.
Você tem que ter um futuro,
você tem que ter um registro em carteira.
Você tem que ter um futuro
pra mais tarde você ter uma aposentadoria'.

*E o que ela acha disso
tudo?*

'Ah, eu não esquento a cabeça,
não quero nem saber'. [risos]
'Você não esquento a cabeça hoje que você tem tudo,
amanhã você pode não ter.
E como é que vai ser tudo vida?',
'Ah, não quero nem saber,
se vira, a senhora se vira',
'Olha... tá bom, tá bom,
sabe o que você vai acontecer?
Você vai dar muito trabalho pra tua filha... tá?
Não faz isso não'.
Do jeito que eu trato a filha com carinho eu trato ela.
E talvez eu estrague porque eu falo com carinho:
'Olha, é assim',
sabe?
Mas, não é fácil.
Então, tem as outras duas irmãs e fala:
'Mãe, olha mãe,
pessoa igual a senhora é raro,
porque eu não tenho essa paciência!
Não tenho, mãe, essa paciência que você tem.
Não tenho!
Porque essa criatura é saudável, mãe,
não é justo uma coisa dessa.
Olha, mãe, só a senhora'.
Eu falei: 'Não, não é só eu não, só por...
não é só eu que devo ser assim,

eu acho que todos nós temos que ter paciência,
fé, muita fé,
nunca a fé acabar em Deus
e correr atrás de tudo o que você tem direito.
Você pode não chegar lá em cima,
mas você vai conseguir,
alguma coisa você vai conseguir.
Corra atrás,
corra atrás pra você ver,
igual eu tenho feito'.

E eu... eu acho que hoje em dia a...
o desenvolvimento da família com os...
com as crianças que não falam e não escutam melhorou.
Melhorou bastante.
Aqui eu vejo melhorar, né.
Mas, eu vi mãe aqui de ficar revoltada:
'Eu não aceito',
batia na criança.
Hoje essa mãe não tá mais aqui,
foi pro interior de Marília,
e eu ficava assim muito triste, né...
e eu acredito que ao passar do tempo ela deve ter melhorado, essa mãe.
Mas, tem mãe, que hoje em dia não aceita,
ainda tem.

*A sua filha já começou
a aceitar?*

Hoje em dia ela já tá mais... aceita.
Ela tem aceitado.
Não como deveria,
mas hoje em dia ela já entende mais diferente.
Ela tá vindo, né,
então é isso.
Não é fácil não, viu?

O que é mais difícil?

Mas...
ah, o que é mais difícil é tem família que não aceita:
'Eu não aceito!
Meus filho tudo é normal! Normal!
Por que que Deus permitiu meu filho ser desse jeito?
Eu não aceito!'.
Eu vi mãe aqui falando isso.
Mas, pra mim, eu não achei difícil não
porque eu fui aprendendo... cada dia... vivendo...
muito amor eu tinha a ela, né... toda vida tive.
É tanto que tudo que se passa com ela,
de às vez menino que gosta dela,
tudo, tudo, tudo ela vem me perguntar.
Ali eu sempre ouvi.

A mãe, ela tem que sempre ouvir o filho quando ele vem
pedir o carinho.
Quantas vezes eu desligava tudo que eu tava fazendo?
Ponhava ela no colo ali,
por cinco, dez minutos, eu tava ali com ela.
Aí eu ponhava ela na... na cadeira e falava: 'Agora você vai sentar aqui
e eu vou ligar o fogo da panela,
eu vou fazer o meu serviço
e você vai ficar aqui.
Vovó tá aqui'.

Eu acho que é o carinho, é o apoio, a atenção...
que as mãe tem que dar... a família.

Principalmente a mãe, vó, né, o meu caso, né?
E você vai ver que você vai criar uma criança
que ela vai aprender... tá errado, você tá mentindo.
Então, não ensine nada que não seja verdade,
não ensine.
Porque a criança ele... ele aprende, ele é inteligente.
Se ele tiver num lugar que ele aprende a língua de sinais,
ele vai falar que você tá mentindo.
Quantas vezes?
Às vezes elas falava coisa pra ela pela língua de sinais, ela:
'Não é vovó, não é! Tá errado!'

Eles cobra!
Eles querem a verdade.
São umas crianças se você ensinar a verdade pra eles, aprende.
Aprende tudo eu você ensina.
Pela língua de sinais eles viaja.

Quando ela... eles encontra...
na escola,
que aquilo...
a escola ela nunca gostou de faltar na escola.
Nunca, nunca.
O dia que não tem aula eu tenho que ouvir:
'Ah, porque a... a Fulana de Tal diz que não é pra faltar na escola'.

Que lá não tem greve,
lá tem greve de professor,
mas lá eles não entra de greve porque eles não aceita.
Então, um grupo sai pra correr atrás da.. do que precisa
e outro grupo fica to... fica ali.
E eles fica bravo: 'Porque o governo não paga direito os professor',
'Tem que pagar direito',
'Não pode faltar',
'Tem que pagar direitinho,
porque eles têm que... eles têm que ganhar o salário deles'.

Agora a idade dela tá uma idade...
teve reunião tem uns dois meses atrás eu fui...
na reunião.
Porque agora ela vai sozinha e volta, né.
E sempre teve aquele ônibus que a Marta pôs,
a perua Vai e Volta,
foi muito bom, me ajudou muito.

Escola e o crescimento de Vanessa

Esse continua?

Não continua não porque...
ela já tá com dezessete ano,

e ela tá bem, né?
Agora, pra os mais pequenos que têm mais problema,
tá tendo.
Eu agradei muito a Deus
a Marta ter posto aquelas peruas Vai e Volta,
voltava, levava as crianças e devolia pra cá,
pegava em casa e devolia.
Agradei muito a Deus,
porque eu já tava tão cansada.

Mas, agora ela tá bem,
ela pega a perua, ela vai sozinha,
quer vim sozinha pra aqui.
Falei: 'Olha, esse ano não,
mas o ano que vem você..',
'Ah, já vou fazer dezoito'.
Agora dia 11 desse mês agora que vem ela já faz dezoito.

Eu falo:
'Meu Deus, eu não acredito!
Vanessa correu muito.
Eu olho assim, eu não...
parece que foi ontem que carregava Vanessa!'.
'Vovó, eu vou fazer dezoito anos,
eu vou sozinha, porque eu sei pegar ônibus,
eu sei o ônibus que pega,
eu sei como vai, como volta,
eu tenho cuidado de atravessar no farol,
eu não vou atravessar fora do farol,
eu aprendi,
eu sei o ônibus,
eu sei descer,
eu sei ter cuidado'.
Olha, eu preparei...
eu tenho é...
tudo eu ensinava.
Os sinais,
tudo, tudo.

Então, eu acho que ela se desenvolveu muito aqui na USP e na escola.
Agradeço muito a Deus e todo esse pessoal que tem aqui,
que tem trabalhado com ela,
tem me ajudado.
Então, só tenho que agradecer.

*Essa é a primeira
escola que ela entrou?*

Foi a primeira escola,
ela entrou com três anos e pouco.
Fez o precoce,
ela chorava demais,
às vezes a mãe ia levar, ela chorava todo o tempo.
E aí, a professora:

'Oh vó, é... não dá pra você vim?'

Eu...
aí eu fiz isso:
levei pro trabalho.
Levava ela pro trabalho,
levava...
na escola,
à tarde ia buscar, levava pra casa.
E levei muitos anos assim.

Aí, num trabalhava registrada porque firma nenhuma me pegava,
fui trabalhar em casa de família,
mas mesmo assim contribuía com o INSS
e hoje eu sou aposentada, com um salário mínimo.
Mas, eu agradeço muito a Deus
por tudo que eu tenho feito pra ela
e acho que foi pouco.
Eu faria tudo de novo se fosse preciso.

Então, as mães,
os pais,
a família,
os avós que cria,
peça muito ajuda a Deus e... vai em frente.
Porque eles têm, tudo pra aprender e desenvolver
se a família tiver muito amor e paciência.
Porque tratamento tem.
Mesmo nosso governo como está,
que tá sendo a...
o nosso país tá um país muito, muito assim...
de muitas coisas erradas,
a gente é...
tratamento assim pra pessoa que não tem condições
tá sendo difícil.

Tá mais difícil agora?

Tá mais difícil agora,
no ano 2006,
que nem a gente tá levando a vida,
pra o idoso, pra o deficiente.
Mas, graças a Deus que aqui a USP nunca dispensou ela.

Aqui é um lugar que sempre tem greve por aí,
mas aqui sempre o pessoal tá de pé.
Vai uns atrás das coisas
que eles precisam também lutar, né,
os direitos que ele tem,
e fica outros atendendo
pra que os deficiente não fiquem sem tratamento.

Então, o que eu tenho que falar desses anos todos...

que a Vanessa tá bem
e que a família, os avós tenha muita paciência,
muito amor...
porque aqui na USP ela achou,
a escola,
muito amor,
muitos professores até hoje tão lá... né,
pro pessoal que busca muita coisa pra ensinar eles, né.

E o governo também tem oferecido algumas coisas,
benefícios,
que nem agora tem esse...
isso das firmas pegar eles pra trabalhar,
isso tá sendo uma benção de Deus, viu?
E eu tenho certeza que nós...
dias melhor virá.
Mesmo não vindo nós devemos acreditar que dias melhor
nós vamos ter, né?
Se não tiver,
mas pelo menos a fé e a esperança nós nunca devemos... acabar, né?
E é isso.

Que aqui vocês aprenda também muitas coisas,
as fonoaudiólogas aprende muito com eles.
E que grandes profissionais saia daqui também.
Ali oh, trabalhando com amor, junto, tratando o deficiente.
Que eles precisa de muito vocês,
precisa de vocês também.
E é isso,
só tenho a agradecer.

*A senhora quer me
contar mais alguma
coisa?*

Não porque eu sei que meu tempo já vai...
olha, onze hora já vai dar,
já vou embora já.

*Obrigada, viu, D,
Ângela!*

Pois é, qualquer coisa a gente tá aqui,
se quiser fazer uma entrevista com ela também, né?

Conselhos finais

E o que eu preparo a Vanessa é que ela fale,
ela se solte com as crianças...
com as pessoas que não fala,
porque com os surdos!
Gente,
com as crianças que não fala e não escuta, ela viaja!
E a escola também lá...
as menina lá que não fala nada passa muita coisa pra ela,
passa muita coisa boa pra ela da escola.

As amiga lá também conversam muito, sabe,
muito, muito, muito mesmo.

Sabe, às vezes eu falo:

'Você tem que ir ao cinema,
se você não tiver com quem ir, vá sozinha!
Você tem que oh, chegar lá, conversar'...
fez carteirinha,
a escola faz carteirinha todo ano pra ela pagar metade,
'Chama as amigas, vai no cinema,
chama um amigo seu.
Você não tem um amigo da escola, assim que você tem...',
'Não vovó, mas não é namorado',
falei: 'Mas, não precisa ser namorado, é amigo,
amigo tratar com respeito, com carinho,
chama, pode convidar.
A vovó confia que você é uma menina que sabe se cuidar', né?
E eu passo isso pra ela, né?

Não sou mais aquela: 'Não, você não vai porque é perigoso,
tal'.

Primeiro eu mostro:

'Cuidado,
mas você tem que aprender sair sozinha,
falar,
andar atrás,
procurar,
sabe?
Chegar num lugar
e perguntar,
tá com dúvida?
Olha isso aqui, como pegar o.... metrô pra ir em outro lugar...
tem muito,
as pessoas tão lá pra você se informar,
olha qual metrô eu devo pegar,
pra que lado, pra isso, pra aquilo?
Tem que ser assim,
que você tem que ser comunicativa.
Você é assim envergonhada, não pode'.

Então, muita preocupação com ela é que ela solte,
se solte,
fale com as pessoas com as pessoas que falam normal, né,
o jovem,
a jovem,
o adulto,
converse sabe?
Às vezes eu tô conversando com um amigo assim
e ela fala, ela:
'Ah',
e eu começo falar
e ela começa a falar também:

'A vovó quer que você seja assim,
chegue nos lugar, fale,
você tá falando até bem,
viu?'.
E ela fica toda, fica bem que só vendo.

Que eu sou viúva e ela dorme comigo
e de noite tudo que se passe eu tô ali,
às vezes, deitada, cansada e ela tá:
'Vovó, assim assim'.
Aí, ela deita e fica olhando pra mim assim,
pegando no meu rosto assim,
aí ela fala: 'Vovó, isso assim, assim, assim'
e eu vou indo, vou indo, falo:
'A vovó tá com sono, tô cansada'.
Aí ela deita,
vira pra lá,
aí volta e meia, mesmo assim ela acorda de manhã, ela chega assim e fala: 'Vovó,
dá um beijinho aqui na Nessa'.

Eu tenho que largar,
se eu tiver mexendo o arroz
eu tenho que desligar ali
e eu tenho que dá o beijinho a ela e dar atenção.
Até hoje eu tenho que dar atenção.
Eu tô lavando louça,
ela tá ali secando,
eu tô fazendo alguma coisa
ela tá ali do lado falando.
Por que eu dou atenção?
Porque ela não é de falar muito com as pessoas,
tem que dar atenção.
A gente tem que dar atenção.
Mesmo ela na idade que tá,
com dezessete ano.
Por quê?
Porque... com eles lá ela desabafa,
ela fala tudo.
Mas, com a gente que é família?
Nós temos que ver isso,
nós temos que dar atenção, né.
Se nós não dá é só lá na escola?
Em casa é muito importante a atenção, tá?

Às vezes o pessoal coisa ela não entende,
eu torno voltar com paciência:
'Olha, Vanessa, isso é um rodo,
isso é uma vassoura.
Isso é a máquina
e essa é a roupa de pôr na máquina'.
Eu passo pra ela:
'Roupa branca não se pode misturar com outras roupa,

tudo é separado'.
E ela tem aquele cuidado.
'Um dia você vai ter um marido, vai ter filho,
então você vai ter que saber fazer compras,
você vai ter que saber ir no mercado, saber fazer uma compra.
Você tem que saber quanto você vai gastar,
quanto é o produto,
se você pode ou não,
olhar primeiro o dinheiro
se você pode,
se você pode comprar uma roupa,
até aonde você pode ir,
fazer uma viagem,
onde você vai descer,
aonde, o horário.
Tudo você vai ter que saber.
E isso a gente tem que passar pra você, né.
Como é que você vai fazer uma viagem não vai saber o lugar de descer,
vai ter que pegar até o final.
Se não for até o final,
como é que vai ser?'.
Então, a família é importante dar atenção,
passar as coisas pra eles.
Porque eles vão desenvolvendo, eles vão...
eles precisa do apoio, muito apoio,
principalmente, primeiro lugar da família.

Aí, minha filha, só tem que melhorar...
se eu for falar eu vou falar o dia todo! [risos]
Eu vou embora que logo ela tá falando,
é onze hora ela tinha que sair de casa
e hoje ela vai sair só às cinco.

6.2.3. D. Luiza

Conheci o marido de D. Luiza, André Luiz, em uma das reuniões do grupo de apoio a pais ouvintes que freqüentei no departamento de Fonoaudiologia. Ele se mostrou muito disposto a colaborar com a pesquisa mas, devido ao seu horário de trabalho, não pude marcar de pronto uma entrevista com ele. Ele sugeriu, então, que eu entrasse em contato com sua mulher e fizesse uma entrevista com ela. D. Luiza também se mostrou muito disponível e, no dia combinado, em uma das salas do prédio da Faculdade de Educação da USP, gravamos nossa entrevista.

D. Luiza é mãe de dois filhos: Renata, a mais velha, é uma adolescente ouvinte e, Marcelo, o caçula, é surdo. Depois da entrevista, D. Luiza me contou que teve vários problemas para engravidar e, por isso, essas crianças eram muito esperadas em sua família. No que tange à sua relação com Marcelo, D. Luiza se apresenta como uma mãe extremamente preocupada com a educação de seu filho. Essa preocupação fez com que ela se engajasse a ponto de exigir da Faculdade de Educação que seu filho fosse matriculado na Escola de Aplicação da Faculdade e que uma intérprete fosse contratada para acompanhar Marcelo nas aulas.

A descoberta da surdez

Eu gostaria de saber como foi a descoberta da surdez de seu filho.

É... foi, ele tinha aproximadamente um ano... não chegava, por volta de um ano, um ano e meio, um ano e pouquinho... deixa eu olhar, ele andou com um ano e dois meses? Por volta de um ano e meio... né, que ele... mais ou menos quando começou... é...

eu tava na... no Instituto de Geociências, eu saí pra fazer uma cirurgia, né, tive afastada, eu tirei o útero, tal e... nesse ínterim, eu tinha levado já ele à pediatra, né, tinha acompanhamento de pediatra,

só que... é... ele... ele andou com um ano... a menina andou com onze meses,

ele um ano e dez, dois meses...
então, a questão da fala
até dois anos, pediatra diz que é normal, né,
como existia essa diferença.

A única coisa que eu comentava com a pediatra
é que eu achava ele é...
não sei dizer exatamente como,
com uma personalidade forte vai...
era um bebê de seis meses, um ano, né,
e eu sempre achei que ele nesse período todo
era muito é... genioso... né.

Não que ele não ouvisse,
porque ela falou assim: 'É, você chama...',
eu chamava por ele,
lógico que como um bebê
você não espera que ele responda de imediato,
você sabe que isso é devagar,
e algumas vezes ele dava por entender
e outras vezes não.

Se era coincidência ou não, até hoje eu não sei,
mas algumas vezes ele respondia,
ele atendia?
Ele atendia.
Entendeu?

E... isso foi rolando até que todas as pe...
as vezes que ia no pediatra ele também...
genioso no sentido do pediatra querer olhar, ele puxava... o...
como chama o negócio... como é que chama?

O esteto...

O esteto...
negocinho de olhar o ouvido também,
ele aprontava!

Então, eu falava pra ela: 'Ele é genioso'.
Então, ele chegava às vezes a fazer isso, entendeu?
Ficar... genioso assim de eu chamar e ele não olhar.
Várias vezes eu fui até que um dia ela falou assim: 'É,
você acha que ele não ouve?',
falei assim: 'Olha,
eu não acho que ele não ouve
porque às vezes ele responde.
Então eu acho que ele não quer responder!
Só que eu acho que ele não tem idade, né,
não sei se ele tem idade,
se tem discernimento pra não querer responder, né.
Eu acho que é um pouco mais que aquela atenção, né,
que criança fica desligada, quando tá prestando atenção.

Acho que é um pouco mais que isso,
mas... mas acho que é por conta dele’.

E até que um dia ela falou assim: ‘É, então vamos fazer o seguinte?
Vamos fazer um exame audio ‘não sei o que’ total’,
‘Tá’.

Eu ainda perguntei pra ela quem é que faz o exame,
‘Olha, eu sou pediatra,
não tenho especialização, né, direta em área nenhuma,
mas eu acredito que ou é fono ou é pe... ou é... otorrino’.

Otorrino.

E foi quando eu saí de licença.
Enquanto eu tive de licença eu falei: ‘Ah, vou ligar!’.
Então, comentei com o...
tinha convênio,
liguei pro convênio, o convênio não sabia explicar,
aí eu falei: ‘Bom’,
‘De qualquer forma seu convenio não cobre fono’,
‘Então vou tentar um otorrino’.

E nesse ínterim marquei o otorrino, tá,
não sei o que,
aí o meu marido que acabou levando.
Então, levou no médico,
aí ele pediu pra fazer o exame,
o meu marido levou,
que foi o BERA,
e fomos de volta, juntos lá no...no otorrino.
Isso eu já tinha mudado pra cá [Faculdade de Educação],
logo depois que eu voltei de licença eu vim pra cá.

Aí o... médico, lembro até hoje,
isso é uma coisa que eu vou contar pra todo mundo
que foi traumático.
O pediatra, o otorrino virou pra mim e falou pra mim assim:
‘Escuta, seu filho é surdo, você não percebeu ainda?’.
Quer dizer,
eu só não caí da cadeira porque tinha braços e com encosto, né...
‘Não’.
É uma criança que desde os seis meses está numa escola...
convive comigo,
vou dizer:
‘Ah, ele é estranho pra mim?’

eu acho que até pro pai e mãe
que trabalha o dia inteiro
ele era meio estranho,
aí não tinha esse contato direto com ele e...
mas a escola tinha contato com ele o dia inteiro... praticamente,
ele entrava de manhã e eu ia buscar à tarde
e a pediatra

também nunca falou nada,
foi ela que simplesmente depois de um ano e pouquinho falou:
'Ah, vamos fazer um exame',
mas assim com uma tranquilidade, né?.

Ele virou pra mim: 'Seu filho é surdo!'.
Falei: 'Não.
Eu não percebi,
a escola não percebeu
e a pediatra não percebeu',
'Que pediatra é essa que não percebeu que seu filho é surdo?!
Que profissional é esse?'.

Tanto é que eu traumatizei de tal forma
que saí e eu nunca mais voltei na pediatra [risos].
Não sabia quem é que tava certo, quem é que tava errado, entendeu?
Sabe, eu... me desnor-teou completamente.

O que eu achei interessante no próprio consultório,
ele fez um teste.
Marcelo sentado no pé no... na perna do pai,
no meu lado
e ele virou: 'Vamos fazer um teste,
chama seu filho.
Chama o Marcelo'.
E ele tava brincando
porque tinha que pegar alguma coisa pra ele ficar distraído, né,
enquanto a gente fala com o médico.
Ele tava distraído, ele falou: 'Chama seu filho'.
Eu falei: 'Marcelo'.
'Não, pode falar alto, ele é surdo!',
eu peguei e gritei.
Ele levantou a cabeça, olhou pro médico,
o médico tava falando comigo,
ele riu pra mim.
'Não, faz o teste de novo, chama ele de novo,
deixa ele distrair e chama ele de novo'.
Chamei eu,
eu, não o pai, sempre fui eu,
chamei de novo,
só que aí ele tava olhando pro pai.
Ele levantou a cabeça, olhou pro médico e olhou pro pai.
Ele estava sem aparelho.

Então, são coisas que eu não sei o que acontece... né...
e é assim é...,
às vezes eu acho que ele se adaptou de tal forma,
até hoje não diagnosticaram se é nascença, se ele perdeu,
nada.
Ninguém fechou o diagnóstico dele.

Então, não... eu acredito que é de nascença,

quer dizer,
ele saiu da barriga já se adaptando com luz, com sombra,
com tudo
que ele pôde enxergando aos pouquinhos, né?
Então, um ano e meio,
eu acho que ele tava mais... mais ou menos bem adaptado
já a tudo isso.

Alguma coisa ele ouviu porque ele não é totalmente,
ele tem uma perda profunda,
batida de porta,
isso foi confirmado,
eu vi ele levantar a cabeça por batida de porta
e olhar na direção da porta...né,
então, sons assim, bem fortes eu sei que ele ouviu.
Ou a vibração, entendeu,
não sei se chega a ser som, né,
aquela coceirinha no ouvido,
ele se adaptou a tudo isso, né.

Então, o choque que eu tive foi esse.
Depois de um mês mais ou menos que a gente começou a...
a formatar as coisas
ele chegou a mandar repetir o BERA...
ele fez dois exames: um foi um exame do laboratório
e outro do convênio,
o outro foi...
ele exigiu no Fleury...
e nós pagamos o exame do Marcelo no Fleury,
pra confirmar mesmo.

E aí, assim, pra achar...
demorou uns dois meses até que a gente tropeçou numa fono
que era conhecida do pai, né, meu marido,
e ela começou: 'Não, vamos lá no consultório, a gente conversa'.
E foi quando a gente começou a ter uma idéia
mais ou menos do que que tinha acontecido.
Até então, a culpada era eu,
não sabia o que eu tinha feito de errado...

Você estava se sentindo culpada? Totalmente!
Totalmente...

Traumatizada? Totalmente, né...
Então, assim,
o que mais traumatiza é a maneira como você ficou sabendo...

Você acha que se o médico tivesse falado de outro jeito seria melhor? É, aí eu não sei.
Eu já tive várias conversas com várias pessoas,
especialistas nessa área,
hoje em dia eu não sei.

Até, vou te dizer...
até um mês atrás mais ou menos,
eu acho que sim.

Eu acho assim que isso fez eu perder...eu...
fez eu perder o rumo.
Mas, foi instantâneo.
Apesar que até um tempo atrás eu achava que isso foi instantâneo
mas demorou muito pra mim achar o rumo.
Eu não sei se sem esse baque
eu teria tido condições de entender isso é... tão rápido,
entendeu?

É... vou dizer porque eu conversei com uma pessoa daqui
que é psicólogo também, né,
na área de educação
e ele me chegou... ele...
com ele que eu cheguei a essa conclusão.
Ele falou assim: 'Olha, é...
se você tivesse feito o exame no lá... no hospital,
talvez você não tivesse tido a postura
que você tem hoje com seu filho'.
Entendeu?

Então, assim, é...do jeito que foi me dito as coisas,
hoje eu penso diferente,
eu acho que hoje talvez tenha sido uma forma
de eu cair na realidade.
Só que...
até hoje eu ainda acho que o médico ele não teve nenhum...

Tato...

Tato de falar,
entendeu: 'Olha,
o exame tá alto',
sei lá, alguma outra forma.
Seja direto, mas não seja grosso, né...
porque o que me...
eu saí de lá, assim,

esse tempo que eu perdi o rumo
eu tentei procurar onde eu errei!
Então, é isso que hoje eu penso.
Eu não tinha que procurar,
como hoje não procuro onde eu errei.
Aconteceu!
Tem que tocar daqui pra frente,
né?

Então, esse tempo eu perdi porque:
não sabia o que procurar,
eu não sabia a quem procurar,

eu não sabia o que fazer com ele
e não sabia qual era o futuro,
entendeu?

Então, eu saí daquele consultório
achando que meu filho era um perdido,
um débil mental, entendeu,
que não ia ter um futuro.
É assim que eu me senti saindo de lá.

Mas, assim,
aí a gente tropeçou nessa fono,
ela veio,
conversou com a gente, falou: 'Olha,
não é... não é nada de mais tal,
ele vai poder usar aparelho'.
Aí, cê já começa a imaginar seu filho deformado,
com aquele orelhão, né, porque vai usar aparelho.
São coisas que você não conhece, né,
então conforme vai caindo a informação pra você,
vai sendo uma coisa é....
choça, né?

O aparelho auditivo

Aí, ela... mas aos poucos ela foi falando
que tinha que procurar doação primeiro, né,
porque....
ela falou assim: 'É caro,
mas, vocês podem até pagar por um aparelho.
Mas, depende aonde você compra.
Porque se você procurar as empresas,
elas vão te negociar o aparelho da empresa, né?
Seja ou não é... o melhor pra ele.
Eles vão oferecer o melhor da empresa pra ele,
mas outra empresa pode ter uma que se adapta melhor.

Então foi...
eu lembro que ela falou assim, ó:
'Procura não uma empresa, mas uma clínica, tá?'.
Tanto é que a doação dele é da FUNCRAF da...
de Santo André que agora é Bauru, né?
Que é... que agora é... São Bernardo...
e assim, isso eu achei interessante

porque eu já cruzei com outra mãe, no grupo,
não sei se você conhece a Bianca?
Ela... comprou o aparelho pro Júlio...
e eu não sei... eu...

eu comparei o que eu fiz com ele com o que ela fez com ele.
Ela correu, comprou o aparelho.
Ele demorou um pouco mais,
mas ele testou dois, três tipos de marcas diferentes
e ainda é a doação,
mas o que eles deixaram claro é
que se não se adaptasse isso passaria a ser um empréstimo
até que conseguisse um que se adaptasse bem com ele.
É... e aí cê.... cê começa a trilhar uns... uns caminhos, né?

Mas, assim,
na verdade, o saber, né,
que você tinha perguntado...

'O' saber...

O saber como é que foi,
foi... foi traumático... e....
mas... é...
isso de repente pode ter me dado a força que eu tive
de correr atrás, de tentar descobrir o que fazer com ele, né?

*E aí quando vocês
encontraram essa fono
ela já começou a ser
oralizado?*

Já!
A gente marcou com ela,
começou a trabalhar com ela
e ela é... trabalhou mais a... leitura labial,
porque ele ainda não tava aparelhado.
Aí eu fiz a...
marquei a entrevista... a consulta lá na FUNCRAF,
fomos umas... uma meia dúzia de vezes
até que eles emprestaram o aparelho,
que o primeiro era da Oticom, né?
Antiguinho lá, que era empréstimo deles,
e ele...
eu lembro que foi final de ano,
foi mais ou menos outubro que ele ganhou o aparelho...
e em dezembro,
que foi quando eu saí de férias,
eu adaptei o molde, né?

Que eu fiquei direto com ele, tal...
a escola não conseguia colocar, ele tirava...
assim, a escola é uma escola normal, né,
regular e
eles não tinham é... assim...
e até hoje, né, eles não tão preparados,
não sabem como pôr, tal.
A gente ensina, mas a criança também não tá acostumada.
Foi meio que uma guerra.
Mas, essa fono falou assim:
'Olha, não importa, ele tem que colocar dois minutos e tirar.
Outro dia, põe três,
entendeu?

Vai acostumando aos poucos,
ele vai ficar pouquinho, mas vai pondo.
Aí, deixa meia hora,
tenta pôr de novo,
ele vai arrancar...'.
E foi indo.

Então em dezembro que eu fiquei direto,
dezembro e janeiro que eu fiquei direto com ele,
no final de dezembro... até metade de janeiro,
eu adaptei o aparelho, todo, molde e aparelho.
E foi na base da... da negociação mesmo:
'Você quer brincar com isso? Põe aparelho!
Vamos pôr?',
'Não, não',
'Então, fora!'.
Aí, como ele queria, ele colocava.
E o que aconteceu?
Com isso, ele punha o aparelho, se distraía brincando
e às vezes ele esquecia de tirar... né?

Então, hoje em dia, por exemplo, ele não fica sem... né?
Ele acho que percebeu que com isso ele ouve.
Ele também se dá bem sem ouvir nada, né.
Tem vezes que ele não põe o aparelho
e não é assim que ele sente falta,
ele tá acostumado com isso também.
Mas, se você lembrar ou se ele mesmo lembrar que ele...
é, que aquela imagem tem som,
ele vai lembrar e vai pedir pra você pôr o aparelho... né.... então.
E... me perdi, o que você perguntou mesmo? [risos]

*Que quando ele
começou a ser
oralizado... [risos] se foi
quando conheceu essa
fono...*

Ah, então,
ela... ela começou a fazer a leitura labial
e logo em seguida ele conseguiu o aparelho.
Isso foi mais ou menos uma questão de uns seis meses... né...
ele fez a leitura labial e que ganhou o aparelho.
Nesse final de ano eu adaptei,
nós continuamos com a fono,
eu fiquei de férias em São Paulo.
Então, ele ia durante a...
a terapia era duas vezes por semana,
nas férias mesmo, já com o aparelho, né...
e ela trabalhou mais foi a oralização,
a leitura labial
e a libras mesmo eu nunca vi ela trabalhar.
E... só...

a libras ele viu mesmo só quando veio aqui pra USP.
Eu não lembro de cabeça, mas
me parece que ele ficou pelo menos uns dois anos nessa fono, né, trabalhando.

Eu...
hoje entendo que acho que era mais oralização mesmo, né,
então era voltada à oralização,
leitura labial,
que é o que eu lembro que ele...
ele trabalhou lá...

*Quantos anos ele tem
agora?*

Ele faz... seis anos agora em setembro...
ele começou praticamente com um ano e meio, dois anos
esse trabalho de aparelhar e oralizar.
Ele dois anos...
com quatro anos,
quatro pra cinco anos que ele tava vindo pra cá.

A USP

*Como vocês ficaram
sabendo daqui?*

Então, eu fiz aquele parênteses de que eu tava na Geologia e vim pra cá,
aquela mudança,
e aqui foi quando eu descobri...
aqui na pós tem a Educação Especial,
que é uma linha de pesquisa,
e como eu falei depois,
eu levei o baque,
eu mergulhei em tudo quanto era informação, né,
e fui atrás de professor que orientava na linha de pesquisa,
nessa linha de pesquisa,
e a... professora Baumel me contou que tinha,
a professora Ida tinha um trabalho lá na Fono.
E falou isso.

E eu liguei pra lá.
Eu lembro que eu cheguei a ir lá procurar a... Maria Inês?
No último dia de greve de dois anos atrás,
quando acabou a greve,
que eu não sabia se eles tinham parado ou não
e eu achava mau ficar procurando na época...
no último dia de greve, à tardezinha, eu passei lá
e a Inês estava em reunião,
ela me passou o telefone, tal,
e foi quando eu logo em seguida liguei pra lá e ela falou: 'Ah, tá,
tal dia tem inscrição'.
E aí, nesse dia eu tentei a inscrição,
liguei desesperadamente, sabe,
celular de Inês [risos],
eu fiz de tudo pra fazer a inscrição.
Aí, a gente fez a inscrição,
isso foi... no meio do ano.
Mais ou menos em agosto eles chamaram pra triagem tal
e foi quando ele entrou,

foi no meio do ano... passado?
Foi no meio do ano passado.
Então, agora estaria fazendo,
tá fazendo mais ou menos um ano que ele tá trabalhando lá.

Os primeiros contatos com a libras

E foi lá que ele começou a ter contato com a língua de sinais? Foi.

E você fazia aula?

Não fiz, é...
ainda não faço, mas vou fazer... tá?
Porque a terapia que ele tinha de terça-feira de, de fono lá que era quando a Maria, a... fono?
É...
quando a Marina dava aula pros pais era de segunda, a minha era de terça,

então, praticamente eu não fiz curso, mas eu sempre conversei com a Marina nas terapias antes dele porque... ela, ela tinha horário vago antes da... de atendê-lo, né, então ele ficava com a fono e a Marina tava vaga. E ela, eu começava a conversar com ela até um momento em que ela me puxava pra uma sala, me mostrou vídeo, entendeu e a gente tava tentando conversar.

Então muita coisa que eu aprendi... sei muito pouco, mas quase tudo que eu aprendi, eu aprendi com ela, né. E esse ano a gente já tá com a terapia de segunda-feira e tem a aula de, de libras com a Marina também, né. Mas, eu já... até comentei com meu marido que semestre que vem eu quero fazer um curso que não sei que vai dar lá pra ser na DERDIC, FENEIS, tal, arrumei aqui pro Taboão, eu vou, eu vou... pelo menos eu vou tentar me aperfeiçoar nisso.

Que ele tá tendo agora, ele tá numa escola de Osasco que tem, que tem, que é especial, né, e que tem o... o instrutor e ele tá aprendendo, lá em Osasco e aqui na... na... na USP mesmo, né? E eu tô ficando pra trás,

já percebi que tem coisas que ele sabe mais do que eu.

E como você se sente?

Eu?

É.

Eu sei que ele me entende
e eu sei que eu consigo entender ele.
Tanto é que muitas vezes eu pergunto pra ele o que que...
o sinal que ele tá fazendo o que quer dizer.
E aí ele faz a frase toda gesticulando,
mas assim como um teatro, né, não com libras,
como um teatro mesmo

e aí eu aprendo que uma coisa é nova...
isso aqui é o 'cinza' [fazendo o sinal]
foi ele que me ensinou é...
'fazer' [fazendo o sinal],
algumas coisinhas que ele, ele mesmo:
'Que que é isso?', né,
e ele mesmo tá me ensinando.

E assim, se eu me sinto mal com isso?
Muito pelo contrário, eu só acho que eu...
eu quero ter mais do que,
mais que isso de estar, estar perguntando pra ele, né.

Mas, você falou que tá percebendo que você se sente para trás... você se sente mal com isso?

Não, mal não.
Só me dá mais força pra...
pra poder correr atrás disso.
Não que eu me sinta mal,
eu acho super...
eu acho super legal ele me ensinar as coisas.
Só que eu acho que ele não tem que me ensinar tudo...
entendeu?
Porque vai demorar muito, né,
pra ele aprender e poder estar ensinando...
né, ele é pequeno.
Não que eu ache que eu não vou aprender com ele,
aprendo bastante com ele.

Mas, eu acho que não é, não é...
assim, não é que eu também quero só ensiná-lo,
eu quero acompanhá-lo, né...
não que eu me sinta mal em ficar pra trás,
eu acho que eu preciso acompanhá-lo, né?

Então, a comunicação de vocês em casa é basicamente oral?

Hum...
eu não sei dizer
porque eu já aprendi a mexer bastante a mão... entendeu?
Então... eu procuro falar,
quer dizer, é... sempre quando eu tô falando com ele
eu lembro de falar olhando pra ele,

mas por exemplo,
ele já tem uma percepção de som atualmente,
que isso era uma preocupação minha,
de ele não es... não entender o que você fala, nas costas,
vamos supor ou de costas pra ele,
e isso era uma preocupação.

Então, é...
eu sempre usei oral
e o que eu aprendia de gestos.
Mas, eu vivo é...
sem ele perceber brincando com ele nessas coisas.
Eu falo,
vejo se ele entendeu,
eu gesticulo,
entendeu?
Quando eu sei que têm palavras que ele se confunde
eu já faço o sinal pra ele saber do que eu vou falar e falo, entendeu,
eu tento trabalhar os dois mesmo.

Mas, assim, a minha preocupação que diz, de ele não ouvir,
por exemplo, eu tô no carro,
eu não tem como virar pra trás e falar com ele.
Por enquanto ele vai no banco de trás.
Então, isso era uma preocupação minha.
E eu já percebi que muitos sons, palavras, frases, né, repetitivas,
ele já conhece.
Então, eu entro no carro, tranqüilamente,
me preparo para dirigir e falo: 'Marcelo, põe o cinto'.
E ele responde: 'Põe cinto?'.
Falei: 'Põe o cinto'.
E, às vezes, ele entra no carro e já pôs o cinto
e eu falo: 'Põe o cinto'
e ele: 'Já!'.
E eu sei que gesticula,
mas ele fala: 'Já'.
Então eu já sei que ele pôs o cinto.

E isso era uma preocupação que eu tinha
de algumas situações, ele ter que se virar sem saber,
sem ler o lábio e sem ter uma... um gesto, né?
Essa era a preocupação
e eu tô vendo que, assim, repetitivos ele já pega.

As primeiras preocupações

*Você falou que essa era
uma das preocupações.
Quais eram as outras*

Ah, todas, né?!
O que eu falei.
Desde o começo a minha preocupação sempre com o futuro dele, né?

Então, ao pouquinho...
aos pouquinhos essas preocupações estão sendo resolvidas, né,
pelo menos, amaciadas.
Porque preocupação com o filho a gente tem a vida toda mesmo, né?
Mas, assim, algumas já estão... assim,
eu tô conseguindo enxergar melhor o que resolver pra ele.

Porque é como eu já falei,
lá na USP... lá na Fono
eu não pretendo resolver a vida dele.
Mas, eu pretendo fazer o melhor
pra ele poder resolver a vida dele, né.
Então, por isso que eu tanto uso oralização,
quero saber exatamente o que que é,
como é a libras por inteiro
pra poder estar dando essas duas opções pra ele.

Vai ficar claro que em casa existe as duas coisas,
que ele pode ficar tranqüilo,
escolher o que ele quiser, né?

*Você falou que tem
outra menina, né?*

Tenho.

*Como que foi a reação
dos outros membros da
família? Com a
confirmação...*

É... pai e mãe, eu falei,
perdemos o rumo por um tempo, né?
E em seguida, a primeira coisa que eu...
a gente se situou foi um carregar a Renata, né...
lógico, longe do problema, mas a par do problema.

Porque, é assim,
esse tem um problema, não é por isso que a gente vai largar o outro.
Então, essa foi uma preocupação e assim...
por isso que eu falei que de cara o mundo desabou,
porque você não sabe o que fazer com este,
sabe que você tem um outro e você...
como que você vai juntar esses dois?

Quer dizer, o mundo pra mim,
o mundo do Marcelo,
ia ser um outro completamente diferente.
Então, até um certo tempo sem saber cultura surda,
libras,
toda essa importância pra eles,
até então assim,
'Esse meu filho não vai viver comigo'....
Veja, 'Dentro de casa e tal,
mas ele não vai viver comigo'.
Era essa a...
sabe, a sensação que eu tive no começo.

Porque ele era um ser diferente,
do jeito que o médico...
eu falei:
'Ele é um ser diferente!'.
E, até então, eu não fiz nada por ele.
E... assim...
e como é que eu vou pegar a minha filha que eu já conheço,
que gosta, que esperou tanto esse irmão
e colocar os dois juntos? [chorando]...

então...
é... então aí,
aos poucos quando a gente começou a pôr a cabeça no lugar,
aí que a gente conseguiu chegar até a menina,
isso foi é...
nesse período, até mesmo antes de falar com a fono, né,
uma questão ali de, eu acho, um mês, um mês e pouquinho,
que eu... a gente...
eu, pelo menos, comecei a perceber que a Renata tava... sabe:
'O que que tá acontecendo?
O que tá tão assim?'.
A gente pôs pra ela que
'teu irmão não escuta'.
Mas, assim, pra ela,
ela tinha... na época... mais ou menos de sete a oito anos, né,
então é meio difícil entender.
Se pra gente é difícil entender, né...
Então, assim, eu imagino que na cabeça dela:
'E daí que ele não escuta? Tá aí!', né?

Mas, assim, conforme a gente...
tudo que a gente conhece, tudo o que a gente vai percebendo,
a gente.., eu vou passando pra ela, né?
Ela, por exemplo, fala com o irmão,
ela gesticula com o irmão,
ela pergunta alguns sinais,
'Como é que eu falo isso pra ele?', né.

Mas, assim, foi... passada essa fase
foi super tranquilo entre dos dois.
Foi bem duas crianças,
se entenderam bem
e ele tem adoração por ela
e ela adoração por ele, né,
então...

Mas, ela, eu acho que não sentiu tanto o choque, né,
dessa sensação de o irmão ser diferente.
Fisicamente ele não tem nada de diferente, né?
Então, ela acho que não sentiu tanto.
Ela sentiu mais o baque que a família sentiu.
Só isso.

Então assim,
'Tá chovendo da onde?', né?
Mas, assim,
aí a gente se acertou.

A reação dos demais membros da família

Mas, e avô, avó, tio primo?

É, a gente não tem um contato assim muito de família, né?
Meus pais moram em Itatiba,
então não é aquela coisa de ver todo dia, todo final de semana
é... a parte do meu marido não tem, os meus sogros,
meus sogros já faleceram,

tem uma tia dele que é solteira
que sempre teve junto dele, da gente,
quando a gente casou e tal
é... que é dada como avó, tá,
então eles conhecem a tia Adélia como avó,
a vó, a vovó Adélia.
E... ela... assim, não demonstrou nada,
também não sei se demonstrou e eu não percebi
naquela fase.

Mas foi aí que assim,
como todo esse problema de escola,
de não sei o que,
ela já tinha se habilitado há algum tempo a nos ajudar.
Quando a Renata era pequena, era...
foi a minha mãe que tava em São Paulo, né... [o telefone toca]
deixa eu atender o telefone, só um minutinho...

Então, a Renata pequena foi...
a minha mãe tava aqui em São Paulo,
ela chegou a ficar com a minha mãe até um ano, né,
e depois ela foi pra escola.
E assim, a diferença da Renata pro Marcelo são cinco anos,
nesse período a minha mãe foi pro interior, né,
meu pai meio adoentado e tal,
e eles resolveram sair de São Paulo
e foram pro interior.
E aí, eu fiquei sem avó em São Paulo
e ela passou: 'Não, a sua mãe tá distante, conta comigo, tal'.

Então,
tinha que pegar o Marcelo um pouco mais cedo na escola
ou eu ia chegar um pouco mais tarde,
ela passava, pegava o Marcelo, pegava a Renata,
chegou a vir trazer e pegar a Renata na época que eu tive internada, né,
internada não, de licença.

Então, assim, ela é...
que na época era a vó que tinha mais contato,
é o que eu falei,
não transpareceu
ou não enxerguei que tivesse tido alguma...
alguma reação brusca, né.

Mas, é...
talvez até também porque, assim,
não é tão próximo,
não vê aquele monstro que eu vi diante do médico
e como você não sabe acha que isso é simples, né?

É...

É uma coisa assim,
você não tem noção o que é não escutar, né,
o quanto é profundo esse não escutar.
Até então, 'ah, não escutou'
você, você como já ouviu, já conhece,
você se adapta melhor, né?
Quem não...
quem tem que aprender dessa forma, né?

E... e assim, da família que vai conhecendo,
que vai tendo contato
eu já percebi que foi mais ou menos isso.
Meu pai até hoje pergunta,
até um tempo atrás, agora ele já...
já esclareci mais,
mas até um tempo atrás:
'Mas, assim,
você acha que ele não vai ter condições de ouvir?',
'Não, ele vai com aparelho',
'Mas, uma cirurgia?',
'Não tem jeito',
'Não, mas ele vai ser surdo?',
'Ele é surdo [risos],
não tem jeito,
ele é surdo.
Nós vamos pôr aparelho,
nós vamos correr atrás do que for,
o que inventarem por aí que for viável,
que for uma coisa razoável pra ele a gente vai tentar fazer', né?

E hoje,
por exemplo,
ele já não fala mais porque o Marcelo já fala alguma coisa, entendeu,
já ouve quando a gente chama, né, responde e...
às vezes que a gente vai lá ele se diverte com o Marcelo,
que ele fala,
ele pede,
ele quer comer, ele pede a uva, né.

Então, assim, pra ele,
meu pai acho que é assim:
'Ah, ele tá melhorando', né?
Então, talvez esteja suprindo aquela ansiedade que ele teve no momento
que eu falei que ele tava surdo.

Mas, assim,
eu acho que é mais por não conhecer
que eles ficam menos chocados do que eu fiquei.
Mas, assim, não teve nenhuma reação...
os colegas,
que a gente tem muitos amigos, né, assim,
mais amigos do que parentes mesmo, né,
e eles também têm a mesma reação.
Quando a gente chegou a contar sobre isso tal,
a reação parece assim:
'Nossa, você tá pintando o problema maior do que é', né,
mas talvez até por uma força e tal.
E... os mais próximos é que conseguem entender:
'Não, realmente, não que o Marcelo seja um problema,
mas, poxa, é um pouco mais complicado mesmo', né,
'Então o convívio com ele é um pouco mais complicado'.

Mas, tratam naturalmente,
ainda mais porque agora,
é o que eu falei,
ele já tá tendo uma reação que pessoas estranhas já podem...
dá pra se entender, né?
Entranhas que eu digo que não sejam de casa, né,
os amigos,
as pessoas próximas que já não têm o convívio diário,
já conseguem perceber uma diferença:
'Ah, já dá pra conversar, assim, ele se comunica, né?'.
Então, mas assim,
reação que tivesse preconceito no meio nós não tivemos não.

O relacionamento com Marcelo

*Você nunca sofreu
preconceito com ele em
lugar nenhum?*

Não senti.
Não senti.
Até mesmo porque eu acho assim, eu não vejo isso como preconceito,
eu vejo isso como uma... ignorância, entendeu?
'Ah, é... como é que eu converso com ele?',
entendeu?
'Como é que eu falo com ele?'.
Então, eu acho que é mais pela ignorância
que as pessoas ficam sem saber.

Agora, um preconceito de dizer: 'Ai, coitado',

eu nunca ouvi isso.
Eu nunca ouvi: 'Ai, coitado do seu filho',
eu realmente eu nunca ouvi.
Até porque ele não, ele não tem jeito de coitado, né?
Ele é super ativo, sabe,
está sempre alegre,
sempre sorrindo,
ele cativa as pessoas,
então é difícil alguém falar: 'Ai, coitadinho'.

Já fez birra em mercado,
já larguei ele lá chorando no chão, se esperneando,
mas assim, me escondi pra ver se ele levantava
e ele só levantou quando se aproximou uma pessoa:
'Ai, coitadinho, cadê a mãe?'.
Falei: 'Pronto, daqui a pouco vou levar bronca
porque o menino tá abandonado', né? [risos]
Mas, aí eu cheguei,
eu lembrei um caso passado aí
que a minha mãe chegou a fazer comigo,
lembrei: 'Ah, você tá perdido, filho,
vem cá, vem cá, te achei!' [risos].
Aí, ele tomou o primeiro susto, né?
Então, nunca mais fez birra de espernear no chão nem nada.

Eu já cato ele num canto, converso com ele,
quer dizer, as pessoas já vêem que ele não tá largado,
que aquilo é uma birra,
que o pai e mãe têm presença ali
e eu não vou ficar comprando o mundo inteiro
só pra ele não fazer escândalo, né,
então, tratamento é igual pros dois.

*É, não tem, essa de
tratá-lo diferente por
ele ser surdo.*

Não tem, isso não tem.
Em casa não tem.
Tem assim, a compreensão de se ele compreendeu ou não, tá?
Isso a gente deixa é...
até mesmo pra Renata bem claro,
que a gente sabe que ela entende tudo que a gente fala.
A gente não tem certeza se ele entende tudo que a gente fala.

Então, pra ele,
vamos supor,
eu tenho que chamar a atenção dele,
às vezes eu tenho que chamar a atenção dele duas vezes.
Então,
teoricamente,
você tem mais um tempo maior com ele do que com ela,
seja dando bronca ou seja conversando,
fazendo brincadeira... carinho, né?

Então, isso a gente já falou pra ela,
o tempo é o mesmo,
só que às vezes a gente precisa ter a certeza
que ele entendeu aquele recado que a gente tá dando,
seja a bronca, seja um carinho, seja uma brincadeira, né?
E o dela é mais rápido,
ela capta mais rápido, né.
Mas, não tem isso de diferença não.

Momento marcante

Você estava falando de momentos [risos], tem um momento marcante que você podia contar na vida com ele?

Com ele?

É, que você ficou: 'Putz, que bom!'...

Olha, com ele,
tanto com ela como com ele tem muitos momentos assim.

Um só...

Nossa...
é...
porque com ele é...
cada reação que ele dá, né,
a gente fala: 'Nossa!',
que nem você falou: 'Que bom!', né?

Mas, eu vou dizer uma coisa que marcou
e não tanto com ele,
mas, assim,
é de algumas outras questões,
deficiências, tá,
que depois que eu descobri da dele,
que eu comparei, né,
esse foi um momento que eu falei: 'Nossa, que bom que é só isso!'.
Sabe, é uma coisa que eu cheguei a comparar uma vez
e falei: 'Olha, acho que de todas as que eu conheço, né,
de deficiência, de auditiva, tal, não sei o que,
visão,
sabe,
síndromes,
ai, a dele acho que é a que menos choca,
eu acho que é a que menos é...',
não sei se é também a que eu abracei, né,
mas eu sinto assim a menos,
a mais suave.
De toda...

ele tem perda profunda

e eu ainda acho que é a mais...
a coisa mais suave que podia ter acontecido, né,
se fosse uma outra coisa...
lógico, a gente acaba tendo força, levando avante,
mas não, eu não sei se,
pensando assim,
eu não sei se eu teria coragem,
força de estar levando como eu levo a dele, né...
mas, tudo bem...

ele tem ensinado muita coisa, né,
pra mim, pro pai, pra irmã,
isso é muito legal.

Os métodos comunicativos

*Você falou que vocês
vão fazer de tudo e
correm atrás, já pensou
em implante coclear?*

Já ouvi falar, já falaram ali na Fono sobre isso,
mas assim, tenho ainda algumas dúvidas, a respeito, né,
não tenho alguém que possa me dizer todos os detalhes, tal,
sei que é...
de qualquer forma existe um,
como eu vou dizer,
um padrão, né,
dentro desse padrão existe implante,
se tiver um fora 'não fazemos implante', né?

Agora, o que eu ouvi falar, né,
não sei dizer se isso é oficial,
mas o que eu ouvi falar
e... comparando,
eu ainda não faria, tá?
Não faria.

Primeiro, ele é pequeno.
É... existe ainda a necessidade do alto-falante pendurado
e outra coisa que me falaram é que é só unilateral,
o dele é bilateral.
Então, ele vai ter um de cada tipo.

Então, eu, mãe,
entendeu,
não tô no problema dele,
mas eu não faria,
eu no lugar dele não faria.
Se fosse uma coisa, um implante, uma coisa dentro, sabe,
é... ele vai ficar quase,
veja bem,
quase que normal assim,
sem precisar de... acessório nenhum,

aí, a gente, eu pensaria mais a fundo, iria mais atrás.
Por enquanto tô vendo,
porque eu acho ainda muito novo isso, né,
esses implantes parecem que são é... pouco tempo ainda.

Eu não sei,
falaram de casos que não deu certo,
mas a maioria pelo que eu vi deu certo.
Mas, aí é que tá,
eu também não sei se nesse padrão
não é a questão só de um ouvido.
Porque os casos que eu vi não usam mais o aparelho, né,
não sei como é que chama, a prótese, né,
é só o implante.
E eu acho que de um lado só, o outro fica defasado.
O dele é perda profunda,
então, ele ficaria como se tivesse usando um aparelho só.

É o que eu entendo, né?
Mas, aí também como mexe com cirurgia e...
vou esperar ele crescer um pouco mais, entendeu,
se isso tá aí mais tarde vai estar melhor ainda, né,
então assim,
isso eu ainda não tenho pressa.

Eu pretendo,
como eu falei,
de colocá-lo assim a par de tudo,
dentro do possível, dentro da idade,
ele escolher o que é melhor pra ele.

*Então, se ele não quiser
mais saber de
oralização e comunicar
somente por língua de
sinais, tudo bem?*

Eu vou aceitar,
isso eu vou aceitar.
Eu vou deixar ele por opção dele.

Mas, assim,
eu quero estar tranqüila
de que ele fez a opção dentro daquelas alternativas todas,
possíveis e imaginárias, entendeu?
Ele não fez a opção porque simplesmente ele só viu isso,
ele não tem outro caminho.
Não, então por isso que realmente eu procuro tudo,
é... vejo tudo,
corro atrás de tudo e

mas, assim,
pelo menos umas pinceladas das informações
pra mim poder ter uma idéia se vale a pena
ou se não vale a pena.
Mas, dentro disso, conforme ele vai crescendo,
eu vou pondo ele a par.

Por exemplo,
se eu tivesse algum conhecido, alguém próximo é,
que,
eu sei que o grupo se separa,
quem é implantado se separa,
quem é prótese,
são grupos diferentes, né?

Mas, assim, mostrar pra ele,
se tiver a oportunidade,
mostrar pra ele que alguém é implantado, entendeu?
Hoje ele não vai entender,
mas daqui pra frente, entendeu,
mostrar que é diferente,
também usam um aparelho, mas ele é diferente.
Pra ele já ir conhecendo,
não ter choque nenhum a respeito disso.
'Oh, você pode falar,
bem ou mal,
se você quiser falar você pode falar.
Você pode sinalizar, entendeu?
Você pode só usar libras,
você pode usar os dois, entendeu?
Você pode estudar aqui, você pode estudar ali.
É uma opção sua'.
Mas, para isso eu corro atrás de ter todas as opções pra mostrar pra ele, né?

A escola

*Você falou que no
começo ele estudava em
uma escola regular e
agora ele foi pra uma
escola especial?*

Foi.
É... era... a opção
aí foi por opção de...é... como chama?
De tempo mesmo, né?
Ele tava na regular,
eu tinha a intenção de deixá-lo de manhã na regular
e à tarde nessa especial por conta de libras
e por conta mesmo da cultura, né?
Assim ele teria
também
o contato das duas culturas, né?

Só que justamente esse ano
a menina entra aqui às sete e pouco da manhã,
a escolinha lá abre às sete
e eu não tinha intenção de deixá-lo às sete, né,
como ele ia o ano passado era à partir das oito,
ele estaria almoçando,
no ano passado tava invertido, né,

tava de manhã em Osasco
e à tarde, ele terminava à tarde na escola de ouvinte,
à tarde eu pegava ele.

É... só que...
ele foi pra tarde em Osasco
e o que que tava acontecendo?
Ele levanta muito cedo,
fica na escola,
brinca, cansa,
depois ia pra Osasco que seria mais interessante dele,
pelo menos esse ano dele estar aprendendo,
tendo contato
tudo mais
ele chegava cansado.
Aí, me falaram já, acho que na segunda semana de aula:
'O que está acontecendo com o Marcelo? Ele chega cansado'.
Aí eu suspendi as aulas [risos].

*Nas aulas regulares? Na
escola regular?*

Na escola regular pra ele poder estar aproveitando.
O próximo semestre a intenção é voltar dentro do horário,
encaixar dentro do horário,
por exemplo,
de manhã, ele tem a terapia aqui duas vezes por semana,
então, seria mais três dias da semana,
não sei quantas horas,
pretendo ver na escola se eles conseguem fazer um horário,
porque ele não estaria perdendo mesmo a aprendizagem,
a aprendizagem ele estaria fazendo em Osasco, né?
Seria para estar com contato, brincando,
ter uma vida de criança que ele teve desde pequeno, né.

Então eu não sei,
é instinto dele, acredito,
personalidade dele,
mas ele desde pequeno está indo na escola o dia inteiro,
entendeu,
brinca o dia inteiro, come nos horários, né,
e eu acho isso importante pra qualquer criança.
Eu acho que o horário,
sabe, essa coisa de escola,
é uma responsabilidade que eles vão pegando sem sentir, né?

Porque depois, você não tem responsa...
você está, sabe,
não alienado, mas sem uma ordem, sem uma organização,
você entra numa escola
eu acho que você deve sofrer mais, né?
Então, que as coisas comecem já naturalmente de pequeno
isso vai entrando sem chocar, sem sofrer, né?

Então, hoje ele tá em casa,
tá lá com uma moça, né, que olha ele pra mim,
mas eu já senti que esse tipo coisa não tem horário,
é uma vozona.

Então, tá com fome come,
não tá com fome não come,
quer brincar brinca,
não quer brincar vai assistir televisão,
então não tem aquela coisa.

E ele é que faz o horário dele,
ele acorda,
ele sozinho é que vai tomar banho,
ele pega a roupa dele,
ele se troca,
aí ele desce,
pede leite,
toma o leite, toma o café,
assiste televisão, entendeu,
aí tá a fim de andar de bicicleta ele vai,

mas, assim, não tem,
é ele que tá fazendo,
o que eu acho que pra ele também não é muito legal,
porque o dia que você falar pra ele: 'Não pode fazer isso',
ele não quer aceitar porque ele faz a vida dele.

De manhã ele tem o horário dele,
ele faz o que ele quer,
é isso que eu acho que acontece com criança
que depois vai pra escola:
'Você tem que estudar agora',
'Não,
você tem que tomar seu lanche agora',
entendeu.
Acho que quanto mais velho você aprender isso, pior.
A idéia é realmente que ele volte a um ritmo de criança.

O aprendizado de libras

Você estava falando que ele te ensina muito sobre língua de sinais, é muito difícil aprender? Eu não acho que deve ser não.

Não, você, você acha muito difícil você aprender língua de sinais? Não.

Não? É tranqüilo?

Acho tranqüilo, acho tranqüilo.
Acho que é até assim, tem uma lógica, né?
É uma gramática, tem uma lógica,
então fica fácil de você aprender.

O pouco que eu já aprendi, eu acho que não sei,
não deve ter muito mais difícil pra frente, né,
mas eu acho que tem...
tendo uma lógica acho fácil você aprender.

Tanto é que às vezes eu pergunto pra ele o sinal ele faz,
ele faz como criança, né,
então às vezes eu tento entender exatamente.
Ele me fala como que chama os colegas dele da escola, né?
O que ajuda, por exemplo, com a oralização.

Eu não conheço os nomes de todos os coleguinhas da escola,
ele me faz o sinal, né?
Então, a professora é Kátia,
'Kakatia',
'Kakia',
é... a Virma,
que é aqui embaixo [fazendo o sinal],
a Vanessa,
Mateo,
que eu já não sei se é Mateo, Mateus, né,
porque ele já não fala o 's',
mas, aí é o 'Ateo' que tá lá.
Então, assim, não é difícil.

Então, eu conheço o pessoal,
conheço,
ele fala nome de professores,
ele gesticula, né,
faz o sinal de nomes de professores
que depois como ele não fala o nome,
deve ser alguém que passa, entendeu,
o que serve a comida,
ou que dá uma aula ou outra
depois com o sinal eu pergunto na escola quem é, né?

Porque é mais fácil o sinal
do que ele conseguir falar o nome.
Se é diário, né,
então ouve falar Mateus o dia inteiro,
a tarde toda na escola, a professora chama o Mateus,
chama a Vanessa, chama o Éric,
então é mais fácil de ele associar da oralização,
mas o sinal,
bateu o sinal ele já sabe,
só que reproduzir o som que ele ouve já é mais difícil.
Então, eu acabo, eu perguntando na escola:

'De quem é esse sinal?',
'Fulano',
então já em casa eu reforço,
isso eu já sei de quem ele tá falando.

Mas, eu acho, eu acho que não é difícil não.
Eu particularmente tenho até vontade de aprender
mesmo porque acho que deve ser,
eu acho interessante, né,
não só por causa do Marcelo,
isso eu já...
é lógico, eu descobri por causa dele,
mas eu acho que é...
é uma linguagem interessante.
Quanto a isso eu não vejo dificuldade.

O futuro

*Queria saber o que você
espera daqui pra frente
pro Marcelo, pro futuro
dele.*

Olha, eu espero que ele seja... feliz,
que ele consiga realizar o que ele sonha, né,
porque ele é uma pessoa normal como qualquer outro,
pode sonhar o que quiser
que ele querendo ele vai conseguir, né?

Eu só espero que ele seja,
aliás, que ele continue sendo como ele é hoje, né,
ele demonstra um serzinho é...
como chama...
é... ele demonstra que sabe o que quer,
e sabe, conhece,
começou já a conhecer seus limites.

Ele é pequenininho,
ele sabe até onde ele pode ir
e se ele não consegue na primeira ele vai tentar de novo,
mas ele sabe onde parar nas tentativas
até chegar ao que ele quer.
Eu espero que ele continue assim.

As mudanças no comportamento de Luiza e o que ela aprendeu com Marcelo

*A Luiza de cinco, seis
anos atrás é... foi
embora, tem algum
resquício dela? Ela
imaginaria que agora*

Não, de jeito nenhum,
de jeito nenhum.
Aquele dia daquele choque,
eu não imaginaria,
nunca imaginei que ele fosse...

*iria estar com um
menino tão
determinado, tão...*

que ele fosse o que ele é, né?

Porque na verdade,
eu enxergava, lógico, eu enxergava ele de outra forma
e hoje eu enxergo ele da forma que ele é.

É... eu, particularmente,
eu não... nunca imaginei, né,
mesmo quando ele era pequeno,
até quando ele era pequeno,
que eu seria o que eu sou hoje.

Não?

Não.

Tudo isso deu uma virada na minha vida que...
e eu agradeço.
Hoje eu olho pra trás e vejo aquela coisa assim meia...
pacata, né,
uma coisa... é... já sem...
'Oh, já fiz o que tinha que fazer',
sabe aquela coisa assim?
'Ah, agora é só... só caminhar', né?
E hoje, hoje não.
Eu já vi o que eu batalhei, corri pra cá, sabe,
deu outra coisa... deu outra visão pra minha vida.

*O que ele mudou mais
em você?*

Determinação.
Determinação,
Isso é uma das coisas que eu aprendi com ele.
Acho que é...
eu era muito de,
como dizia meu pai,
sentar na frente da pedra em vez de tirar ela do caminho.
Sabe sentar e chorar em vez de tirar ela do caminho.
Hoje eu até choro,
mas eu arranco ela do meio
e passo.
Eu não fico sentada esperando que ela saia.
E isso é uma coisa que eu vi que ele faz.

Então, é...
de pequeno, desde a... é... assim,
saber a dificuldade de comunicação,
então muitas coisas eu não conseguia entender o que ele pedia.
Então, ele ia lá e fazia.
E você já tira da mão, você já sabe o que quer.
'Então, uma hora você espera, eu faço'.

Leite, ele adora leite.
Então, quando ele era pequeno,
ele não tinha um nome ainda pra chamar mamadeira.
Aí, ele pedia, falava, chorava,

pequeno, pequeno mesmo, né,
e ali ele chegava a apontar pro armário
onde tava o copinho de leite dele,
aí você abre,
você começa tal:
'Ah, é esse?
Ah, a você quer leite?
Leite',
começamos a chamar leite de 'mamá',
só que ele entende 'papá'.
E ficou 'papá' por um bom tempo
até que eu falei assim: 'Olha, tá na hora de tirar os',
eu não lembro o nome,
'os apelidos', né?
'Então tá, isso é leite, não é 'mamá',
isso não é 'au-au', isso é cachorro, né,
vamos partir para o nome certo'.
Mas, ficou um tempão 'papá',
então ele chegava pra mim: 'Papá'.
Eu sabia que era leite.
E aí, ele descobriu, né?
Como ele tinha que ficar pedindo e gesticulando,
ele descobriu que ele pode fazer.
Então você manda ele esperar um pouco, ele não espera,
ele abre a geladeira,
tira o leite,
põe em cima da mesa.

Que nem, outro dia,
esse final de semana,
eu peguei ele pegando o leite da geladeira
e colocando no copo... né?
Já ia pondo no microondas, sabe,
já tá resolvendo a vida dele.

Então, assim,
é isso que aos pouquinhos eu fui aprendendo com ele, de...
você quer, você vai atrás, entendeu?
E... lógico, respeitando os outros,
você vai atrás do que você quer.
Como mãe eu quero o melhor pros meus filhos.

*E é gratificante ver
agora que ele faz as
coisas sozinho...*

É muito gratificante.
Mesmo porque eu acho que eu errei com a primeira,
por ser primeira, por ser menina
e acho até por não saber,
às vezes eu falo assim:
'Ah, se existe Deus, Deus, né,
coloca, colocou,
ele realmente veio pra me mostrar como se cria filho'.

Mas, errou como assim? Assim, é de... em excesso.
Sabe, aquela coisa de: 'Ah, ela é pequena, criança não cresce, é sempre seu filho'.
É, ela já tem onze anos, ela já cresceu! [risos]
E você não vê crescer.
Então, você vai, você cobre, você faz leite, você põe a comida no prato, você ajuda no banho, entre aspas, né, então, sabe?

Ele não, já viu a Renata começar a tomar banho sozinha, ele quis tomar banho sozinho, não alcançava nem a saboneteira!
Ele quis tomar banho sozinho, entendeu?
Então, é, lógico, eu acho também que é muito dele, porque outra criança ia ficar esperando, né, 'Ah, dá banho nela também quero eu dê banho em mim!'.
Não, ele vê uma independência na irmã, o pouco de independência que a irmã tinha ele copiou.

Então, ele focou a independência, é uma coisa que eu acho que ele, ele mesmo gosta disso, né?
E aí eu comecei a dar espaço para ele... né?
E o que eu vejo, por exemplo, hoje é... eu acredito que a Renata eu vou ter que pressionar ela um pouco mais agora porque mais pra frente ela vai sofrer.
Ela é que nem eu fui: chora diante da pedra e não tira a pedra do caminho.
O Marcelo já não, ele nem chora, ou tira ou passa por cima... entendeu?

Então, existe essa diferença de educação, de personalidade, eu não sei.
Mas, é... acho gratificante isso de ver nele e tentar corrigir nela.
E ver que ele aprende com ela, né?
Então, o que eu não pude ensinar ou o que ele não conseguiu aprender comigo, ele aprende com a irmã, que eu ensinei, né?
É... é gostoso!

Valeu a pena?

Se valeu!

Sofri, né,
que a gente sofre quando vive, né,
aprende,
mas faria de novo!

Tudo.

Tudo!
Tudo de novo.
É lógico que a intenção era fazer melhor,
mas faria do mesmo jeito,
tudo de novo.

Obrigada!

Imagina! [risos]

6.2.4. D. Madalena

Assim como D. Ângela, D. Madalena também é avó de uma criança surda, viúva e mãe de três filhas. A entrevista com D. Madalena também aconteceu em uma das salas do CDP e, à época, a entrevistada não trabalhava fora porque passava o dia resolvendo questões relacionadas à sua neta surda.

O dia-a-dia

Para começar a senhora pode me contar como é seu dia-a-dia

Ah, o meu dia-a-dia é, de segunda-feira levanto cedo, bordo, mexo com bordado pra mim, à tarde pego ela no colégio, né, e segunda, terça, quarta fico no colégio até o meio-dia, venho pra cá três horas, quinta ela sai às três do colégio e na sexta, meio-dia... e ainda faz aula particular, fora, mais... que mais? Meu dia-a-dia é só isso.

Família

A senhora estava me falando que a senhora casou por pirraça?

Bom...

Como que foi isso?

[risos]
Não é que foi assim... porque eu queria sair de casa então eu arrumei barriga primeiro e saí. Depois de um ano que eu estava, que eu ganhei a minha filha mais velha, fui morar com ele, como não deu certo, ela tinha o que, acho que nove anos... nove não, dez anos, eu separei, criei as três sozinha

e quando já tava acho que quatro anos separada ele faleceu.
 Hoje eu sou viúva,
 moro sozinha,
 as filhas tudo casada,
 duas tá bem casada, graças a Deus,
 só uma que... mais ou menos!

A senhora tem três meninas? Três meninas,
 cinco netos.

Cinco netos. [suspirando]
 Essa é minha neta mais velha, Anne,
 tem a Duda, de cinco anos,
 tem a Ingrid, de quatro,
 a Isabela de dois
 e o Victor de um.

Ixi, então é uma criança! A Anne eu vejo todo dia e a Duda,
 a Anne eu vejo todo dia,
 a Duda eu vejo duas, três vezes por semana
 e as da Cláudia é difícil...

Por que? Ela não leva em casa e eu nem sei onde que ela mora.

Mas, ela não é sua filha? Ela é minha filha,
 eu pus no mundo,
 criei,
 até onde comeu com a própria mão...
 também não corro atrás.

Então, vocês não... têm uma relação íntima... Tem uma relação assim...
 ela é meio difícil.
 Agora, a Júlia e a Fernanda não,
 elas são bem comunicativa comigo,
 converso muito com elas,
 tudo que eu preciso é as duas...
 mas, a Cláudia, eu não sei onde que eu errei.

A senhora acha que errou? Eu... sempre fico me perguntando aonde que eu errei,
 porque eu criei as três igual,
 fiz tudo igual.
 O que eu comprava pra uma, comprava pra outra,
 nunca deixei passar fome...
 então, hoje eu não sei onde que eu errei!

É a única que não podia ter muito filho, tem três,
 praticamente só o pai só faz
 e abortou ainda o mês passado, abortou,
 com três meses,
 era pra ter quatro,

chegar o ano que vem chegar mais um aí,
a única que não pode ter filho veja o que faz.

Mas, eu tô bem...
não quero casar mais,
não pretendo. [risos]

Não quer mais?

Não! Tô bem.

Não foi bom?

Pra mim não,
foi uma experiência assim,
mas... não quero, tô muito bem sozinha.
Saio.
Hoje eu tô vivendo,
saio muito,
saio, vou dançar.
Agora mesmo, saí sexta,
às vezes saio sábado. [risos]
Mas, pra mim arrumar uma pessoa pra pôr dentro da minha casa,
hoje eu não quero.

Não?

Tô muito bem sozinha.
Pelo menos tudo na sua casa você sabe onde tem tudo.
Se pôr outra pessoa estranha assim, vai ser difícil.
Então, não quero.
Gosto muito de viajar,
às vezes vou pra praia,
todo carnaval com a minha filha mais velha.
E... faço uma excursão,
mexo com bordado,
levo a vida.

*A sua filha mais velha é
a mãe da Anne?*

É a mãe da Anne.

*A senhora falou que a
senhora mora sozinha...*

Eu moro sozinha.

*Mas, se encontra com
elas todo dia...*

Com a Anne encontro todo dia,
eu olho a Anne.

A senhora cuida...

Eu cuido dela.

A descoberta da surdez

*E como foi quando
vocês descobriram que
a Anne era surda?*

A Anne... foi difícil,
eu descobri primeiro.
Foi muito difícil porque...

inclusive quando a minha filha nasce...
quando a minha filha ganhou ela fez no convênio, tudo
e eles levantaram até ficha do parto,
pra ver se tinha erro do parto.
Porque, eles falam que foi meningite,
só que eu acho que foi um erro médico.

Hum...

Porque... difícil.
É, eu criei três,
nunca um médico,
um pediatra me passou Keflex pra uma criança.

Ele passou uma dosagem muito forte.
Ela tava chorando,
levou, a minha filha levou no médico,
a médica passou Keflex,
deu,
deu uma dosagem menor,
porque eu vi que era muito
e... continuou chorando,
à noite levou,
daí que seguram ela,
amarraram um bebê de quinze dias praticamente,
no líquido da espinha,
depois de um bom tempo,
depois de dois anos em tratamento que veio falar que foi meningite.

Eu acho que não foi,
porque mandou a médica embora e segurou a receita
no mesmo dia que chegamos com a menina ruim de novo.
Então, pra mim não foi meningite,
eu tenho,
só Aquele de cima pode saber,
mas eu acho que não foi meningite.
Uma de quinze,
menos de quinze dias, não agüenta meningite.
Porque o meu falecido marido teve meningite
e a prima dele também teve,
diz que é uma dor insuportável na coluna que desce.
Eu acho que não era,
então, tenho isso comigo,
pode ser.

Foi difícil. [amassando um papel de bala]
A gente descobriu ela tinha...
acho que um ano e meio, dois anos,
porque tudo dela foi mais tarde,
engatinhou mais tarde,
andou com quase quatro anos.
Eu descobri porque a gente ligava rádio,
ela não procurava, não ouvia.

Daí eu falei: 'Gente, como?',
tentamos ver,
a mãe dela também,
a minha mãe também falou: 'Nossa, tem que procurar um médico',
procurou o médico e realmente...
tinha uma perca na audição,
perca total praticamente,
direito, né, ela escuta pouquinho
e do esquerdo é total.

Daí foi meningite mesmo,
falaram que foi meningite,
inclusive deu dois coágulo no cérebro,
um de cada lado
e... foi através desse coágulo que,
ficou enrolando,
o neuro não falava,
só chegou um dia pra mim
e falou que se não sumisse ia operar.

Daí eu falei:

'Comigo, pra mim não operaria,
deixaria do mesmo jeito',
só que com cinco,
ela tinha de quatro pra cinco anos tinha sumido,
daí foi aonde que o Pedro me falou que foi meningite,
até então eu não sabia,
não tinha sabido que era meningite.

Mas, eu tenho pra mim que não é.

Porque, inclusive,
a médica que operou a garganta e o nariz dela,
a gente conversamos antes da operação,
ela me perguntou e eu falei,
ela me falou:

'Não posso te responder porque é uma falta de ética médica,
se eu te responder essa pergunta'.

Então, todos os médicos que eu converso,
que eu pergunto, faço amizade e pergunto,
eles falam a mesma coisa,
então, deixam a entender.

É igual a fono da escola,

a fono da escola não deixa [?],

falou pra mim: 'Eu não posso te responder essa pergunta',
vou fazer o quê?

A única fono que ia me responder,
a gente tava...

ela já tava entrando a fundo,

é a fono dali da Faria Lima,

que a gente conversou muito,

a gente pegou uma amizade muito grande

e ela falou pra mim: 'Eu vou perguntar,

inclusive meu primo é médico e eu vou perguntar pra ele.

Se ele me convencer eu te respondo'.

Daí ela saiu do consultório.
Não sei se foi por causa disso [risos],
vai saber.

Mas, de menos o pior.
E eu olho ela desde pequenininha,
de pequenininha não,
ela tinha acho que uns cinco anos quando eu fui tomar conta dela,
que daí foi pra colégio,
também tudo eu,
tudo médico é eu,
médico, escola,
tudo que corre atrás de alguma coisa pra ela,
sou eu que corro atrás.
Então, praticamente é minha,
só não é minha filha, não é minha filha de papel passado [risos],
mas o resto eu que cuido.

*Quando falaram: 'A
Anne é surda', como foi
assim, o que a senhora
sentiu?*

Super... eu senti uma tristeza grande
porque até então,
quando... tá no lado do vizinho,
não chegou no seu ainda... [risos].
Mas, foi difícil? Foi!
A gente tinha que... passar por aquilo,
falei: 'Ah, seja o que Deus quiser'.

A única coisa que a gente correu atrás,
porque aonde que eu moro
não tem escola
pra criança especial, né, não tem.
É coisa que a gente foi correr atrás.
Ela estuda em escola inclusiva,
estuda aqui na Granja, em Cotia.
É longe? É!

Mas, espero que seja um sacrifício que seja,
no futuro, seja pra ela, seja uma coisa boa.
Mas, isso a gente tirou de letra.
É super inteligente, inteligentíssima,
mas o resto [risos].

Tudo bem, às vezes ela assim tá junto com...
foi num lugar que a gente foi que ela perguntou
por que que ela não era igual às amigas [sinalizando].
A gente começou a expli...
teve uma explicação?
Teve uma lógica assim que a gente falou:
'Porque as meninas ouvia, conversava e ela não,
já nas...'.
Primeiro ela perguntou se nasceu daquele jeito. [sinalizando]
A gente falou que foi meningite [sinalizando],

tudo tal,
aí foi mais fácil.
Hoje tá sendo fácil, porque no começo foi difícil.
No começo foi muito difícil,
mas hoje...

O início

Como era no início?

No começo...
porque ó, ó...
uma criança,
grande,
ela engatinhou com dois anos mais ou menos,
dois anos e pouco,
ela arrastava de barriga,
andou com quatro anos, toda mole,
você tinha que pegar pra fazer fisioterapia,
duas vezes por semana,
você tinha que tudo.
Inclusive,
todo mundo, ainda cheguei uma época que eu falei:
'Quem quiser esconder de mim, vem na minha casa',
só vivia na rua com ela.

A gente foi pro CEMA,
assim que entrou no Colégio Rio Branco
eles manda você ir procurar um lugar pra ver se,
se precisa mesmo da escola,
se é necessário a escola,
encaminhou pro DERDIC,
fiz DERDIC um bom pouco de tempo,
depois encaminhou pro CEMA fazer exame, a gente foi.
Porque, pra ver realmente se você precisa se,
se tem criança pior do que ela,
tem tudo isso também, então...
e hoje não.
Tá difícil? Tá,
acho que eu vou uns quatro anos ainda pra frente,
pra levar ela no colégio,
porque ela tá na primeira série ainda.

*Quantos anos ela tem
agora?*

Nove.
Mas, pra você deixar uma criança de nove anos pegar ônibus sozinha,
eu não deixo.
Jamais, nossa.
Então, pra mim, assim,
ainda vai ser uns dois anos, dois três anos meio correria,
mas, tirando isso,
só importo que ela fica bem,

com ela mesmo.

Mas, a mãe dela também participa de alguma coisa na escola, reunião,
às vezes ela vai,
festa da família também ela vai,
quando precisa ela vai,
ela falta o serviço,
ela vai, quando é necessário mesmo,
o resto mais sou eu.
É mãe? É.
Colocou no mundo,
e cria
e dá de tudo. [risos]

Porque pra olhar às vezes, sou eu que olho.
Às vezes, se for o caso de ela morar comigo,
ela acho que não sentiria tanto a falta da mãe,
sentia, sente, né,
que a gente sente falta da mãe,
que a mãe da gente é tudo na vida,
mas... [risos].

*Mas, ela foi ficar com a
senhora tomar conta
porque a sua filha
trabalhava o dia
inteiro?*

A minha filha trabalha o dia inteiro.
Inclusive, quando eu saí...
porque quem cuidava dela era a minha filha do meio,
que cuidava dela.

Sei...

Só que quando eu saí do emprego de uma vez,
a minha filha falou: 'Mãe, a senhora trabalhou bastante, olha ela'.
Aí foi onde que eu fui, né,
atrás de tudo:
escola,
ai eu fiz tudo.

Eu que corri,
primeiro eu que achei escola,
depois de um bom tempo que a minha filha,
não, pra matrícula, eu falei pra ela:
'Você vai pelo menos conhecer a escola'.
Daí ela veio na matrícula comigo, na matrícula comigo
e ela conheceu o colégio,
pelo menos ela gostou do colégio, né.
Então,
nas férias dela ela vai com a Anne por colégio,
que tem que ajudar também, né,
então ela leva no colégio, quando precisa.
Igual, de sábado às vezes tem alguma coisa no colégio ela leva.

Meu genro também não é sempre leva ela no colégio.
Praticamente ele não é o pai,

mas pai é aquele que cria, não é o que faz, né,
e pra ele, pra ela tá sendo um paizão, graças a Deus.
Porque, quando, quando ela ficou viúva,
ela ficou uma viúva sem casar. [risos]
Ela ia casar em maio,
ela ia casar em junho,
o marido dela morreu em maio, o pai da Anne.

A morte do pai de Anne

- Eles já tinham a Anne?* Tinha,
tinham porque quando ela engravidou, eles queriam casar.
Falei: 'Ah, já engravidou mesmo, espera a criança nascer'.
Ela nasceu em março e ele morreu em maio.
- Do mesmo ano!* Do mesmo ano,
no mesmo ano.
- Muito perto...* Ele nem conviveu muito com ela,
porque ela nasceu, ficou em casa quin... ficou na minha casa,
então ela não quis ir pra casa dele.
Aí, com quinze dias ela foi internada,
ela ficou internada um mês e pouco,
veio pra casa no sábado,
na segunda ou foi no domingo,
não me lembro direito,
ele foi internado
e num dia...
e ficou internado três dias, faleceu,
quase não conviveu.
- O que que ele teve?* Uns fala que foi...
ai, como fala?
Ai... aquela doença do rato lá,
que falaram que deu.
- Sei...* Outros fala que ele pediu,
dizem, não vi,
eu não vi mesmo.
Ele pediu que tudo que a filha dele tava sentindo
era pra passar pra ele que ele güentaria.
Isso foi a minha mãe e a mãe dele que me falou.
Eu não vi, não tava no hospital nesse dia,
diz que ele ajoelhou assim perto dela e pediu,
foi onde que ele não agüentou.
Ela ficou mais três dias e saiu,
chegou em casa, ele voltou.

*Mas, o que que ela
tinha quando ela
nasceu?*

Ela não tinha nada, ela nasceu bem.
Foi por causa que ela ficou internada um mês e pouco
por causa da meningite,
que hoje eles fala que é meningite, né.
Mas, o resto, tava bem.
E aí no... no óbito diz que ele engoliu vômito,
a única coisa que eu vi no óbito foi isso,
o resto eu não vi mais nada.
Mas, hoje...

Ela demorou arrumar alguém,
graças a Deus arrumou,
mas arrumou uma pessoa que presta
porque
inclusive, eu até falei pra ela, falei,
não falei pra ela, mas eu pensei bem, falei:
'Se ela arrumar uma pessoa que não prestasse,
que não desse...
se não cuidasse da menina eu tomaria a menina pra mim'.
Porque antes de morrer ele me deu a menina.
Não sei se é isso que ela tem mais medo,
mas, a pessoa que ela tá hoje é muito bom pra ela e pra filha,
ele também já tem um filho, que é o Marcos, também...
Se dão muito bem os quatro.
Têm tudo deles, graças a Deus,
porque se não fosse pra, tipo...
já pensou?
Ela passou pelo que passou
ainda arrumar uma pessoa que não prestasse
ia ser muito difícil, principalmente pra menina.
Mas, não, ela arrumou um homem mesmo, de verdade.
Inclusive, eu até falo que a Júlia e a Fernanda arrumou dois homens,
apesar que o Felipe é muito moleque, muito criança,
Fernanda também quando casou com ele era muito criança,
mas graças a Deus, hoje tem juízo.
Hoje é mais que juízo ela e a Júlia,
que a Cláudia [risos] não tem juízo de nada.

Libras

*E aí, desde que ela tinha
cinco anos a senhora foi
cuidar dela...*

Fui cuidar dela,
fui procurar escola,
daí começou na escola
e tô olhando até hoje.
Fico com ela praticamente todo o dia.

*Sempre ela foi estudar
em escola especial?*

Não, primeiro,
um ano fez escola particular, né,
mas não tava resolvendo nada.

Então, foi aí que a gente tirou,
no ano seguinte já achou aqui e ela já veio,
no Rio Branco.
Porque não tava,
a gente tava procurando alguma coisa pra fazer
porque você ficar com uma criança surda em casa
sem nada, né,
até a gente mesmo pra comunicar com ela foi difícil.

Como foi?

Ah, só apontava o que ela queria e a gente ia pegava.
Hoje não, hoje eu fi... faço aula,
a minha filha também fez sinais,
meu genro também,
então a gente tem,
hoje dá pra gente comunicar muito bem com ela.
Ainda quero fazer mais algum curso de libras
porque ajuda? Ajuda!
Eu hoje eu me perco em muita coisa que ela fala.

Ah, é?

Ela tá bem rápida em sinais,
então muitas vezes eu fico pra ela, falo:
'Calma' pra ela pra gente entender, porque tá difícil'.
E diz que cada vez mais eles vão mais rápido,
então, a gente tem que sempre estar ali pra acompanhar o dia-a-dia, né,
porque, só eu, a minha filha e meu genro
que falamos sinais com ela...

*Certo, as outras pessoas
não falam...*

Da família... não falam,
diz que quer fazer, mas não têm interesse.
Tanto quem tem,
quem fez mesmo foi eu,
a minha filha e meu genro.
Porque é necessário
porque é os que veve mais dia-a-dia com ela,
que conveve mais com ela.
Apesar que no quintal da minha casa tem,
minha mãe já entende pouquinho,
às vezes pergunta,
a minha irmã
disse que ia fazer, não fez,
insistir também a gente não vai,
mandar também não vai,
é interesse de cada um, né,
necessário de cada um.
Inclusive a vó dela não... do pai dela...
do pai dela falou que não leva ela pra ficar em casa,
pra casa dela porque não entende nada.
Eu também não entendia,
eu corri atrás pra fazer.
Faço porque é meu sangue, né,
então, você tem que fazer.

Inclusive ela falou que pediu pra minha filha que nessas férias que ela ia levar a Anne pra casa dela. Ainda falei pra minha filha, eu falei: 'Não, não quero que manda a Anne pra lá'. Porque você conhece a pessoa, você conhece com quem você mexe, você conhece bem.

Essa aqui não, essa aqui é... considero igual à minha filha. Pra mim é uma filha caçula. [risos]
Ainda todo mundo pergunta: 'Você gosta mais da Anne que das outras', falei: 'Não, eu gosto das três iguais, das quatro, dos quatro, dos cinco iguais, mas essa daqui eu vivo mais com ela, convivo mais dia-a-dia com ela, então, não é questão de gostar.

E ela cuida muito de mim. Quando eu quebrei o tendão da perna mesmo, ela ficou uns dois dias sem ir na escola pra cuidar de mim. Operei o olho, cuidou de mim. Ela dorme comigo na cama, você vira ela já pergunta se está doendo alguma coisa. Ah, se aconteceu isso, tudo que mexe, né, com você.

Mexe.

Então, você saber como é as coisas. Mas... até a minha neta, a Maria Eduarda, perguntou pra mim, chegou um dia: 'Vó, se gosta mais da Anne do que de mim', falei: 'Não, Duda, não é assim, a vó gosta de todas, todas iguais. Mas, a vó veve mais junto com a Anne e a Anne precisa muito da atenção da vó [risos]', ainda falei pra ela: 'Não, mas você gosta da Anne', falei: 'Não, a vó gosta de todo mundo iguais'. Mas, hoje...

Você falou que ninguém mais fala sinais, né, só vocês três...

Só...

A reação dos outros membros da família

Qual foi a reação dos outros membros da família quando souberam da surdez?

Ah, a maioria não acreditou. Nem eu. Inclusive, quando eu arrumei o colégio a minha mãe xingou, que era muito longe, ela achou ruim:

'Você vai colocar essa menina nessa colégio nessa distancia!'.
Eu falei: 'Vou fazer o quê?
Tem que ir, tem que ir.
Tem que estudar, tem que estudar'.
Então, não tem como.
Todo mundo acho que entendeu.
Foi difícil? Foi,
porque na família não tem caso assim, que eu saiba,
até hoje não tem caso assim,
então... foi difícil um pouquinho,
hoje a gente tira de letra, é o de menos.
Foi uma coisa que a gente aprendeu muito,
ela ensinou muito a gente,
acho que ainda vai ensinar muito ainda.

Aprendizado e dificuldades

- O que que ela ensinou?* Ah, você... você tava naquele mundo de ouvinte, você vê uma pessoa que é surda, que é auditiva, então você ensina, mesmo que seja um... um gesto pequeno você aprende. Quem disse que eu ia aprender, eu ia voltar pra escola de novo depois dos quarenta? Voltei, tô estuda... tô fazendo sinais. Ninguém espera aquilo, mas aconteceu, aconteceu.
- Como que a senhora se sente agora depois do quarenta, dos quarenta fazendo sinais?* Ah, eu pensei que eu não ia aprender nada, porque geralmente a mão fica dura e tudo você vai ter que fazer com a mão, tem que trabalhar mais com a mão, mas, tô achando bem, inclusive agora eu quero fazer um curso agora em dezembro, em janeiro eu vou começar o segundo módulo no Taboão da Serra pra me aperfeiçoar mais. Ser mais, ser intérprete, se Deus me ajudar quero chegar até intérprete, pra ela e não pros outros.
- Sério?* Eu não queria, né, mas já tem, eu vou. [risos]
[Anne pergunta se pode ir lá fora, em sinais, D. Madalena diz que sim]
Vai lá, vai, mas depois volta.
Eu não queria, mas...
e minha filha também, a mãe dela falou que se, se der certo ela vai fazer intérprete também, porque ajuda.
- Certo* Inclusive assim,

quando tem festa no Rio Branco mesmo,
você vê que se não estão interpretando,
você se perde,
eu me perco com várias coisas eu me perco ainda.
É difícil? É,
mas eu quero chegar,
eu queria.

*O que é mais difícil? É a
mão que fica dura...*

É a mão, é...
não, é os sinais que é muito rápido,
e muda muito, tem sinais iguais.
Igual o hino nacional é difícil,
você se perde,
você cantar o hino nacional em sinais,
eu me perco muito,
inclusive eu peço pra Anne às vezes me ajudar,
ela cantar pra mim ver,
eu vou com o caderno, a gente vai,
mas é difícil
porque a Anne ainda não pega, ainda não pegou muito.
Não sei se é preguiça ou é porque é nova no colégio ainda,
tem só três anos no colégio,
vamos ver.
Igual o pai-nosso,
eu morro de vontade de aprender o pai-nosso em sinais,
eu ainda não sei, sei algumas partes,
mas eu quero aprender, quero chegar lá.
Mas, o resto...

Preconceito

*A senhora tava falando
que Eça perguntou
porque que ela era
diferente...*

É, ela perguntou uma vez só.

*A senhora já passou por
algum momento que a
senhora percebeu que
alguém tava com
preconceito em relação
a ela?*

Já!

Como que foi?

No ônibus,
no ônibus foi di... foi uma vez que a gente veio,
a gente tava com...
assim que eu coloquei ela no Rio Branco,
porque quando era pequena, falava e eu nem ligava.
Aí eu conversei com o Alex,

que hoje dá aula de sinais pra gente, sempre falou:
'Não deixe chamar de coitadinha, ela não é coitadinha!'.
Foi aí que a fono e ele foi falando pra gente.
Uma vez eu entrei no ônibus e um senhor,
não sei o que falou lá, falou:
'Ó, tão bonita a coi... é tão bonita e não fala!'.
Sabe, aquilo mexeu muito comigo,
daí eu peguei e falei,
falei pra ele:
'Mas, tem tanta gente feia que fala
e rouba
e mata.
Pelo menos ela, pelo menos ela não ouve as coisas do mundo,
as coisas, essa barbaridade que o senhor tá falando'.

Tem, tem muito preconceito, hoje tem muito.
Inclusive as mães lá comentou muito sobre isso.
Iguais, tem uma no colégio,
a Natália, a mãe dela também comentou isso.
A Natália pediu um negócio e ela não tinha na hora,
a Natália perguntou a hora e ela tava com o relógio,
com o celular dentro da bolsa
e o senhor pegou o relógio e deu pra ela: 'Tó, dá pra coitadinha'.
Ela pegou e guardou,
ela falou que aquilo ela também se doeu muito.

É difícil? É,
porque eles acha que porque não ouve é um coitado.
Não, é uma criança normal, ela só não ouve.
Tirando de menos, tudo...
mais inteligente, é um pouco mais inteligente que o ouvinte.
Tem mais...a única coisa que eu tô achando difícil
é que ela tem um pouquinho de atraso.

*A senhora acha que é
por causa da doença?*

Eu acho que foi.
Pouquinho...
esquecimento,
às vezes ela tá fazendo lição,
ela vai, tipo, um número, se ela faz aquele número agora,
depois ela esquece de pensar para lembrar.
Difícil só essa parte que a gente,
eu tô achando um pouco difícil, mas o resto.
Com quem tem nove anos, já tá na primeira série,
a única que não repetiu no Rio Branco, ainda.
Esse ano eu acho que fica,
porque lá repete, jardim I, jardim II e o pré
e ela não repetiu ainda.

Certo.

Só que esse ano ela acha um pouquinho que ela vai ficar,
ela falou que tá meio a meio,
mas eu acho que fica.

É melhor,
é bom ela ficar agora
do eu chegar numa segunda, numa terceira série e ficar.
Então, eu prefiro que ela fique agora na primeira,
que ela não fez um bom pré.
Bom, eu achei que ela não fez um bom pré,
jardim I ela foi muito bem, jardim II foi ótimo,
mas chegou no pré, a professora do pré não explicava muito bem,
então, não fez um bom pré.
Isso, até inclusive no começo,
a Juliana que é a professora hoje dela
falou pra gente que ela tava vindo de uma quarta série
pra entrar pra primeira, ela até falou pra gente:
'Se vocês ver que eu tô indo muito longe vocês me brecam,
porque eu tô vindo de uma quarta série'.
Aí passou, na segunda reunião, ela falou: 'As crianças não fez...
as crianças que veio direto do pré não fez um bom pré'.
Então, a gente já tinha dúvida,
teve mais certeza ainda.
E hoje essa professora que deu o pré tá dando uma terceira série
e tem mães reclamando também,
que eu acho que ela não tá preparada pra dar aula pra...
então, eu não sei,
mas tirando... é difícil, mas...

Tratamentos

*E ela faz tratamento
com fono?*

Faz, ela faz fono aqui,
ela fez fono muito tempo ali na Faria Lima, com a Bete e a Rita,
e hoje eu tirei de lá,
começou aqui no meio do ano,
ela tá aqui vou ver até quando ela vai continuar aqui,
espero que continue um bom tempo e isso melhore.
Eu queria achar uma escola pra fala oral,
mas pra ela a Marina me falou que é difícil.

Ah, a senhora quer...

Eu queria,
mas é difícil.
Inclusive tá, falaram na escola, me falaram hoje no colégio
que foi uma pessoa lá,
fez trabalho,
que fez aquela operação
que agora diz as clinicas tá fazendo, né, pra quem é surdo.

*Então, o que a senhora
acha desse lado?*

Ai, pra mim eu não faria.

Não.

Eu não faria.

Por que não?

Porque
primeiro,
quando eu fui ver no DERDIC
eu vi uma pessoa lá que falou pra mim que foi bom
e que e vi a filha falando, lógico.
Só que tem uma, um tipo, uma antena pro lado de fora.
E não pode tomar banho,
não pode molhar a cabeça,
não pode molhar aqui.
Ela já gosta muito de água!
Se não vai ouvir, não vai, então pronto!
Mas, se for uma coisa mais pra frente,
também eu não posso falar: 'Não quero',
depende da mãe dela,
né, não é minha filha.
Mas, pra mim, eu não faria.

Certo

Não faria mesmo.
Então, ele vai
foi marcado pra, não sei se é março, se é maio,
essa pessoa que fez a cirurgia vai lá com o médico,
vai explicar, vai tirar a dúvida de todas as mães,
vai ter uma reunião,
então vamos ver.
Mas, se for pra mim fazer eu não queria,
não quero, né.
Agora depende da minha filha,
porque...
não adianta, eu não assino pela Anne,
só no colégio que eu tenho autoridade da mãe, só...
mas, pra mim, se for pra mim falar,
se ela chegar em mim e perguntar: 'O que a senhora acha, mãe,
faz?',
pra mim não.

*Certo. Mas, a senhora
gostaria que ela falasse.*

Gostaria, eu sonhei várias vezes com ela falando.

A senhora sonhou?

Eu já sonhei várias vezes com ela conversando.

Como era o sonho?

Ah, diz que ela chegava em casa,
começava a brincar com as meninas
e começava a falar.

*O que que a senhora
sentia?*

Ah, eu ficava um pouquinho emocionada, mas
o resultado era a realidade.
Então, pra mim se ela chegar a falar, bem,
mas hoje eu acostumei...
não é difícil, agora não é mais difícil...
amo muito ela,
espero que tudo que eu tô fazendo hoje

ela vai dar valor amanhã, que é pro bem dela, né.

Às vezes apanha? Apanha,
às vezes eu dou uns tapas.
É difícil dar uns tapas? Dou.

A criação de Anne

*Ah, às vezes ela
"samba", então?*

Ah, mimam muito.
Agora eu parei.
Inclusive a gente foi chamada no colégio pela fono de lá
e perguntou pra gente,
perguntou pra mim e pra minha filha
o que a gente achava da Anne,
no futuro,
o que que a gente queria pro futuro dela.
Eu falei: 'Eu já respondi várias vezes isso',
ela falou: 'Não, eu quero que você responde agora',
eu falei: 'Ah, eu espero de tudo de bom no futuro',
ela falou: 'Então, pára de mimar essa menina!'.

*Por que a senhora mima
muito?*

A gente mima demais, tudo que a Anne quer a gente dá.
Tipo, se ela quer aquilo,
a gente já adivinhou,
já foi lá e pegou... já deu.
Eu faço isso,
a minha filha agora...
eu dei uma maneirada,
porque, inclusive, quando ela dorme lá em casa
tenho roupa na cama,
dou pra ela vestir [?],
e não pode, tudo você tem que ir lá pegar,
toalha, tudo,
ela tem que fazer só.
Então, a gente foi chamada no colégio por causa disso.
A Lourdes falou pra gente:
'Já chamei várias mães aqui porque não dá carinho pros filhos.
A Anne tem carinho demais'.
Aí a minha filha ainda tentou jogar nas minhas costas, eu falei:
'Não, não foi só eu não. Você também!'.
Mas... tirando isso.
Hoje, se eu der um tapa, chora muito.
Ela chora e ainda fica brava.
Inclusive, quando ela faz as coisa errada,
eu falo pra ela, que chegar em casa eu vou conversar com a mãe dela,
ela faz que não está nem aí,
só que quando tá chegando perto de casa
ela começa a me pedir desculpa e pedir pra não falar,
porque ela sabe que a mãe dela não sou eu, né, [?],

mas...

Mas, a senhora imagina o porquê desse mimo todo? Não, não sei. [risos]

Com os outros também é assim? É!
 Se for pra mim fazer por tudo é igual.
 Mas, ela, eu não sei.
 Tudo o que ela quer eu vou, pego, faço...
 agora eu parei, porque antes,
 oh,
 você vê,
 no comecinho,
 primeiro ano que ela estudou no Rio Branco,
 ela foi no shopping com a minha filha, com o meu genro
 e pediu uma... aquela coisa da Barbie.
 Não compraram.
 Eu fui com ela, ela quis, eu dei! [risos]
 Quando eu cheguei em casa a minha filha brigou.

Tendo ou não tendo condição... É, comprei no cartão e comprei,
 dei pra ela.
 Já durou um ano, a primeira dela foi eu que dei,
 eles foram comprar e ela queria out...
 inclusive ela queria de rodinha,
 tudo, tudo a gente tenta dar, faz o impossível.
 Mas, agora a gente tá tirando.
 Eles vão com ela, ela quer uma coisa, eles troca por outra,
 vai trocando, porque
 se fosse comigo eu já comprava tudo,
 mas eles troca.
 Pra pelo menos ela ter um pouco mais de respeito pela gente, né, porque...
 apesar comigo...
 inclusive todo mundo fala: 'A Anne faz de você o que ela quer'.
 Não, eu acho que não.
 Dou, dou corda pra se enforçar,
 até onde que eu vejo que é pra puxar, puxo.
 A Lourdes falou que ela não vai me obedecer, falei: 'Obedece!'.
 A gente briga, as duas, a gente briga muito,
 mas, já fez eu chorar? Já! [risos]

Como foi? Ah, não sei...
 foi o dia que ela chegou pra mim
 e falou pra mim que tava namorando.

E aí? Ah, nem foi ela, foi a inspetora do colégio, falou pra mim:
 'A Anne tá muito rebelde porque
 ela falou que tá namorando,
 me chamou de burra no estacionamento'.
 Aí, eu fiquei pasma, falei: 'Não acredito!'.

Entrei pra sala de aula de sinais com o Alex
e ele perguntou pra mim o que eu tinha,
porque você sabe quando você fica longe?
Aí eu falei e fui perguntar pra ela.
Ela falou que era verdade sim,
que ela tava gostando do menino.
Eu falei:
'Quando eu chegar em casa eu vou conversar com a sua mãe.
Você não tem idade pra namorar, não.
Você não pode estar gostando',
eu falei: 'Menina, você tem nove anos, como você vai namorar...' [risos]
Cheguei, contei pra minha filha,
foi aí que eu fiquei, falei: 'Gente, a Anne cresceu,
tá gostando de alguém!'.
Aí eu falei: 'Não, não pode ser!'.
Daí a minha filha conversou com ela,
ela falou que era brincadeira.
Mas, agora, melhorou bastante depois disso,
foi agora, no comecinho, esse mês, passando por tudo isso.
Ela falou que não,
a outra professora dela conversou com ela também,
que tá cedo,
que primeiro ela tem que estudar bastante
pra depois pensar em namorado,
a gente falou com ela que só com vinte e dois,
ela falou que não, que com dezoito... [risos]
Dezoito ainda vai, né! [risos]

*Dezoito a senhora
deixa...*

Dezoito já deixo,
mas, com nove anos!
Já pensou?
A mãe dela foi namorar com o que? Quatorze?
Acho que com quatorze, quinze anos.
Acho que não chega aos dezoito,
mas nove anos é muito cedo... né?

*A senhora falou assim:
'Nossa, a Anne
cresceu!'*

É, eu falei: 'Agora que a Anne cresceu'...

Como é pensar nisso?

Porque quando você gosta de alguém
acho que você já está, né,
em fase de amadurecimento.
Mas, vendo agora
a Anne já cresceu pra gostar de alguém assim,
fiquei até... boneca, eu falei: 'Não!'.
Eu tenho muito medo de... de namoro dela assim,
vai ser difícil deixar sozinha pro colégio.
Dá deles,
tudo deles é mais cedo, tudo mais cedo, tudo mais cedo.
Inclusive no colégio tem três anos,

assim que ela entrou,
tinha uma menina de quatorze anos grávida.
Ganhou,
daqui a um ano, grávida de novo!
Então, dá pra ter medo.
Dá... e quando eu penso assim...
se for pra mim levar ela, ficar com ela eu fico.
Fico lá esperando sair do colégio, volto pra cá.
Mas, vamos ver se ela tá indo...

*Mas, a senhora tem
medo de quê?*

Não sei,
ainda não sei ainda por que desse medo.
Mas... não sei,
ainda não entendi o medo que eu tenho dela.
Eu tenho medo dela sofrer muito, porque não ouve,
mas sofrer,
acho que não,
acho que não vai sofrer não.

Porque a família do pai,
da parte do pai dela verdadeiro
não é muito...
pra ela.
Mas, a família do meu genro, do padrasto dela, sim.
Gostam dela, parece que é neta mesmo.
Fico olhando assim do jeito que tratam um neto verdadeiro,
tratam ela também.
Então, é tudo isso eu você vê.
Inclusive a... eu levava muito ela pra ver a bisavó,
agora não levo mais.
Quer ver ela, ela sabe onde que ela mora.
Não é?
Até a minha filha foi e falou: 'Mãe, nós tem que ir lá na D. Adelaide',
eu falei: 'Ela tá doente?',
'Não',
'Então tá muito bom, eu não vou!'.
Levei, quando era pequena levava,
porque era difícil de ela vir ver ela,
mas agora, se for pra mim levar,
tem mais de um ano que eu não desço lá.

*E ela também não
procura?*

Procurou uma vez, chegou lá viu e foi embora.
Ou talvez pensa que você leva querendo alguma coisa.
A gente não quer nada,
se fosse pra dar, eles tinham dado desde o começo, né,
que é registrada em nome do pai.
Então, graças a Deus, ela nunca precisou.
Come, bebe,
nunca precisou.
E não é de precisar, se Deus quiser.
Mas...

ela sempre fala de ajudar,
de tudo,
mas nunca ajudou.
Ele deixou uma casa, venderam não deram nada pra ela...
também é o de menos.

*E a senhora agora é
aposentada?*

Não.

A senhora trabalha.

Olho ela e bordo,
trabalho pra mim em casa,
mexo com bordado.
Não sou aposentada,
ainda não consegui aposentar não.
Eu queria aposentar ela,
mas não consegui também.
Porque diz que a mãe dela ganha mais de dois salários mínimos
então não pode.
Mas, daí, foi aí que eu falei pra minha filha:
'Vamos, coloca a Anne em meu nome,
ou dá uma autorização, na minha parte dá pra aposentar',
ela não quis.
Eu acho que ela tem medo de eu catar a menina.
Eu falei:
'Como que eu vou catar uma criança se eu já criei três sozinha,
com tanto sacrifício?
Vou pegar...' [risos]
Se eu quiser catar, tinha catado.
É dela, é dela, cada um fica com seus filhos lá.
Mas...

*Mas, a senhora não
queria que a Anne
viesse morar junto?*

Não, ela mora bastante tempo comigo.
Hoje não, não quero não.
Hoje eu tô bem sozinha.
Ela dorme em casa uma vez por semana,
tinha uns quinze dias que não dormia,
de ontem pra hoje dormiu.
Nas férias ela fica as férias inteirinha comigo.
Fica o mês inteiro,
só vai embora final de semana.
Mas, não, não quero.
Já quis muito,
se me desse um neto,
hoje eu falo: 'Se for pra mim criar um neto, eu crio,
se a mãe... perderem a mãe'.
Mas, pra mim criar neto hoje eu não quero não.
Filho nenhum, hoje, de ninguém eu quero.
Porque é difícil você criar um filho sozinha.
Foi difícil pra mim criar as três sozinha.
Eu sei o que eu passei pra criar três filhas só.

O problema com uma das filhas

- Muito difícil?* Foi difícil, pra hoje uma não te dar valor.
Porque o que a minha filha do meio fez comigo acho que eu não faria nem com um cachorro.
- O que que aconteceu?* Não, não...
essa parte, eu não quero entrar em detalhes.
- Certo.* Então, eu acho,
eu senti, doeu muito.
Eu acho que se ela tivesse me dado um tapa,
acho que tinha doído muito menos do que o que ela fez.
Mas... então tudo isso passa.
Eu criei três, não sei onde que eu errei com uma ou com uma.
Mas, se for pra mim criar filho dos outros, crio,
não vou falar pra você que não crio neto,
não crio uma criança, crio,
se perderem a mãe...
e o pai deixar jogado,
porque o contrário disso, não.
Não crio um filho hoje em dia não.
Se precisar de ajudar, levar em médico, eu levo,
se precisar de mim, eu tô ali pra ajudar,
mas mim criar, pegar e: 'Não, eu vou cuidar, vou...',
não.
Não quero mesmo, é muita responsabilidade.
Não quero,
agora, se perder a mãe um dia,
pode ser que eu olhe, mas...
inclusive eu conversei com a minha mãe,
eu não sei onde que eu errei na criação das três, não sei.
Se tivesse criado uma melhor de que a outra.
Se eu comprasse um chinelo pra uma, comprava pra outra;
uma calcinha pra uma, comprava pra outra.
Tudo praticamente igual.
Mas, diz que nem os dedos da mão é igual, né? [suspirando]
- Talvez a senhora não tenha errado.* Não, não sei.
Acho que não, não sei.
Eu pergunto pra mim e não vejo aonde que eu errei.

Inclusive no dia que aconteceu,
no dia que a minha filha abortou,
que eu cheguei tava no hospital com a minha mãe,
me ligaram,
a minha tia me ligou falando pra mim chegar em casa,
fui à noite em casa, era quase onze horas da noite,
tava na casa da mãe, dessa aqui, da Júlia,
eu falei,

eu passei pra jantar, jantei lá,
eu falei: 'Não sei aonde que eu errei'.
Talvez se fosse... assim que eu separei
se eu fosse aquela mãe que eu saísse na sexta,
voltasse na segunda,
deixasse sozinha,
eu tinha sido uma mãe boa,
como eu não fiz isso, fui ruim.
Daí que elas vêm, as duas, tava a Júlia e a Fernanda
e elas falaram pra mim:
'Por causa de uma, as duas vai errar,
vai falar pelas três agora?
A gente não faz isso com a mãe'.
Então, eu fiquei até quieta,
porque se eu fosse falar ia sair um monte de coisa. [risos]
Mas, eu falei, falei:
'Se eu fosse assim, então, eu era boa, fui ruim.
Então, agora eu vou ser ruim pra ser boa'.
Inclusive ela foi em casa pra pedir pra voltar
eu não deixei.

Pedir pra voltar?

Pedir pra voltar pra morar dentro da minha casa,
eu não deixei.
Que eu deixei na primeira.
Sempre falei: 'Com uma sai, com uma volta!'. [?]
Foi da primeira vez, voltou.

Da primeira vez o quê?

Da primeira filha.

Ah, sim.

Voltou pra minha casa.

Certo.

Engravidou de novo, foi embora.
O terceiro de novo?
Depois vem em casa.
Quando ela veio me pedir,
ainda inclusive em maio, junho, acho,
foi em junho que ela veio pedir pra mim pra voltar pra casa,
eu olhei pra ela,
ainda falei pra minha caçula: 'A Cláudia tá grávida.'
Porque é eu olhar e falar que tá grávida,
eu sei que ela tá grávida!
Que ela começa, engorda muito dos lados.
Eu falei: 'Não, não vai voltar não',
ainda eu fui e falei pra ela:
'Você pode até voltar,
se você entrar aqui com um papel do fórum
da pensão das criança
e se você tiver grávida eu ponho as crianças pra FEBEM
e você vai pra rua',
só que eu não ia fazer isso.
Aí, não veio.

No mesmo dia foi morar com a sogra, com a ex sogra lá.
Então, não quis, não quis,
dentro de casa eu não quero.
Eu posso pegar as criança,
inclusive a minha mãe perguntou pra ela sábado, domingo
que ela foi em casa: 'Cláudia, você não tem medo?
Você abortou de quantos meses?',
'Tava de três meses, de três pra quatro meses',
'Você não tem medo de morrer?',
'Ah, se morrer, enterra!',
'E as crianças?',
'O pai cuida!',
'O pai não tá cuidando nem agora'...

Ela fez um aborto?

Ela fez um aborto.

*Ela não abortou
espontaneamente?*

Ela fez um aborto.
Então, isso mexe muito.
Se você não quer, tem várias maneiras de evitar.
O posto dá remédio de graça,
tem camisinha de graça,
tem muita maneira de evitar.
Se eu quisesse encher a casa, eu tinha enchido.
Mas, eu vi que não dava,
só criei as três.
Não quero, hoje eu não quero filho de ninguém.
Então, é isso.
Então mexe,
tudo isso vai mexendo, vai mexendo.
E como ela achou o caminho pra abortar,
toda hora vai abortar um.

*Como ela achou o
caminho?*

[risos]
É, eu falei pra minha mãe, falei:
'Como ela achou, foi fácil abortar, foi'.
Então, toda hora... pensa que é fácil abortar,
quando ela achar mesmo.
Não sei como que ela abortou, não perguntei,
não entrei em detalhe, não pergunto.
Inclusive, o dia que eu fui no hospital mesmo,
na hora de vim embora,
me ligou pra mim ir lá, fui lá buscar.
Chegou onde que ela conhecia, que dava pra ir embora,
ela entrou no ônibus e foi embora sozinha.
Nem falou pra mim 'Tchau',
'Muito obrigado'
ou 'Benção, mãe', nada.
[?] Isso tudo isso vai mexendo com a gente... vai mexendo.
Diz a minha cunhada, a tia dela,
a primeira vez que aconteceu que separou,
que eu aceitei em casa,

a segunda falei que não ia aceitar, que eu ia pôr na rua,
foi contra mim!
Só que ninguém vê,
ninguém quer dentro de casa.
Põe ela dentro de casa!
Falei para minha filha: 'Não, agora eu vou fechar os olhos do coração,
vou ser assim,
vou ser ruim mesmo!
Vou ser ruim que eu vou ser boa!
Muito boa era ruim, pois agora vou ser ruim!'.
Vou ser ruim porque... não dá.
Tá pagando, ganha pouco, paga aluguel,
vai pagar aluguel mesmo,
que ela tem que sentir na pele
o que ela tá fazendo com os filhos.
Então, pôs no mundo, tem obrigação criar.
Você tem que pôr no mundo
até onde você vê que dá pra você criar,
se não dá, pára.
Ou você está enchendo a casa e não pode,
porque filho nenhum prende homem!
Isso eu sei, não prende.
Filho nenhum prende homem,
se falar que fo... que filho prende homem é mentira,
porque não prende.
Então, pra mim...
gostar dela? Gosto, das três iguais,
as três filhas iguais,
eu gosto iguais,
mas... não sei.

*Mas, a senhora tá
falando que tudo isso
mexe...*

Mexe...

*Mexe porque a senhora
ultimamente tá se
sentindo...*

Acho que tô,
acho que eu guardei muita mágoa...
muita coisa.

Dói?

Dói.
Dói muito...
dói, dói, dói pra caramba,
mas... é difícil, é,
mas...
um dia eu passo por cima de tudo isso.
A minha...
se não fosse ela,
até falei, se não fosse a Anne, eu sumiria no mundo,
ninguém me descobriria.

Mas, sumiria, como

Sei lá... arrumava um serviço pra longe,

assim? ficava um bom tempo sumida e depois eu voltada.
Mas, eu tenho ela.
O pai dela me deu ela na UTI,
então...

Ele te deu ela? Ele tava ruim,
ele chegou, mandou me chamar até lá, eu fui.
Quando eu cheguei, ele tava entrando pra UTI,
ele só falou pra mim: 'Acaba de criar a tua filha
e cria a minha filha pra mim, que dessa eu não volto mais'.
Não voltou mesmo.
Então, parece que tem essa possibilidade de olhar, tudo,
acho que foi por isso, também,
se ela tivesse andando praticamente com as próprias pernas,
ah, não pensava duas vezes, sumia.
Dava um tempo, depois pra elas dava valor,
elas não, uma, né, [?]
tirando isso...
mas, é meio complicado...

Futuro

E a senhora acha que vai dar pra deixar a Anne caminhar com as próprias pernas quando? Ela caminha...
ah, quando ela tiver uns doze anos
ela tá caminhando com as próprias pernas.

É? Tá, depende da gente pra tudo.
Apesar que hoje ela não depende da gente pra tudo.
Faz tudo sozinha,
quer comer, às vezes põe lá, esquentada,
quer alguma coisa, vai e faz.
Falando assim caminhar pra colégio, pra médico, pra tudo.
Quando ela tiver uns doze, quatorze anos, ela já faz sozinha.

Aí, pode namorar? Não, ainda não, tá cedo. [risos]
Tá cedo! [risos]
Tá cedo,
a gente vai ter que conversar muito com ela,
tá muito cedo pra namorar ainda,
mas... espero que ela demore,
que seja a última coisa que ela vai fazer é namorar.

Mas, e aí, casar, ter filho? Não,
casar, ter filho, lógico vai,
mas não agora, né,
agora ela tem que pensar no futuro, na escola, estudar,

mas, sim,
mas, com o tempo...
vamos ver até onde que ela vai.

*E a senhora se preocupa
se ela vai namorar com
um surdo ou com um
ouvinte?*

Não, não passou,
não pensei nisso ainda.
Não cheguei lá ainda não. [risos]
E gente vê pelo irmão,
ela tem um irmão que é filho do meu genro, enteado da minha filha,
que considera como irmão, que é um neto também que eu tenho,
ele acho que pra namorar assim,
ele vai morar com a minha filha agora, vai ser difícil.
Ele tem um pouquinho de ciúme dela. [risos]
Você vê assim que ele tem um pouquinho de ciúme,
vai ser difícil os dois,
mas vamos ver.
Acho que ele vai ajudar a cuidar um pouco dela,
vai aprender um pouco.
Porque você vê,
a gente vai pra praia assim,
se chega uma criança, um moleque perto dela,
ele vai senta no meio. [risos]
Eu falei: 'Já tenho um ajudante!' [risos]
Ele vai tentar ajudar a criar ela.

Quantos anos ele tem?

[risos]
Ele tem onze, acho que onze.
[pergunta, em sinais e em português para Anne]
Quantos anos o Marquinhos tem?
Quantos anos o Marquinhos tem?
[Anne pergunta: 'Quem? Que Marquinhos?'.
Fala, em sinais e em português]
O Marquinhos, filho do Cris.
Quantos anos, dez?
Onze [Anne responde].
Onze! [risos]
Ele é super legal também,
ajuda, gosta muito dela.
Inclusive, ele fala bem sinais,
pra quem não fez aula, ele fala bem.
Pergunta muito pro pai dele,
muitas vezes ela tá falando com ele em sinais,
ele pergunta pro pai o que que ela tá falando,
pra minha filha o que tá falando,
ele tá aprendendo... sinais.
Vai ser uma parte que vai ajudar bastante.
A minha neta, Maria Eduarda, também,
diz ela que vai aprender a falar sinais,
ela quer aprender,
então... vou ver se a gente leva ela, começar a fazer...

*A senhora falou que já
respondeu essa
pergunta, mas não
respondeu pra mim...*

[risos]
O que você vai me perguntar? [risos]

*O que a senhora espera
daqui pra gente com a
Anne...*

Ah, eu espero que ela seja uma boa pessoa no futuro,
estude bastante,
que seja aquilo que ela quer,
pra ela não ficar dependendo de ninguém,
que é difícil a gente ficar dependendo dos outro
e... faz um curso, que chegue,
se Deus ajuda que chegue até a faculdade,
pra poder tentar passar o que ela aprendeu pros outro.
Ser professora? Pode.
Apesar que ela falou que quer ser médica,
também não sei.
Pra médica é difícil,
médica surda é difícil.
Então, vamos ver,
espero é isso dela.
Espero que nunca ela fica dependendo dos outros, pra nada.
Que ela seja,
que ela ande sempre com as próprias pernas dela.
Porque ela não vai achar a mãe direto,
a vó direto,
o pai direto, entendeu,
então
ela sempre vai ter que
aprender mesmo,
apanhar, cair, levantar,
sempre ter vontade que vai ser de cabeça erguida,
o que eu quero dela é isso.
Né, porque, se cair e deixar cair não,
eu quero sempre que ela levante sempre de cabeça erguida.
Não é porque ela é surda que ela é melhor,
pior de que outra pessoa.
Então, ela tem que entender sempre que ela é igual,
igual todo mundo,
ou melhor de que outras pessoas.
Tem, igual o Alex sempre fala pra gente,
tem surdo?
Tem surdo ladrão, tem surdo vagabundo,
tem surdo de todo jeito,
drogado, igual, igual.
Então, se é igual, vamos pra esse lado, né?
Então, é isso aí.
Eu quero que ela ande sempre com a própria perna
e aprenda sempre a dizer 'não', né,
porque geralmente, tem gente que aproveita muito,
então sempre dizer 'não',
é o que a gente tá ensinando pra ela, uma parte assim.

Que ela sempre aproveite dos estudos dela,
que ela continue sempre,
espero que ela seja muito inteligente, continue sendo,
é isso.

Porque é difícil,
já pensou uma criança
igual todo mundo fala,
no começo, colocamos ela no colégio,
minha mãe veio: 'É longe,
você vai ser arrependido,
você não vai conseguir levar todo dia'.
Graças a Deus até hoje a gente tá conseguindo.
Espero que a gente consiga daqui pra frente.
Agora, que tá maior vai ser mais fácil pra levar,
quando eu comecei, inclusive quando eu comecei lá,
ela começou fazendo uma vez por semana,
depois passou a ser duas vezes por semana e isso era cedo,
ela tinha que estar no colégio seis horas, sete horas,
eu tinha que sair de casa cinco horas da manhã,
fui, consegui,
hoje ela tá na parte da manhã.
Foi difícil? Foi, no começo,
agora, é o de menos.
Tá grande, já dá pra andar praticamente sozinha,
hoje, é o de menos.
Vou,
se precisar de ficar no colégio o dia inteiro, fico.
Se precisar de ver ir alguma coisa, vou, não tem problema.

Mas, é a única coisa que eu espero dela.
Que ela dá valor à mãe dela, né?
Tudo, tudo,
que tudo o que ela quer hoje ela tem.
Tudo o que ela quer eles dão, no baixo do possível, mas dão.
É isso.

Inclusive todo mundo fala que a Anne é muito mimada.
Não sei onde!
Mimada? É,
a gente mima!
Mas, todo mundo fala: 'A Anne é muito mimada,
você mima muito,
é muito pirracenta!'.
E a Anne só dá certo sair comigo,
com a mãe, e com o Cris só, com o meu genro,
o resto, mais ninguém.

Senão ela dá pirraça?

Dá,
a gente sabe disso.
Ela vai, ela às vezes você tá,

a minha irmã, pelo menos assim que fala,
ela fala demais pelos cotovelos,
saiu com ela, veio buscar ela no colégio,
foi o dia que ela trouxe aqui na USP pra mim,
passou no shopping, onde que a minha filha trabalha,
diz que ela fez o maior escândalo, que não sei o que,
que não sei o que, que não sei o que.
Mas, eu acho que não tinha,
um pouco ela fala demais.
Porque comigo ela obedece,
sai com a mãe obedece, ela só quer as coisas.
Se falar: 'Não tem dinheiro', não tem dinheiro!
Pronto, não compro.
Caso contrário...
eu acho que era mentira,
não sei, pode ser,
perguntei pra ela, ela falou que era mentira. [risos]
Não é pra você acreditar muito,
mas eu acredito mais na Anne. [risos]
Que eu sei a irmã que eu tenho. [risos]
Mas, eu acredito mais nela.
Inclusive quarta, quarta-feira é dia de reunião aqui,
é quarta? É.
A mãe tem médico,
quer que eu vou falar com o médico.
Eu falei: 'Não, não dá, não vou,
porque a minha irmã tá em casa, vai lá',
porque eu tenho reunião aqui,
tenho aula lá e é a última reunião do ano aqui na USP, né,
então, tem que vir.
Então, falei que não dá.

Quando dá eu vou, é minha mãe,
vou mesmo, faço,
se for pra mim fazer tudo pra minha mãe, eu faço,
gosto muito dela,
me deu uma mão muito grande quando eu separei,
mas... pra ir no médico não.
Prefiro vim, correr atrás da Anne,
porque a minha irmã tá parada em casa,
dá muito bem pra ela ir com a minha mãe.
É maior de idade, se fosse menor, ainda ia,
mas é maior de idade,
então, ela falou pra mim: 'Ai, a gente troca,
eu vou na USP e você vai lá',
eu falei: 'Não, na USP sou eu que estou desde o começo do ano,
eu tenho que estar lá'.
Então...

Então, é isso... dá pra criar uma criança surda?

Dá, não tamo criando essa? [risos]
Dá sim!

Não é esse bicho?

Não, não é um bicho-de-sete-cabeças, não.
Tem criança ouvinte que é pior de que uma criança surda, bem pior.
Não vou falar pra você que eu queria começar tudo de novo com uma criança surda, não.

Se viesse outra criança...

Se viesse outra e não tivesse outra opção, eu queria e criaria com muito prazer.
Mas, espero que não, que não venha, mas se vier, por que não?
Já passamos pela primeira, pode ir pela segunda também, né?
Se não tiver opção, pior é uma criança assim, você vê tanta coisa pior.

Eu cheguei a ir, no começo, até na AADC, eu fui na AACD.
Você vê criança sem braço, sem perna, só metade.
Aí, eu fui cair em mim que a minha é [?], anda, só não ouve.
Come com as próprias mão, com seus pés.
Você vê muita coisa pior, inclusive do lado da minha casa, eu não vi a criança ainda, não vi, é irmão da minha vizinha do lado, o filho dela nasceu sem os dois braços... então, eu acho que aí é pior, mas difícil, mas não é impossível, é difícil, mas não é impossível, pra Deus, Deus dá o cobertor de acordo com o frio, mas, é a necessidade de cada um. É o de menos.

Pra mim, tem hora que eu até esqueço que ela é surda [risos].
Mas, não... talvez, por outro lado, se for, se Deus permitir vim um outro, passo pela mesma coisa de novo.
Sem problema nenhum.
Mas, a mãe dela diz que não quer mais filho, a outra também diz que não quer, só uma que tem três.
Elas dizem que não que mais criança não.
Mas, eu acho, eu queria um menino, um neto.
Tenho um, dois...

Você queria mais?

Queria mais um,
mas elas não quer, então...
então, não quer, não quer então.
Aí quem não quer mais filho sou eu, tô bem assim,
minha caçula tem vinte e um anos, tá ótimo.
Quero mais não.
Então, era isso,
mas...

na família do pai dela
diz que tinha uma criança que demorou falar,
falou depois dos sete, oito anos,
mas hoje fala,
não sei se fala mesmo, não conheço,
da família dele só conheço a bisavó, a vó dela,
acho que dois tios, dois três tios e o irmão dele, só,
não conheço mais ninguém.
Então, não sei se é verdade,
se não é, mas, isso aí.
Revolta com a família dele que não ajuda nada eu não tenho.
Deus sabe o que faz,
Deus é pai, não é padrasto.
Não tenho revolta não.
Se for o caso de falar,
ela tá necessitando, precisou de remédio um dia,
a gente chegou na porta, bateu,
mentira,
isso a gente nunca precisou.

A mãe dela foi muito mulher pra criar,
pôs no mundo criou sozinha,
hoje não, que ela tem um companheiro ótimo,
então, hoje é tudo dividido.
Inclusive, a gente foi pra praia o ano passado,
a Anne pegou um negócio no Joelho,
ficou lá no Iguatemi,
passei a noite,
no outro dia de manhã,
foi o padrasto dela ficar com ela o dia inteiro lá.
Eu fui dormir, que a minha filha tinha que voltar a trabalhar,
ele faz tudo por ela.
Então, parece que ele é o verdadeiro pai.
Eu sempre falei:
'Pai não é aquele que faz, sempre é o que cria'.
Então, pelo carinho que ele tem dela, que ele gosta,
a gente vê que não é fingimento,
a gente vê que é verdadeiro, então.
Inclusive a Júlia namorou um rapaz,
não é por causa de cor, que eu sou negra também,
minha pele é preta,
eu vi ele judiando da Anne.
Esperei ele ir embora e falei pra ela:

'Se você pretende casar com esse cara aí,
ó, você pode esquecer a Anne'.

O que a senhora viu?

Ele, pra mim, ele beliscou ela,
não sei se beliscou ou puxou, sei que ela chorou.
E eu falei pra ela:
'Se você casar com esse menino aí você pode deixar a Anne'.
No outro dia ela terminou com ele,
então...
passou um bom tempo sozinha,
arrumou essa pessoa que tá hoje.
Então tá ótimo, muito bem...
ela gosta muito do padrasto dela.
Ela fala que tem dois pai, um tá no céu e outro tá aqui.
Tá ótimo [risos].
Falei:
'Em falta de... tem um que não tem nenhum, ela tem dois!' [risos]

E a família dele tinha,
a família do pai dela acho que morria de medo
de ela arrumar uma pessoa que não prestava,
por causa da menina,
inclusive o Cris foi até lá, eles gostou muito dele,
diz que é uma ótima pessoa.

Falei:
'E realmente é mesmo.'
Pelo menos ele não é pessoa que bebe,
que tem aquele vício de bebida.
Não bebe, fumava, fuma, parou,
tem dois anos que ele parou de fumar.
Mas... gente, vamos embora?
Acabou, acabou não tem mais...

É isso?

Ah?

É isso?

É isso! [risos]

Brigada, D. Madalena!

De nada! [risos]

6.2.5. D. Raquel

D. Raquel é casada, migrante e mãe de três filhos. Sua entrevista aconteceu em uma das salas do CDP e inaugurou a série de entrevistas deste trabalho. À época da entrevista D. Raquel trabalhava informalmente vendendo cosméticos e passava muitas horas do seu dia levando e trazendo seu filho Vinícius da escola e de consultas médicas. Antes da entrevista, D. Raquel disse que nossa entrevista seria muito rápida, pois ela não tinha muito que falar. Depois da nossa conversa, entretanto, D. Raquel disse que gostou muito da experiência de contar a sua vida e vê-la no papel e chegou a incentivar outras mães a participar do trabalho.

Resumo

*Vamos começar, então!
Para começar eu queria
saber como é a sua vida.*

A minha vida é assim:
eu levo o Vinícius na escola de manhã,
pego ele lá...
é...
segunda e quarta nós vem pra USP fazer fono, fonoterapia...
tenho mais dois filhos, né?
Deixo eles em casa,
eles estuda na parte da manhã...
minha vida é essa:
cuidar da casa e cuidar deles!
Trazer eles pra escola,
tudo mais...

*Seus outros filhos são
surdos?*

Não, são... normais.

Só o Vinícius?

Só o Vinícius.

O diagnóstico

*E como foi que você
descobriu que ele era
surdo?*

Porque eu tive rubéola e passou para ele.
Eu tava com três meses de gravidez,
aí ele nasceu assim.

E aí, como é que foi?

Aí... foi fazer todos os exames dele, né?

Eu fui fazer...
ele tinha dois, quatro meses,
tem que fazer fundo de olho, né?
Aí, a médica falou assim:
'Seu filho enxerga muito bem, seu filho é surdo!'.
Nessa hora, eu não esperava, né?
Que eu não sabia ainda...
comecei a chorar,
fui chorando até em casa.
Aí eu cheguei, né,
falei para o pai dele que o Vinícius era surdo.
Ele falou assim: 'Não é, meu filho não é surdo!'.
Eu falei: 'Mas, foi o que a médica falou.
Aí, depois...
pediu para fazer o BERA, né, pra saber.
Aí quando fez o BERA acusou
que ele era realmente surdo.
Ele foi,
o pai dele, foi difícil conformar, né,
depois acostumou.

Aí logo a gente levou ele pra... pra DERDIC
pra fazer fono,
desde pequenininho,
desde uns... quatro meses,
ficou lá até os cinco anos...
fazendo fono.

Aí depois eu coloquei ele numa escola,
na BRASCRI,
que ficava integral, né,
ficou lá até os sete anos.
Aí depois...
coloquei ele na... em outra escola,
na Padre Fonces,
ele tá lá até hoje.

Ele vai pra terceira série já,
ele é muito inteligente,
muito levado também,
qualquer coisa fica agitado.
Com os irmãos dele ele comunica bem também,
briga também bastante com eles.
Mas é...
o dia a dia deles é assim.

*E o que a senhora sentiu
quando teve a
confirmação da surdez?*

Ah, acostumei...
aí eu tô aprendendo sinais, né, pra comunicar com ele.

Levar ela ao médico,
para tudo que precisava.

Ele tinha também nasci...
ele tinha problema de coração, né,
aí todo mês eu acompanhava ele no cardiologista,
levava todo mês.
Aí, até agora... até uns cinco anos,
depois não precisava mais...
levar...

*E agora ele tá com
quantos anos?*

Agora ele fez dez anos...

*E essa escola que ele
estuda é...*

É especial...
Ele tá fazendo a terceira série agora.

A língua de sinais

*E você fala em sinais
com ele?*

É, sei um pouco né,
comunico com ele,
o que eu não sei ele me ensina,
o que eu não sei ele fala que tá errado,
ele me ensina...

*E quando a senhora
decidiu aprender sinais?*

As... foi quando ele entrou na BRASCRI,
quando ele tinha o que, cinco anos,
aí eles davam aula de sinais pra gente
e eu fui aprender.
Aí, eu sei um pouco...

*Mas, parou de fazer
aula?*

Não, eu faço aqui também
toda às quarta-feira...
Cada dia eu tô aprendendo um sinal diferente.

*E tá sendo bom
conversar com ele?*

Muito bom!
Pra entender ele tem que ser a língua de sinais mesmo.
No começo foi difícil,
não sabia sinais, nossa.

*Como é que era no
começo?*

Muito difícil.
Ele corria,
eu tinha que correr atrás dele,
ele era muito agitado,
dentro do ônibus...
nossa, muito.

Depois que eu comecei a comunicar com ele melhorou mais,
ele tá mais calmo,
ele era muito nervoso...

Fonoaudiologia

- Aí a senhora falou que quando... logo que... logo que ele era novinho, né, vocês levaram ele pra DERDIC pra fazer fono...* Não, assim que descobriu, né, que ele era surdo, ah tinha uns quatro, cinco meses, aí a gente levou ele pra DERDIC pra fazer fono lá, ficou lá até os cinco anos lá.
- Por que a senhora queria que ele falasse... ou por que foi essa a indicação que te deram...* Foi a indicação que deu pra ele fazer fono, pra que ele desenvolvesse lá... usar aparelho e tudo... aí depois tirei ele e coloquei em uma outra escola integral...
- E agora ele não usa mais aparelho?* Não, ele usa... é... por enquanto tá quebrado o aparelho dele, mas ele usa...
- Como que é... a relação do seu marido com ele?* Ah, eles brinca muito os dois, quando ele tá em casa, final de semana, eles brinca muito os dois, brincando...
- Ele já aprendeu língua de sinais?* O pai sabe muito pouco. Ele não participa, né? Trabalha direto, muito pouco mesmo...
- A senhora falou que quando ele soube da surdez pra ele foi muito difícil...* Foi, pra ele conformar: 'Não, meu filho não é surdo!'. Eu dizia: 'Mas foi o que a médica disse, né?'. No começo foi difícil para ele, depois... ele acostumou, né? não podia fazer mais nada!
- Mas, difícil como? Ele falava pra você que não queria...* Não é que não queria, sei lá, pelo comportamento, sei lá... da reação dele naquele tempo, né... acho que.. porque na minha família não tem ninguém, né, ele achou meio difícil. Aí... acostumou...
- E os outros membros da família, se relacionam com o Vinícius? Sem ser os irmãos...* Todo mundo trata ele bem...

*Mas, só você que sabe
sinais?*

Minha família mesmo realmente só eu,
mais ninguém sabe.
Os irmãos dele sabe é que aprende com ele,
comunica com sinais.
Mas, quem sabe mesmo realmente só eu.

*Os irmãos são mais
velhos?*

Tem um mais velho e a outra mais nova que ele...

Preconceito

*A senhora já
presenciou... ou achou
que alguém tava sendo
preconceituoso com ele
por causa dele ser
surdo?... na rua...*

Não, que eu saiba não...

*Todo mundo sempre
tratou ele bem?*

Sempre foi bem,
no ônibus mesmo quando ele ia pra escola,
enquanto... eu pegava o livro, né,
contava historinhas em sinais, né,
aí tinha umas pessoas do lado,
uma mulher assim do lado chorou,
disse que estava emocionada,
que ia contando,
tinha que descer, né,
e ele contando em sinais a história,
a mulher chorou...

*E o que você sentiu
quando ela falou isso?*

Nossa, eu fiquei assim... né...
'Nossa, o Vinícius,
a mulher chorando por causa dele!'.
Porque ela ficou emocionada, né,
contando histórias em sinais, do livro,
eu pegava o livro,
contava em sinais.
A mulher viu,
começou a chorar,
chegou a soluçar chorando...
aí, outro dia tava meu irmão e a minha cunhada,
tava vindo com ele.
Era uma senhora de idade,
aí ela viu ele,
ela falou...
aí ela falou: 'Eu não sabia que ele era surdo não'
e começou a chorar,
ficou com dó dele,
começou a chorar!

E o que você, falou o que para ela? Só que eu não tava com eles!

Ah, tá! Diz que conhecia ele há muito tempo, mas não sabia que ele era surdo. Aí, diz que ficou com dó e começou a chorar. Não sei, diz que ficou com dó dele, que ele era surdo e começou a chorar, uma senhora...

O momento do diagnóstico

Você chorou muito, quando soube? Na hora, eu levei um susto, na hora eu chorei! Porque não esperava, né, eu a mulher falou, a médica falou assim de repente comigo assim...

E ela não... te deu mais nenhuma orientação? Não, só falou isso. Porque pediu para fazer todos os exames, a pediatra, né, crânio, coração, fundo de olho, audição e tudo. Só que eu fui fazer do crânio, deu normal, coração deu pulmonar, quando eu fui fazer fundo de olho aí, ela falou comigo assim: 'Seu filho enxerga muito bem, seu filho é surdo!'. Eu não esperava aquilo!... só isso que ela falou. Peguei e vim embora para casa, só chorando... eu, no dia eu chorei muito, depois... acostumei.

E não tinha ninguém para conversar, para te ajudar? Nada! Ninguém... ninguém... e depois falei com os parentes, o pessoal tudo, todo mundo acostumou, né, fazer o quê?

Momento marcante

Tem algum momento marcante da sua vida com ele que a senhora pode me contar? Alguma coisa muito boa que tenha acontecido... ou não tão boa...

As coisas boas agora que ele está fazendo teatro, né, faz muito bem, a gente até chora, né, de emoção, que ele apresenta muito bem... é isso. E as coisas ruins não têm não, graças a Deus...

A aula de sinais

Como a senhora enxerga a aula de língua de sinais? É difícil? É fácil?

No começo achava difícil, muito. Agora... aprendo rápido.

Por que você achava difícil?

Porque no começo eu não sabia nada, né? Nada, nada, nada. Então, achava difícil. Agora já pronto, acho mais fácil agora.

E vocês dois só se... só se comunicam por sinais?

Com sinais, eu pergunto o que que ele quer, o que tá falando, entendeu? Ele pega e me fala. O que eu não sei ele fala que tá errado também, me ensina. Ele ri... quando eu faço errado.

A dificuldade de trabalhar fora

A senhora não trabalha... fora?

Não! Porque não tem como, né? Tem que trazer ele pra escola, pra USP, cuidar dos outros, não dá para trabalhar, não. Nunca trabalhei fora, não dá.

E, nesses dias, segunda e quarta a senhora passa o

É. Levo ele de manhã pra escola,

dia inteiro com ele? deixo ele lá sete horas,
volto para casa,
onze horas saio de casa,
pego ele e venho para cá.
Só chego em casa sete,
oito horas da noite...

E os outros ficam em casa? Fica em casa,
chega da escola,
fica lá em casa, os dois...

E seu marido só encontra com ele de final de semana? Não, à noite ele chega.
Ele sai cinco horas da manhã,
chega em casa oito e meio da noite.
No final de semana ele folga
e fica o dia todo, o dia todo com eles.
Aí aluga um filme,
vai assistir o filme,
brinca com eles...

O futuro

Como que a senhora imagina a vida do Vinícius daqui pra frente? Ah, imagino que vai ser um...
ele vai ter futuro, né, que ele gosta de muita coisa,
gosta de lutar,
o que ele mais gosta:
fica só lutando, lutando.
E... muito inteligente ele, né.
Eu sei que ele vai ser alguma coisa no futuro,
alguém, né?

O que a senhora queria que ele fosse? Ah, um... sinceramente eu não sei!
Ah, eu quero que ele estude, né,
no futuro faça alguma faculdade,
qualquer coisa...

USP

E a senhora acha que... que a língua de sinais tá ajudando ele na escola? Tá ajudando
e depois que ele tá aqui na USP
tá ajudando bastante também
porque...
as letras dele era feia,
agora tá tão bonita as letra dele!
Tá muito inteli...
antes ele não gostava de fazer lição de casa!

Aí, agora já chega, a primeira coisa que ele pega e vai fazer as lição de casa.
Faz tudo e às vezes ele num... esqueceu de fazer, de duas vezes ele faz quando chega da escola. Ele melhorou muito as letra dele e ele é muito inteligente! Muito mesmo!... matemática, então, rapidinho ele faz a lição... ele gosta também de assistir muita... muito filme assim de luta, de desenhos, essas coisas ele gosta muito, de assistir.

A escola

<i>Essa escola que ele está agora é especial, né, a senhora me falou...</i>	É especial...
<i>Onde que é...</i>	Sempre estudou em escola especial...
<i>Ah, ele nunca estudou numa escola regular?</i>	Comum não, sempre foi especial.
<i>Mas, isso por que a senhora sempre quis colocar numa escola especial...</i>	Eu quis colocar.
<i>A senhora teve essa orientação?</i>	É que tem que ser na escola especial, né?
<i>Então ele nunca passou por uma sala que...</i>	Comum.
<i>Comum?</i>	Não, sempre estudou em escola especial
<i>Então ele teve contato com a língua de sinais desde pequeno?</i>	É, desde os cinco anos, ele começou a estudar com cinco anos. Desde os cinco anos que ele começou... estudar...

O comportamento de Vinícius

<i>A senhora falou que antes ele era muito agitado...</i>	Muito, muito mesmo...
<i>E a língua, a senhora acha que ajudou ele a ficar mais calmo... ou vai crescendo...</i>	Acho que vai crescendo, né, e por causa das atividades que ele faz, né, assim, vem aqui, volta da escola, chega cansado, então, né, fica mais calmo. E aqui ajudou muito, bastante ele, ele evoluiu muito, vindo para cá.
<i>Como era antes de ele vir para cá?</i>	Nossa, era uma brigaiada com os colegas e tudo, hoje tá tudo amigo dos amigos, dos meninos, os coleguinhas dele. Brigava muito com os meninos.
<i>Todos os amigos dele são surdos?</i>	Não, tem ouvintes também. Só que nessa escola que ele estuda, eles têm a classe especial e as outras aulas normal, né, ele tem muito amiguinhos... ouvintes, muita amizade ele tem, com os meninos e com as meninas. As professoras ele chega beija as professora, onde que ele vê, cumprimenta, uma coisa, as mães dos meninos, dos colega. As meninas fala que ele é muito carinhoso, todo mundo fala isso.
<i>Em casa ele é carinhoso também?</i>	É. Ele acorda de manhã e já vem me beijar, abraçar, todo dia ele faz isso...
<i>Os outros não ficam com ciúme?</i>	Fica não...
<i>Por você ficar o dia inteiro só com ele?</i>	Fica não, eu já criei eles assim independente, né, pra ser assim os dois,

que eu tinha mais que ficar com ele, né,
com o Vinícius.

Eu ia pro médico,
pra escola,
pra tudo ele depende muito de mim.
Os outros não,
a escola é dois minutos da minha casa na escola,
então... pra eles ficou mais fácil.

*A senhora acha que...
algum dia o Vinícius
vai poder ficar sem a
sua dependência...*

Vai.

*Estudar, fazer as
coisas sozinho?*

Eu penso assim que vai, né?...

O processo de aceitação

*Então, pelo que eu
entendi, logo de
início... a senhora já
aceitou o fato de ele
ser surdo...*

Eu aceitei, né?

*Não teve nenhum
momento de crise...*

Não.

De desespero...

Não, não teve.

Foi tudo... bom.

Foi só no dia que eu recebi a notícia.

Só um dia...

Só no dia que me deu a notícia que eu chorei,
só isso,
depois...

*O que a senhora
pensava nesse dia?*

Não, não imaginava nada.
Assim,
eu não esperava, né,
essa notícia, né.

É...

De ser surdo...

*Aí quando ela veio, o
que a senhora
imaginava, assim...*

Que falou?

É, logo que ela falou e a senhora... 'Bom, realmente, ele é surdo', passavam coisas pela sua cabeça...

Não passava nada, só comecei a chorar, só chorar, só isso, só chorei. Mas, não passava nada não. No momento eu só chorei só.

E como foi para contar para seu marido?

Aí ele chegou do serviço à noite eu contei e ele ficou... sabe, assim: 'Não, meu filho não é surdo!', eu falei assim: 'A médica falou que é!'. E ele no começo, sei lá, acho que não queria aceitar. Foi difícil para ele, né, depois com a convivência... ele acostumou...

Agora tudo bem?

Ah, tudo bem, isso foi só no dia só que eu dei a notícia para ele...

O contato com a USP

Como que a senhora ficou sabendo do... daqui da USP?

A professora dele, que dava aula para ele, que deixou o nome dele aqui. Aí ligou para mim vim trazer ele.

E já faz tempo?

Não, foi o ano passado, pouco tempo.

Tem ajudado na escola?

Ajudou muito, bastante, a letra dele melhorou muito... Ele escrevia bem feio, né, agora ele escreve melhor que os irmãos dele. E ele é canhoto também mas a letra dele tá linda. Melhorou muito mesmo...

A língua de sinais em casa

Então a senhora é... não se comunica com ele oralmente?

Não, só em sinais. Eu quero falar alguma coisa com ele converso com sinais, ele entende tudo.

Mas os outros membros da sua

Não, mas às vezes aprende com ele também, né, vai lá conversar com ele,

família sim, porque eles não falam sinais...

a irmã dele conversa
fala: 'Você quer isso',
não sei o que,
fala em sinais,
'papai',
'mamãe',
os sinais assim básicos eles sabem e comunica com ele.
Minha cunhada que mora lá,
tem até meu sobrinho pequenininho,
tem dois aninhos
tá até comunicando em sinais com ele,
não sabe falar ainda, né,
fala em sinais com ele,
aprendeu com ele, né!

Família

Tem muita gente da família que mora perto?

Não, só tem meu irmão e minha irmã que mora perto, todos mora tudo em Minas, mora longe....

E aí não dá para ver sempre...

Não, só a cada dois anos...

Aí vai todo mundo pra Minas.

Vai para Minas ir ver o pessoal lá: vó, vô.
E, às vezes eu ligo pro meu pai no final de semana, minha mãe, daí ele fala no telefone, fica imitando eles, assim, que ele não sabe falar, né, mas mesmo assim ele fala com eles... no telefone.

E quando ele está lá como que é? Quando vocês vão visitar...

Quando vou à Minas?

É.

Pra lá...
lá todo mundo fala com ele bem, né, normal...

Mas ninguém conversa com ele em sinais?

Em sinais não...

Como foi que a senhora veio para São Paulo?

Assim que eu casei já vim, porque meu marido, ele é de Minas, só que já tava em São Paulo,

aí eu casei e vim pra cá...
 Já faz doze anos que eu tô aqui...

É bom aqui, a senhora gosta?

Eu acostumei aqui, por causa da escola do Vinícius, né, por que lá onde que eu moro mesmo não tem recurso, né, não tem classe especial, se for para lá o ele vai estudar em sala comum. Por isso que eu não vim embora pra lá ainda...

Por que a senhora quer ir embora?

Não, a gente pretende no futuro ir embora, né... pra criar eles lá é mais fácil, né, tranqüilo, aqui não. Só que lá não tem recurso nenhum, não tem médico, não tem classe especial por isso que eu não fui ainda.

Onde que é a cidade?

Fica depois de Teófilo Otoni, bem pra lá, bem no interior de Minas mesmo...

Como que se chama?

Bertópolis, nem existe no mapa!

Bem pequenininha?

Bem precária mesmo, um povoadinho lá. Aí eu quero deixar ele estudar primeiro né, fazer pelo menos a oitava série pra depois eu ir.

Mas, aí ele vai também... fica todo mundo lá...

É pra ir todo mundo, né..

Os outros filhos

Então, aí a senhora veio pra São Paulo... e logo em seguida teve o Vinícius?

Não, foi o mais velho.

Ah, tem mais um...

Tem um mais velho que o Vinícius, teve um, aí com seis meses eu fiquei grávida do Vinícius...

Quando esse mais velho tinha seis meses?

Fiquei grávida do Vinícius. Depois, quando o Vinícius tinha um ano fiquei grávida da outra. É... aí depois eu parei! Três, né,

	e o Vinícius já nasceu com deficiência também, então...
<i>Isso incentivou a senhora a parar?</i>	Quem?
A...	Não, não foi isso não. O pai dele falou, né, 'A situação é difícil', então, teve que parar. Aí o pai dele fez a cirurgia e não teve mais filho.
<i>A senhora queria ter mais?</i>	Não, tá bom demais...
<i>Já tem um... uma menina... uma menina e dois meninos.</i>	Uma menina e dois meninos.
<i>A diferença de idade deles é pouca.</i>	Muito pouca.
<i>Então dá para eles brincarem bem...</i>	Dá...
<i>Porque, né...</i>	Um tem onze, o Vinícius tem dez e a outra tem oito... Dá um trabalho só, né, cria tudo junto...
<i>Dão muito trabalho, os três?</i>	Não, só quando eles começa a brigar, né, os três tá dentro de casa, um briga, um quer uma coisa, o outro quer outra, um quer assistir um canal de televisão outro quer outro. E, é por isso que as brigas deles são essas.
<i>Então, mas quando eles eram pequenos...</i>	Ah, dava...
<i>Porque como eles têm uma diferença de idade muito pequena, a senhora tinha que sair com o Vinícius...</i>	Eu saía com os três: um segura na mão... não, um segura na minha blusa, outro segura na mão e a outra no colo. Saia com os três!
<i>Para levar o Vinícius ao médico...</i>	É, pra levar no médico, pra tudo... Depois eu fui ganhar,

	fui ganhar o Vinícius levei o outro comigo, não tinha com quem deixar...
<i>E aí, como que foi?</i>	Pro hospital... [risos] Aí, eu liguei pro meu marido, ele veio buscar o outro e o Vinícius nasceu. No começo foi difícil...
<i>Tudo o que tinha que fazer tinha que levar os três?</i>	Tinha que levar os três! Não tinha com quem deixar, morava sozinha... só contei com meu irmão e minha irmã que tava em São Paulo, mas eu morava sozinha, não tinha ninguém. Só eu!
<i>E como era?</i>	Muito difícil...
<i>Em casa também ficava você e as três crianças?</i>	E só!
<i>E seu marido trabalhando?</i>	Hum
<i>Que era ficar com os três?</i>	Era... o dia passava rápido, né?
<i>É, né? [risos]</i>	[risos]
<i>A senhora acha que tinha uma dificuldade extra pelo Vinícius ser surdo?</i>	Não, nunca senti isso não...
<i>Assim, que foi mais difícil cuidar dele do que dos outros?</i>	Não, pra mim assim, tava tudo normal, os três. Não foi difícil não.
A saúde de Vinícius	
<i>Antes de ele fazer o exame nunca desconfiou que ele era surdo?</i>	Não, porque ele é assim... ele dor... não era assim, porque... porque o primeiro eu levei ele no pediatra ele tinha um mês, né, falei assim: 'Ah, então eu vou levar o Vinícius com um mês também!', né.

Aí, ele dormia o dia todo, não acordava pra nada...
aí, eu olhei assim o ouvido dele assim,
eu achei estranho do outro, né,
falei pro pai,
ele falou: 'Não, tá normal, é igual ao outro'.
Então, não dei importância.
Eu falava assim: 'Nossa, o Vinícius vai ser um anjo',
porque o outro,
o outro,
nossa era agitado, não parava, né,
e ele dormia o tempo todo.
Aí depois que fez um mês que eu levei na pediatra,
a pediatra achou muito estranho, né,
ela falou assim: 'Nossa, está estranho, vou pedir um monte de exame'.
Nisso eu ela pediu exame que acusou que eu tive a rubéola,
fez exame em mim e nele,
ele tava com os anticorpos ainda da rubéola.
Aí foi pedido todos os exames pra saber se eu tinha ficado seqüela
e descobriu.

*A senhora sabia
antes que tinha tido
rubéola?*

Não, eu fiquei toda pintadinha o corpo, né,
mas...
que onde que eu moro,
eu moro de aluguel,
são três casas de aluguel, né,
aí a minha a outra vizinha lá tava com rubéola,
mas eu não conhecia, não tinha conhecimento,
vim do norte, ninguém sabia, né.
Eu fiquei do jeitinho dela, todinha pintada.
Eu não fui no médico não.
Aí, depois passou,
a gravidez toda,
depois que eu ganhei ele que fui descobrir.

Porque o Vinícius nasceu deste tamanhozinho assim,
só o coró e o osso.
Aí, quando a médica me entregou ele,
eu falei assim: 'Não, esse menino não é meu filho não',
porque o outro nasceu com quatro quilos,
o mais velho,
quatro quilo,
aí me entrega um menininho de dois quilos e trezentos?

*O outro nasceu
criado!*

Quatro quilos!
E o outro desse tamanhozinho, só o osso...
parecia um velhinho, cheio de correia...
Aí, eu disse assim,
na hora falei assim: 'Não, não é meu filho não'.
Aí, ele ficou lá no hospital tomando banho de luz uns quatro dias,
depois nós fomos pra casa.

- Ele ficou no hospital?* É, quando eu ganhei ele,
ele ficou lá tomando banho de luz,
nasceu todo amarelinho...
- Banho de luz?* Isso.
Ficou muito amarelinho.
Depois foi para casa,
aí todo mundo pensava que ele não ia sobreviver,
porque era muito pequenininho,
só o osso.
Colocava a fralda nele ia no estomago,
de tão pequenininho que ele era...
pegava nele só pegava no osso,
as perninhas,
só o ossinho
e aquela correinha, parecia um velhinho...
- Tadinho...* Aí eu dei mama pra ele rapidinho,
ele pegou o mamá,
rapidinho ele engordou
e ficou um meninão bem fortão.
Em dois meses, quatro meses, ninguém reconhecia ele,
bem pesadão,
gordo, gordo.
O que salvou ele foi o leite materno...
E aí, depois, tocou a vida pela frente
e foi levando ele pro médico,
fazendo tudo
e deu tudo certo até hoje.
- Então ele nasceu
assim por causa da
rubéola?* Por causa da rubéola?
- É, assim, magrinho?* Hum hum, por causa da rubéola.

Aí, nisso ele era bebezinho,
e ele ficava roxinho.
Porque ele tinha problema de coração também, né, e eu não sabia né,
aí qualquer coisinha,
ele tomava um vento ficava roxinho.
Sufocava,
eu sacudia, ele voltava em si, né?
Aí eu via a hora dele morrer!
- A senhora achava
que ele ia morrer
logo?* Não, o pessoal...
ninguém imaginava que ele ia sobreviver, né,
porque do jeitinho que ele nasceu, muito pequenininho...
- Como que a senhora
sentia, vendo sempre* Ah... a solução era só procurar os médicos.
Eu tinha esperança, né,

<i>ele com problema de saúde?</i>	que ele ia recuperar, graças a Deus recuperou... Aí, o pai dele fez até promessa, né.
<i>É? Como é que foi?</i>	Não, porque a mãe dele, aí nessa época, aí ela veio, né, ficar pra me passar a dieta. Aí, ela foi e falou pro filho dela, né, 'Ah, com sete dias ele morre', né, que é... diz que morre com sete dias, né. Aí, o pai dele foi e fez uma promessa pra ele sobreviver.
<i>Fez uma promessa para que santo?</i>	Diz que é, Nossa Senhora Aparecida, ele fez uma promessa, o pai dele.
<i>E ele pagou a promessa?</i>	Não, até hoje [risos]. Mas, ele vai pagar porque ele tá sempre falando que vai, que vai. Aí, ele foi pagar essa promessa... só que ele foi pela rodoviária, né. Foi ele, o pai dele, a mãe dele, o tio, a tia, todo mundo. Só que quando chegou na rodoviária e comprou as passagens ele tinha esquecido o registro, o documento do Vinícius. Então, eles não deixou viajar, teve que voltar para casa. E até hoje tá enrolando pra ir, mas tem que ir esse ano. Mas, não foi porque não deu certo mesmo, por causa do documento dele, não deixou viajar!
<i>Você não fez promessa?</i>	Não, quem fez foi só ele e eu nem sabia da promessa esses dias que ele veio me contar que a promessa era essa. Porque promessa não pode falar, né?
<i>Senão não dá certo?</i>	Sei lá, foi esses dias que ele veio me contar... da promessa..
<i>E como que descobriram o problema de coração dele?</i>	Não, aí levou na época que foi saber da seqüela, que ficou da rubéola, aí passou todos os tipos de médico, aí passou cardiologista, fez todos os exames e acusou que tem estenose pulmonar.
<i>Estirose?</i>	Estenose.
<i>Estenose pulmonar?</i>	Estenose pulmonar.
<i>E o que é isso?</i>	Sei lá,

diz que é um negócio que desenvolve, sei lá...
não sei muito bem não.

Mas, aí, é grave?

É, diz que é caso de cirurgia.
Só que todo mês eu levava o Vinícius,
todo mês eu levava na Avenida Paulista
pra fazer esse exame,
todo mês, todo mês, todo mês.
Aí, chegou uma época,
até os cinco anos,
que falou assim:
'Se for caso de cirurgia tem que fazer'.
Aí, levou e falou que não precisava, né,
que já tava discreta, né,
aí não precisou,
graças a Deus...
fazer cirurgia.

*E agora ele não tem
mais crise?*

Não, isso era,
essas crises de ficar roxinho,
era só quando era bebezinho.
Ficava roxinho,
eu sacudia ele e ele voltava em si.
Aí, passou, era só quando ele era bebê.
Qualquer coisinha sufocava...

Era difícil, então?

Era...

Tinha que ficar...

Não, direto, vinte e quatro horas,
não podia deixar sozinho, né...

Dias atuais

*E aí, o dia inteiro do
lado dele?*

Tem que ser o dia todo.
E eu, assim, vinte e quatro horas vigiando ele.
Se eu tô em casa,
o tempo todo eu tô olhando, tudo,
porque, né...
pra eles tudo é normal, né,
não têm medo de nada...
eu vigiando ele direto...

*Então, agora tá tudo
bem?*

Tá tudo bem

*E tá tudo bem
também em relação à
surdez?*

Tudo bem...

A surdez dele é profunda?

Profunda.

Nos dois ouvidos?

Nos dois, no BERA que fez falou que um era 100% e o outro... sei lá, 90%.
Aí, depois fez outro BERA novamente e falou que era profunda...
Só que barulho assim muito forte, muito forte mesmo ele escuta, como um trovão forte, fogos, muito forte ele escuta.
Porque ele assusta, né...
não sei se é por causa de vibração ou se ele ouviu...
é, faz que assustou...

Teatro

A senhora estava falando do teatro que ele faz?

É, ele tá fazendo teatro aqui, né, ele..
tá muito bem no teatro.
Ele apresentou o teatro mesmo, eu nem esperava, né,
o que ele fez...

E como é que foi?

Nossa, muito legal mesmo, fez tudo bonitinho.
Ele fez assim, acho que foi um texto, briga entre família, né,
ele fez direitinho em sinais, todo mundo gostou.

A senhora gostou de ver?

Gostei muito.

Seu marido veio?

Não, porque ele trabalha, né, não tinha como.

Ah, foi durante a semana?

É, na semana.
Aí ele não veio não...

O futuro

Como que a senhora acha que vai ser daqui pra frente?

Daqui pra frente?

É.

Acho que ele só vai evoluir cada vez mais, né,
na escola,
aqui,

no teatro, em tudo...
acho que ele tem muito, um futuro muito bom pela frente...
eu penso assim, né...

*Mais alguma coisa
que a senhora quer
me falar?*

Não.

Me contar?

O que eu tinha que falar já...

*Porque eu sou
curiosa... [risos]*

[risos] O que eu tinha que falar, já falei tudo...

Obrigada, então!

É só?

*É, só, por enquanto é
só!*

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)